



Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras

A poesia jesuítica do Real Colégio das Artes de Coimbra em louvor da Rainha Santa Isabel

Mestrado em Estudos Clássicos

Joana Augusto Veiga

2022

Dissertação especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre, orientada pelo
Professor Doutor Manuel José de Sousa Barbosa

Aos meus pais

Índice

Resumo	xi
Abstract	xiii
Agradecimentos	xv
Prefácio	xvii
Abreviaturas, acrónimos e siglas	xix
Introdução	1
1. A Companhia de Jesus e a pedagogia das letras clássicas.....	1
2. As composições escolares dos Jesuítas.....	2
3. Rainha Santa: presença intensiva nas composições em prosa e poesia.....	4
4. O corpus.....	6
5. Os manuscritos.....	7
5.1 O códice 3308 da Biblioteca Nacional de Portugal.....	7
5.2 O códice 993 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.....	8
6. Os poemas.....	9
7. A fixação dos textos.....	9
7.1 Problemas de manuscritos únicos.....	10
8. Edição.....	11
8.1 Nomes dos autores.....	13
8.2 Títulos.....	14
8.3 Registo da autoria, da métrica, dos fólhos e da contagem dos versos.....	14
8.4 Datação dos poemas.....	15
8.4.1 Códice 3308.....	15
8.4.2 Códice 993.....	17
9. Tradução.....	18
10. Os autores.....	20
11. Tradição clássica: processos e modelos de imitação.....	20
11.1 Os processos.....	20
11.2 Os poemas e os seus modelos clássicos.....	25
11.2.1 Poemas em dísticos elegíacos.....	25
a. Sem mote.....	26
b. Poesia emblemática.....	29
11.2.2 Poema em metro heróico.....	30
11.2.3 Poemas em ritmos horácianos.....	34
a. Estrofes sáficas.....	34
b. Dísticos jâmbicos.....	36
c. Asclepiadeus.....	38
d. Estrofes alcaicas.....	38
11.2.4 Poema em hendecassílabos falécios.....	39
Texto e tradução	41
[I] Ad Diuam Elisabetham, Lusitaniae Reginam [Alma parens, quae scepra tenes regalia dextra].....	42

[I] A Santa Isabel, Rainha da Lusitânia [Alma Mãe, que tens na mão direita os ceptros reais].....	43
[II] Ad lectorem [Caesaris expectas forsán Magnique triumphos].....	44
[II] Ao leitor [De César e de Magno esperas, talvez, triunfos].....	45
[III] Ad eamdem [Non te scepra suo potuerunt uincere fastu].....	46
[III] À mesma Rainha [Não puderam vencer-te nem os ceptros com a sua altivez].....	47
[IV] Ad lectorem [Cum uideas, lector, sceprum, diadema, coronam].....	48
[IV] Ao leitor [Ao veres, leitor, o ceptro, o diadema, a coroa].....	49
[V] Epigramma [Audierat quondam felix Regina coronas].....	50
[V] Epigrama [A feliz Rainha certa vez ouvira que coroas].....	51
[VI] Aliud [Difficile est nimium Croesos super aethera ferri].....	52
[VI] Outro [É demasiado difícil serem elevados ao Céu os Cresos].....	53
[VII] Ad eamdem [Felix illa dies, laetis celebranda choreis].....	54
[VII] À mesma Rainha [Feliz dia aquele, a celebrar com ledas danças].....	55
[VIII] Ad eamdem [Caesaris Augusti tellus, clarissima diuum].....	56
[VIII] À mesma Rainha [O solo de César Augusto, ilustríssimo pelo].....	57
[IX] Ad eamdem [Tempore sublimis caelos quo, Diua, petisti].....	58
[IX] À mesma Rainha [No tempo em que te dirigiste, Santa, para as alturas dos Céus].....	59
[X] Ad Conimbricam [Te Regina suis, felix Conimbrica, sceptris].....	60
[X] A Coimbra [Feliz Coimbra, a Rainha em vida honrou-te].....	61
[XI] Ad nobiles de Diua Elisabetha [Reginam aspice, turba delicata].....	62
[XI] Aos nobres sobre Santa Isabel [Repara, multidão voluptuosa, na Rainha].....	63
[XII] Ad lectorem de die hodierno [Rex pius instituit, uitae dum carperet auras].....	64
[XII] Ao leitor sobre o dia de hoje [O piedoso rei instituiu, enquanto colhesse a brisa da vida].....	65
[XIII] Ad Diuam Elisabeth, quod nomen latine Dei mei saturitas dici potest [O uere Elisabeth, nunc uere nominis imples].....	66
[XIII] A Santa Isabel, cujo nome em latim pode significar a abundância no meu Deus [Realmente, ó Isabel, agora realmente enches a medida].....	67
[XIV] Ad Diuam Claram de Sepulcro Diuae Elisabeth [Clara, per aethereos uirgo celeberrima tractus].....	68
[XIV] A Santa Clara, sobre o sepulcro de Santa Isabel [Clara, donzela muito célebre pelas extensas regiões celestes].....	69
[XV] Ad reges de Diua Elisabeth [Purpureis tumulum, reges, ornate tapetis].....	70
[XV] Aos reis sobre Santa Isabel [Reis, enfeitai o túmulo com tapetes purpúreos].....	71
[XVI] Aliud [Scepra quidem facile est manibus gestare superba.].....	72
[XVI] Outro [É fácil, de facto, segurar nas mãos os ceptros majestosos.].....	73
[XVII] Ad reginas de Diua Elisabeth [Terrarum Dominae, fulgens quas purpura uestit].....	74
[XVII] Às rainhas a propósito de Santa Isabel [Senhoras do mundo, a quem a púrpura refulgente cobre].....	75

[XVIII] De Diuae Isabellae Reginae laudibus [Larga suis olim cum munera ferret egenis].....	76
[XVIII] Sobre os louvores à Rainha Santa Isabel [Um dia, quando Isabel levava aos seus pobres presentes].....	77
[XIX] De eadem re [Pectora quod uariis stimulent mortalia curis].....	78
[XIX] Sobre o mesmo tema [Por atormentarem os corações dos mortais com cuidados vários].....	79
[XX] De pacis studio [Quid moritura petis nudos Regina per enses?].....	80
[XX] Sobre o zelo da paz [Que procuras, Rainha que vais morrer, por entre espadas nuas?].....	81
[XXI] De Anna, quae sanata est superiore anno [Olim gramineas oleo lambente palaestras].....	82
[XXI] Sobre Ana, que foi curada no último ano [Outrora, Pelásgia, terra fecunda em talentos, ofereceu].....	83
[XXII] De miraculo quod edidit superiore anno [Quod morbos oleum cogit procul ire molestos].....	84
[XXII] Sobre o milagre que realizou no último ano [O azeite que obriga as molestas doenças a afastarem-se].....	85
[XXIII] Aliud [Nobile collustrat uia quod luce sepulcrum].....	86
[XXIII] Outro [O nobre sepulcro que a lamparina ilumina com luz viva].....	87
[XXIV] Aliud [Esse quid hoc dicam: morbos quod pellis oliuo].....	88
[XXIV] Outro [Que direi ser isto: tu afastares as doenças com o azeite].....	89
[XXV] De dominatu Reginae et seruitute [Hanc sine tu dominam, gens lusitana, uocabas?].....	90
[XXV] Sobre a soberania e a servidão da Rainha [Acaso era a esta que chamavas senhora, gente lusitana?].....	91
[XXVI] De triplici regno quod gubernauit [Cingere terna tuam debent diademata frontem].....	92
[XXVI] Sobre os três reinos que governou [Devem cingir tua fronte três diademas].....	93
[XXVII] De contempto diuitiarum [Sceptra manu ponis; fuluo caput exuis auro].....	94
[XXVII] Sobre o desprezo das riquezas [Depões o ceptro com a mão; despojas a cabeça do fulvo ouro].....	95
[XXVIII] Alterum de eadem re [Lysiadum Regina, poli decus addita regnis].....	96
[XXVIII] Outro, sobre o mesmo assunto [Rainha dos Lusíadas, glória acrescentada ao reino do firmamento].....	97
[XXIX] De moderatione animi [Qui potuit non firma uiros rexisse potentes].....	98
[XXIX] Sobre a moderação do espírito [Como pôde mulher não forte ter governado varões].....	99
[XXX] [Iam satis terras coluit iacentes].....	100
[XXX] [Já habitou o suficiente a terra extensa].....	101

[XXXI] In sepulcrum Diuae Elisabetae [Huc Ganges gemmas et pinguia tura Sabaeus].....	104
[XXXI] Para o sepulcro de Santa Isabel [Que o Ganges envie para aqui jóias e os Sabeus os gordos incensos].....	105
[XXXII] Ad eandem Reginam [Ver placidum, flores! Aestas, fer spicea sertal].....	106
[XXXII] Para a mesma Rainha [Gentil Primavera, traz flores! Verão, grinaldas de espigas!].....	107
[XXXIII] De Diuam Elisabeta [Auriferi Regina Tagi dum mente uolutat].....	108
[XXXIII] Sobre Santa Isabel [A Rainha do aurífero Tejo, enquanto revolve na mente].....	109
[XXXIV] Ad Tagum de Diua Elisabeta [Cur, decus Hesperiae, demissus tempora luges?].....	110
[XXXIV] Ao Tejo sobre Santa Isabel [Por que razão, glória da Hespéria, de cabeça baixa choras?].....	111
[XXXV] De Reginae sepulcro, a rege Sebasto inuiso [Nuper Sebastus, Lysiae gentis decus].....	112
[XXXV] Sobre o sepulcro da Rainha, visitado pelo rei Sebastião [Há pouco, Sebastião, glória da Lísia gente].....	113
[XXXVI] De Regina [Cum Sol alipedes reget per nubila currus].....	116
[XXXVI] Sobre a Rainha [Ao conduzir por entre as nuvens o carro alado, o Sol].....	117
[XXXVII] Aliud ab eodem [Dum tibi diuitias, dum dat tibi munera Pluto].....	118
[XXXVII] Sobre o mesmo tema [Enquanto Plutão te dá riquezas, enquanto te dá presentes].....	119
[XXXVIII] In laudem Reginae Ode [Ecquis te meritis laudibus efferet].....	120
[XXXVIII] Ode em louvor da Rainha [Será que alguém te enaltecerá com merecidos louvores].....	121
[XXXIX] Ad Reginam, de classe quae parabatur Olysiptone [Regina, nostrae gentis aeternum decus].....	124
[XXXIX] À Rainha, sobre a armada que se preparava em Lisboa [Rainha, eterna glória da nossa gente].....	125
[XL] Ad Reginam Augustam [Qualis cum pluuios tellus sitit arida rores].....	130
[XL] À Augusta Rainha [Tal como quando a terra árida tem sede de orvalho de chuva].....	131
[XLI] Ad Reginam Augustam [Callidus humanos de limo ducere uultus].....	132
[XLI] À Augusta Rainha [Do filho do magnânimo Jápeto, hábil outrora].....	133
[XLII] Ad Reginam Augustam [Dura fatigaret ne solum cura maritum].....	134
[XLII] À Augusta Rainha [Para que um duro cuidado não fatigasse o solitário marido].....	135
[XLIII] Ad Reginam Augustam [Illa quidem solita est regali accumbere mensae].....	136

[XLIII] À Augusta Rainha [Ela habituou-se, é verdade, a sentar-se à mesa do rei].....	137
[XLIV] Ad Reginam Augustam [Crimina dum natum caeci seu claustra sepulcri].....	138
[XLIV] À Augusta Rainha [Enquanto os crimes ou os ferrolhos do sombrio sepulcro].....	139
[XLV] Ad Reginam Augustam [Eia, age, Lysiaci repete incunabula regni!].....	140
[XLV] À Augusta Rainha [Eia, vamos, procura as origens do reino Lusitano!].....	141
[XLVI] Ad Reginam Augustam [Terna soror, quae sermonem moresque uenustat].....	142
[XLVI] À Augusta Rainha [A terceira irmã, que adorna a linguagem e os costumes].....	143
[XLVII] Ad Reginam Augustam [Non cui sericeae canescunt uellera syluae].....	144
[XLVII] À Augusta Rainha [Não aquela para quem embranquecem os velos da floresta de seda].....	145
[XLVIII] Ad Reginam Augustam [Regina ut moritur, coeunt ad iussa Tonantis].....	146
[XLVIII] À Augusta Rainha [Quando a Rainha morre, às ordens do Tonante reúnem-se].....	147
[XLIX] Ad Reginam Augustam [“Omnis habet geminas hinc atque hinc ianua frontes].....	148
[XLIX] À Augusta Rainha [“Toda a passagem tem duas frentes, de um lado e do outro].....	149
[L] Bellum Africum Reginae Consilium [O gens pace potens, gens Marte potentior, audi].....	150
[L] Conselho da Rainha sobre a guerra de África [Ó gente poderosa na paz, gente mais poderosa no marte, escuta].....	151
[LI] De Regina [Vides ut altis stet niue clarior].....	166
[LI] Sobre a Rainha [Vês como se ergue em elevado trono].....	167
Bibliografia	171
Apêndice: sínteses biográficas dos autores	175

Resumo

A presente dissertação pretende dar a conhecer poesia neolatina inédita ou praticamente desconhecida. Para tal, desenvolveu-se um estudo que consta da introdução, a que se segue a fixação do texto em latim e a tradução. Na introdução faz-se um breve percurso pela pedagogia jesuítica e pelo tipo de exercícios praticados nos colégios, em especial no Colégio das Artes de Coimbra. Depois, expõem-se as razões que terão levado os mestres e alunos da Companhia de Jesus a escrever tão profusamente sobre a Rainha Santa Isabel. De seguida, explica-se a escolha do *corpus*, faz-se uma sucinta descrição dos códices e tecem-se considerações gerais sobre os poemas seleccionados. Dedicam-se, então, algumas secções às questões e problemas da fixação do texto e da edição e à justificação de algumas opções de tradução. Por fim, procede-se ao comentário literário dos poemas a que se segue o texto fixado, com notas de aparato crítico, e a respectiva tradução anotada. Nestas notas abordam-se questões de intertextualidade, de explicação da situação histórica e de alusões que poderiam não ser claras. Em anexo encontram-se informações genéricas sobre os autores.

Palavras-chave: Poesia neolatina, pedagogia jesuítica, Rainha Santa Isabel, tradição clássica

Abstract

The present dissertation aims to divulge unpublished or barely known neo-Latin poems. To this end, we developed a study which consists of an introduction, followed by the Latin poems chosen for the corpus of this study and their respective translation. The introduction starts by giving a brief overview of Jesuit pedagogy and the types of exercises practiced in colleges, especially in the College of Arts of Coimbra, after which we explain the reasons that led both students and masters of the Society of Jesus to write so profusely about Saint Elizabeth of Portugal. Then, we explain our choices for the *corpus* of this study, we give a brief description of the codices from which our *corpus* was chosen, and we make a few final comments regarding the selected poems. The last sections of the introduction are devoted to some of the questions and problems which arose from the process of establishing and editing the text, to justifying some of the choices made in the translation, and to the literary commentary of the poems. We then reach the selection of poems which make the *corpus* of this study, each of them accompanied by critical notes and an annotated translation. These notes address questions of intertextuality, historical context, and references that may not be clear. Finally, this study is concluded with appended information about the authors of the chosen poems.

Key-words: Neo-Latin poetry, Jesuit pedagogy, Saint Elizabeth of Portugal, classical tradition

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de expressar o meu agradecimento ao meu orientador, Professor Doutor Manuel José de Sousa Barbosa, pela dedicação, apoio e incentivo contínuos, pela disponibilidade ilimitada para todas as questões e pela contribuição indispensável para este trabalho.

Agradeço também a todos os professores que tanto me ensinaram durante este longo percurso.

Gostaria de agradecer também aos meus pais, Isabel e Mário, por terem sido refúgio, segurança e estabilidade durante todo este processo e por serem a voz da minha consciência nos momentos mais difíceis. São eles os grandes pilares e a base inquebrável de tudo. Agradeço ainda aos meus avós, porque sem eles nunca teria chegado aqui. O seu apoio incondicional e extraordinário e o carinho constante foram, durante toda a vida, fundamentais.

Por fim, gostaria de agradecer aos meus amigos, em especial ao Ricardo Nobre, pelo tempo dispensado e pelos conselhos sempre sábios, ao Pedro Gambino, infalível apoio de e para todas as horas, e ao João Riso, por ter sido a leveza de que precisava nesta fase.

Prefácio

A primeira fase deste trabalho consistiu na selecção dos poemas que iriam figurar no *corpus* da dissertação, na transcrição e fixação do texto, a que se seguiu a respectiva edição e tradução. No decurso deste processo, acabei por me cruzar com os trabalhos de António Guimarães Pinto na mesma área: o primeiro (Pinto 2014), em que edita e traduz a obra do Padre Manuel Álvares; o segundo, já muito perto da recta final desta dissertação (Pinto 2021), que incluía algumas das composições já seleccionadas e traduzidas para o presente trabalho. Assim, no esforço de fixação do texto, incorporei no aparato crítico todas as situações de divergência. Todo este trabalho se revelou de enorme utilidade, uma vez que me permitiu adquirir conhecimentos nas áreas da codicologia e da fixação e edição de texto.

Na reunião do conhecimento necessário para o estudo desta literatura, rapidamente percebi que mergulhar no imenso mar que é a literatura jesuítica é uma tarefa árdua. Nunca ficará tudo dito, haverá sempre outra leitura, outra perspectiva. Por conseguinte, foi necessário ajustar várias vezes os objectivos deste trabalho. Por isso, o que à partida seria uma dissertação sobre a imagética barroca na poesia jesuítica em honra da Rainha Santa Isabel passou a ser um trabalho que pretende dar uma visão global deste tipo de poesia, ainda pouco explorada.

Tendo isto em conta, as primeiras secções da introdução destinam-se a dar algum contexto a um leitor que não conheça a pedagogia jesuítica nem os objectivos deste tipo de composições literárias. A disposição das secções que dizem respeito à fixação do texto, à edição e às escolhas e problemas de tradução é uma tentativa de espelhar o processo de trabalho. Só depois são exploradas as questões que especificamente dizem respeito ao *corpus* seleccionado.

Abreviaturas, acrónimos e siglas

As abreviaturas utilizadas para os nomes de autores e de obras da Antiguidade seguem as indicações do *Oxford Latin Dictionary* (Oxford, 1968) e de *A Greek-English Lexicon* (1996).

Usaram-se ainda os seguintes acrónimos, siglas e abreviaturas:

ANTT – Arquivo Nacional da Torre do Tombo

ARSI – *Arquiuum Romanum Societatis Iesu*

BGUC – Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

BNP – Biblioteca Nacional de Portugal

cod. – códice

DEB – *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*

Lus. – *Lusitania* (colectânea dos manuscritos de Roma – Província Portuguesa da Companhia de Jesus – *ARSI*)

Mon. Paed. – *Monumenta Paedagogicae Societatis Iesu*

ms. – manuscrito

Introdução

1. A Companhia de Jesus e a pedagogia das letras clássicas

Oficialmente inaugurado em 1548, o Real Colégio de Artes e Humanidades de Coimbra foi fundado por D. João III, que acalentava o sonho de criar em Portugal um colégio que rivalizasse com outras universidades europeias. Inicialmente confiado aos mestres bordaleses e dirigido por André de Gouveia, o colégio viria a ser entregue, em 1555, à Companhia de Jesus, após um período conturbado, durante o qual os seus anteriores e mais notáveis mestres, como Diogo de Teive, João da Costa e George Buchanan, foram acusados de heresia e julgados pelo tribunal da Inquisição.

No dia 1 de Outubro de 1555, o jesuíta valenciano Pedro Perpinhão pronunciava o discurso de abertura do ano lectivo, apresentando em linhas gerais o projecto educativo jesuíta¹. Este discurso, a par de um opúsculo escrito em 1565, em que Perpinhão descreve o método praticado em Coimbra entre os anos de 1555 e 1561², seria um contributo notável para a redacção do futuro plano de estudos oficial da Companhia, a *Ratio Studiorum*.

Contudo, muito antes da publicação da edição definitiva da *Ratio*, em 1599, já o Colégio das Artes de Coimbra, bem como outros colégios pertencentes à Ordem, seguia uma série de normas que visavam o bom funcionamento da instituição docente³ — normas essas que, em muitos casos, receberiam consagração definitiva no plano de estudos, oficialmente aprovado muitos anos depois, para toda a Companhia.

Segundo um manuscrito contido num códice da Torre do Tombo (um pequeno plano de estudos das Humanidades de meados da década de sessenta do século XVI destinada ao Colégio de Évora), a instituição organizava-se em pelo menos sete classes⁴: a primeira correspondia à classe de Retórica, a segunda à classe de Humanidades e as demais às classes de Gramática. Esta era a base do ensino a que se sucediam, depois, outros cursos, como o de Filosofia, o de Casos, o de Matemática e o de Teologia.

¹ O texto encontra-se em BNP cod. 3308, pp. 1-17 (Toipa 2003: 650).

² *De ratione liberorum instituendorum litteris latinis atque graecis*, que se encontra em *Mon. Paed.* (II: 644-657) Este tratado tem forma de uma carta dirigida ao Jesuíta Francesco Adorno, que, por sinal, frequentou o Colégio das Artes nos primeiros tempos de funcionamento (Toipa 2017: 356).

³ A consulta dos *MonPaed* II é elucidativa quanto a esta questão. Percorrendo o índice, percebe-se a quantidade de *rationes studiorum* elaboradas para os vários colégios da Companhia entre 1557 e 1572.

⁴ Barbosa (1994: 273) faz um resumo das matérias a ensinar, referindo que o “percurso de aprendizagem iniciava-se na 7.^a classe, o nível mais baixo”; no entanto, consultando os catálogos do *ARSI*, verifica-se que havia, pelo menos entre 1566 e 1569, onze classes no Colégio de Coimbra, sendo a décima primeira a “classe de ler e escrever” (*ARSI Lus.* 43IIa, ff. 273v, 317v, 324v, 346v).

O método e a organização do *curriculum* dos colégios da Companhia de Jesus eram herdeiros da longa tradição clássica pagã adaptada à ideologia cristã. Faziam parte deste *curriculum* autores como Cícero e Quintiliano, na prosa, e Vergílio, Horácio e Ovídio, na poesia⁵. De facto, como afirma Miranda (2018: xxix), “[e]studar os clássicos era, pois, recuperar, acima das rupturas, uma unidade cultural e linguística fundamental para a formação da consciência histórica. O encontro com os clássicos dava à Europa a consciência de um passado comum e essa missão caberia ao *humanista*”.

A Companhia de Jesus foi a primeira ordem religiosa a ocupar-se quase exclusivamente do ensino dos seus e de qualquer outra pessoa que se matriculasse num dos seus colégios (Miranda 2018: xxxi), uma vez que o ensino era, de facto, gratuito.

A pedagogia da Companhia baseava-se numa série de preceitos que, como já se disse, viriam, mais tarde, a dar origem à *Ratio Studiorum*. Esses preceitos visavam fomentar o interesse e a actividade dos alunos. Por isso, a existência de um plano de estudos unificado e hierarquizado era fundamental para evitar a desordem no ensino, sem, no entanto, criar uma distância abismal entre mestre e discípulos⁶. A organização do tempo da aula obedecia ao chamado “tríptico didáctico jesuíta, isto é, a interacção entre prelecção-repetição-aplicação” (Lopes 2018: lxxviii). A terceira parte deste tríptico, a aplicação, materializava-se na execução de vários exercícios, entre os quais sobressaía a composição escrita (ou *scriptio*).

2. As composições escolares dos Jesuítas

Com efeito, um dos exercícios mais importantes das aulas, a par das disputas (ou *concertationes*), era a *scriptio*. Este tipo de exercícios só começava a ser transmitido aos alunos a partir da sexta classe e sempre em prosa, uma vez que, em teoria, a sétima se destinava exclusivamente à aprendizagem dos rudimentos da língua latina: a conjugação de verbos e a declinação de nomes. As composições em verso só eram contempladas a

⁵ Cícero, Quintiliano, Vergílio e Ovídio eram estudados pelo menos até 1565; em *Mon. Paed.* (III: 581-588) encontram-se transcritas as listas de obras lidas no Colégio de Coimbra entre Setembro de 1562 e Dezembro de 1565. Na *Ratio*, a regra número 1 para o professor de Retórica, para o de Humanidades, e para os das classes de Gramática recomenda o estudo de Cícero, Vergílio, Ovídio, Horácio, entre outros, mas não contempla Quintiliano.

⁶ Lopes (2018: lxxvii-lxxviii) apresenta um resumo dos “elementos pedagógicos da *Ratio*” de Fernando de Lasala. O primeiro ponto corresponde a esta ideia de plano uno e hierarquizado.

partir da classe intermédia de Gramática⁷. Este era um exercício constante ao longo do ano e para ele estava reservado o último momento da aula⁸.

Nas classes de Gramática (até à terceira, portanto), o professor devia encomendar composições todos os dias: na inferior e na intermédia, o texto devia ser escrito em prosa, tendo Cícero como modelo, e o argumento era dado pelo professor em língua vulgar⁹; na classe superior, o argumento continuava a ser dado em vernáculo, mas havia a possibilidade de se alternar entre a prosa (imitando as cartas de Cícero) e a poesia (sempre com a ajuda de uma lista de expressões a aplicar eventualmente no texto a compor — os *loci communes*) e, uma vez por mês, a composição em prosa era da responsabilidade do aluno¹⁰.

O primeiro semestre da classe de Humanidades, a segunda, estava reservado à composição de cartas, seguindo os modelos de Cícero e de Plínio, com o argumento ditado em língua vulgar, e, uma vez por semana, os alunos compunham apenas com os seus próprios recursos; o segundo semestre destinava-se à composição das partes de um discurso, em separado e de argumento fácil, ou à composição de um poema, cujo argumento era ditado em latim e acompanhado de uma lista de expressões a aplicar, como referido¹¹.

Na primeira classe, a de Retórica, a composição em prosa consistia na escrita de um discurso cujo argumento devia ser ditado mensalmente ou por partes, uma vez por semana; já o argumento para a composição em verso podia indicar apenas o assunto ou sugerir um determinado desenvolvimento e deviam preferir-se as formas breves, para que fosse composto numa só sessão ou, em caso de se preferir uma forma longa, devia ser composto por fases, à semelhança do discurso¹².

Nas composições em verso, as que aqui estudamos, o tipo de texto variava, podendo ir de curtos epigramas, como a grande maioria dos poemas seleccionados para esta dissertação, a odes, de que é exemplo o poema XXXVIII, ou chegar mesmo a poemas

⁷ Barbosa (1994: 283) transcreve do manuscrito uma das regras para a quarta classe em que se afirma, precisamente, que a composição em versos só deve ser proposta aos alunos na quarta classe, que corresponderia à classe intermédia de Gramática: “E nos tres meses derradeiros do ano, he proveitoso darlhes alguns Versos soltos que componhão as tardes em lugar das conferencias”.

⁸ Esta prática, que se encontra em Barbosa (1994: 276), é comum à *Ratio*.

⁹ Conforme recomenda a *Ratio*, regra 7 para os professores das classes intermédia e inferior de Gramática.

¹⁰ A elaboração em aula de listas de expressões a usar nos textos é mencionada na *Ratio*, na regra número 6 para o professor de Humanidades e na regra número 7 para o professor da classe superior de Gramática. Nas regras 6 e 7 para o professor da classe superior de Gramática explica-se também que, em alguns momentos, o aluno deve compor usando apenas os seus próprios conhecimentos.

¹¹ *Ratio*, regra 6 para o professor da classe de Humanidades.

¹² *Ratio*, regras 9 e 10 para o professor da classe de Retórica.

relativamente extensos, de tom épico, como é o caso do poema L. O metro das composições também podia variar, indo do dístico elegíaco, o mais usual, aos asclepiadeus (poema XXXVIII), às estrofes alcaicas (poema LI), entre outros metros praticados por Horácio.

Além de serem um exercício de aplicação prática dos conhecimentos adquiridos ao longo de cada lição, as composições eram também destinadas à afixação pública ou à declamação. O mais comum seria escolherem-se as melhores de entre as composições escritas pelos alunos internos, depois de lidas e aprovadas por alguém encarregado dessa tarefa¹³. Seria também habitual, tanto no Colégio de Coimbra como nos demais, coligir-se em códice as melhores composições dos alunos e mestres jesuítas, prática que se vê sancionada pela *Ratio*¹⁴. No entanto, pelo que se conseguiu apurar, as composições dos códices em análise são maioritariamente da autoria dos mestres jesuítas, embora alguns deles fossem ainda (ou simultaneamente) alunos no momento em que as elaboraram¹⁵. Sabe-se também que alguns desses poemas faziam inclusivamente parte de um conjunto de composições destinadas a ser afixadas em local público em dias de maior solenidade (neste caso, no dia 4 de Julho, dia da Rainha Santa Isabel¹⁶), como o poema XII.

3. Rainha Santa: presença intensiva nas composições em prosa e poesia

Logo após a morte, ocorrida a 4 de Julho de 1336¹⁷, a rainha começou a ser venerada por homens e mulheres do povo que, em busca de cura ou alívio para os seus males, se dirigiam ao seu túmulo. Contudo, só quase dois séculos depois, a pedido de D. Manuel I, a rainha viria a ser beatificada pelo Papa Leão X, num breve de 15 de Abril de 1516, que circunscrevia o culto à diocese de Coimbra, o qual ficava, assim, oficialmente reconhecido e sancionado pela Igreja¹⁸.

Em 1553, D. João III pediu ao papa a confirmação da beatificação da rainha e a extensão do culto a todo o reino. A 21 de Janeiro de 1556, o Papa Paulo IV assinou o breve que dava parecer favorável ao pedido do rei¹⁹. A 9 de Setembro do mesmo ano, D.

¹³ *Ratio*, regra 16 para o Reitor e regra 3 para o Prefeito de Estudos Inferiores.

¹⁴ *Ratio*, regra 16 para o Reitor (v. também Barbosa 1995: 412).

¹⁵ As informações contidas nos catálogos do *ARSI* (v. *infra*, pp. 175-179), quando conjugadas com as informações cronológicas dos códices estudados, permitiram corroborar estas informações.

¹⁶ *Ratio*, regra 10 para o professor da classe de Humanidades.

¹⁷ A caminho da contenda entre seu filho, D. Afonso IV, e seu neto, D. Afonso XI (rei de Castela), numa tentativa de apaziguar os ânimos (Andrade 2012: 267).

¹⁸ Sobre isto falam Vasconcelos (1993: 287 ss.) e Andrade (2012: 18).

¹⁹ Toipa (2002: 73) e Andrade (2012: 18) referem apenas o parecer favorável de 1556. Vasconcelos (1993: 302, 304) afirma, no entanto, que o pedido foi feito em 1551 e confirmado em 1553, mas o documento perdeu-se, tendo o rei feito novo pedido, ao qual corresponde a resposta de 21 de Janeiro de 1556.

João III escreveu ao reitor do Colégio das Artes (sob a direcção da Companhia de Jesus desde o ano anterior), instituindo que, no dia de culto da rainha, um lente proferisse uma oração pública em louvor desta (BGUC cod. 993 ff. 52-52v). A primeira oração foi proferida a 4 de Julho de 1557 pelo Padre Pedro Perpilhão²⁰, que proferiria os discursos nos dois anos seguintes²¹. Esta prática repetiu-se nos anos subsequentes, inserida numa longa e persistente corrente que culminaria com a canonização da rainha em 1625.

Em 1576, o bispo D. Manuel de Meneses deu ordens para que se iniciasse um inquérito sobre a vida e os milagres dos santos portugueses, nomeadamente os cinco mártires de Marrocos²², S. Teotónio, Santa Comba e Rainha Santa Isabel (já assim designada, ainda que apenas tivesse o título oficial de Beata). Este inquérito era a resposta a um pedido de informações sobre o panorama religioso português feito a D. Sebastião por Lourenço Súrrio²³, que estava a compor um hagiológico sobre os santos europeus²⁴. Todas as informações recolhidas no referido inquérito referentes à rainha, assim como um pedido de abertura do processo de canonização, foram, então, enviados para Roma. No entanto, a morte de D. Sebastião e de D. Manuel de Meneses em Alcácer-Quibir (1578) fez com que as diligências em Roma fossem interrompidas e o processo nem chegasse a ser instaurado²⁵.

Os poemas estudados nesta dissertação foram compostos entre os anos de 1557 e 1578, estando, portanto, dentro deste período de intenso interesse na canonização da rainha, que, no entanto, só viria a acontecer quase cinquenta anos depois, durante o reinado de D. Filipe II de Portugal²⁶. Esta seria, portanto, uma época de forte empenho na causa da canonização, para a qual grande parte da sociedade estaria motivada. Não seria, por isso, de espantar que tal preocupação influenciasse também as actividades lectivas no

²⁰ As cópias da carta do rei e dos discursos, Teixeira (1899: 398-399), Toipa (2002: 74-75) e Vasconcelos (1993: 306-307) comprovam a celebração deste momento solene. Sobre a primeira destas orações, v. Toipa (2002: 75) e Vasconcelos (1993: 306).

²¹ Toipa (2012: 29). Estes três discursos, manuscritos nas páginas 131-156, 173-203 e 255-272 do cod. 3308 da BNP, viriam mais tarde a ser editados em 1587 (Barbosa 1995: 403-404).

²² F. Berardo, F. Pedro Diácono, F. Otão, F. Adjuto e F. Acúrsio; sobre a história dos cinco mártires de Marrocos, v. Rosário (1869: 338-351).

²³ Lourenço Súrrio (1522-1578), monge cartuxo que, no século XVI, escreveu uma obra sobre vidas de santos, publicada em 1570 (Pontes 1981: 104 e Andrade 2012: 19).

²⁴ Informação dada por Vasconcelos (1993: 343-344) e repetida por Andrade (2012: 19).

²⁵ Sobre este primeiro pedido, v. Vasconcelos (1993: 342-350), onde se encontra uma descrição circunstanciada, e Andrade (2012: 18-20), com versão sintetizada daquela informação.

²⁶ Também o pedido de canonização remetido por D. Filipe II é relatado em pormenor por Vasconcelos (1993: 351-563) e resumido por Andrade (2012: 20-22). Vasconcelos (1993: 364-386) descreve minuciosamente o volume original do processo de canonização da Rainha Santa Isabel.

Colégio das Artes e que chegasse às propostas de composição de poemas feitas no âmbito do ensino das Humanidades.

Esta motivação poética em torno da figura da Rainha Santa pode considerar-se paralela à que se vê mais tarde reflectida no conteúdo do códice 1963 do ANTT (mais centrada nas figuras de Santo Inácio de Loiola e de São Francisco Xavier, que viriam a ser canonizados a 12 de Março de 1622²⁷). Apesar de provavelmente ter sido organizado numa data em que o Colégio das Artes já não estava sob a alçada da Companhia de Jesus (Pinho 2005: 353-354), este códice demonstra que, pela altura da celebração do aniversário do nascimento de Santo Inácio de Loiola e da celebração da festa de São Francisco Xavier ou do aniversário da sua partida para a Índia, foi grande o interesse em escrever sobre estas duas figuras. As composições são também de datas muito próximas à canonização de ambos²⁸. Se se atentar (sobretudo, no caso de São Francisco Xavier) em que as composições são anteriores à data da canonização, talvez se possa afirmar que, no tempo que antecedeu a oficialização do título de santos, também para estas figuras se intensificou a escrita de textos em seu louvor.

Embora o fim do período em que se inserem os poemas esteja a cerca de quarenta anos de distância da data da canonização, o facto de a Rainha Santa Isabel ser o tema ou o pretexto para a composição da grande maioria dos poemas destes códices demonstra que, de facto, se estava já a desenhar o projecto da elevação da rainha a santa.

4. O corpus

Esta dissertação baseia-se numa selecção de poemas compostos na segunda metade do século XVI e transmitidos pelos códices 3308 da Biblioteca Nacional de Portugal e 993 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. O que os une, na sua temática, é a figura da Rainha Santa Isabel. Tal como a restante literatura inclusa nos referidos volumes, estes poemas remetem para o ensino das Humanidades ministrado nessa altura no Colégio das Artes de Coimbra. Os autores eram todos jesuítas, na sua maioria ligados de alguma forma às tarefas do ensino. Alguns dos autores dos poemas seleccionados foram nomes maiores da Companhia de Jesus, como Cipriano Soares (reconhecido como modelo no ensino de Retórica), Luís da Cruz (autor cuja fama se deve à sua habilidade na composição teatral), Manuel Álvares (autor da gramática latina mais

²⁷ Sobre este códice e as composições literárias em torno das figuras de Santo Inácio de Loiola e São Francisco Xavier, v. Urbano (2006: 373).

²⁸ As datas precisas encontram-se em Pinho (2005: 359).

usada nos colégios jesuítas e não só), Miguel Venegas (dramaturgo, tendo composto sobretudo tragédias) e Pedro Perpilhão (conhecido pelos seus discursos); encontram-se ainda homens menos célebres, mas com obra produzida e conhecida, como Cosme de Magalhães (comentador de Aristóteles e da Sagrada Escritura) e João de Madureira (autor de um poema heróico sobre o martírio do Padre Inácio de Azevedo e dos seus companheiros). Outros são jesuítas dos quais pouco mais se sabe além do nome, como Antão Galvão, António Correia, Belchior de Barros e Pantaleão da Ponte. Em apêndice, apresentam-se as resenhas biográficas de cada um deles, condicionadas pela informação que hoje se conhece.

A escolha do *corpus*, entre outras coisas, é também uma tentativa de trazer à luz composições na sua maioria até agora inéditas²⁹, não só de autores célebres (dentro e fora da Companhia) mas também daqueles que ficaram esquecidos nas páginas destes manuscritos, quer porque não tiveram êxito literário, quer porque se quis que não ficassem na memória, e que merecem também reconhecimento.

5. Os manuscritos

Aqueles códices, sob o título *Rerum Scholasticarum*³⁰, fazem parte de uma colecção oriunda do Colégio das Artes de Coimbra. Este, como referido, foi inaugurado em 1548 por D. João III, que colocou a dirigi-lo um conjunto de humanistas vindos do colégio de La Guyenne, em Bordéus. Só em 1555, ano em que o Colégio passou a estar sob a alçada da Companhia, se inicia o registo da literatura escolar aí produzida pelos mestres jesuítas, de que os referidos manuscritos constituem os dois primeiros tomos³¹.

5.1 O códice 3308 da Biblioteca Nacional de Portugal

O códice 3308 corresponde ao tomo primeiro da colecção e compreende composições dos anos 1555 a 1571, dispostas cronologicamente, ainda que nem sempre de forma linear. Da prosa e da poesia recolhidas neste códice, realçam-se as composições em honra da Rainha Santa Isabel — tema predominante de composições que começam com o discurso de Pedro Perpilhão no dia 4 de Julho de 1557 (pp. 1-17). Salientam-se

²⁹ Exceptuam-se os poemas de Manuel Álvares (II-XVII, XXXIII e XXXIV), editados e traduzidos por Pinto (2014), e os de João de Madureira (XXXV e L), editados e traduzidos por Pinto (2021).

³⁰ O título original de ambos os códices é *Rerum scholasticarum, quae a patribus ac fratribus huius Conimbricensis Collegii scripta sunt*, ao qual se segue o número do tomo.

³¹ Além dos já nomeados, são também conhecidos o códice 994 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, tomo quinto, e o códice 1963 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, tomo sexto. Quanto à localização dos tomos terceiro e quarto, nada se sabe até ao presente.

ainda discursos em honra de outras figuras históricas (exéquias, celebração de matrimónios, visitas oficiais), discursos de atribuição de graus (de bacharel e de mestre), alguns enigmas e um grupo de poemas em grego (pp. 387-388).

O códice é constituído por folhas em papel, algumas em branco, com numeração manuscrita a lápis (que não será a original) e com as dimensões 285x200 mm. O processo de paginação, assim como o conteúdo e as mãos intervenientes, é bastante heterogéneo, ainda que nas primeiras duzentas páginas haja alguma normalização quanto à indicação do assunto e do ano de composição. A mancha textual está em bom estado, excepção feita aos casos em que a tinta ácida corroeu o papel, dificultando ou impossibilitando a leitura. A indicação da autoria é, também, bastante consistente, exceptuando o núcleo de poemas das páginas 568 a 580 e alguns outros poemas espalhados pelo códice, dados como anónimos. O códice mostra grande quantidade de intervenções, tanto no corpo do texto como nas margens, tais como comentários, rasuras, correcções e inserções, que, pelo tipo de letra e pelo instrumento de escrita, serão, em grande parte, posteriores e de mão diferente (Barbosa 1995).

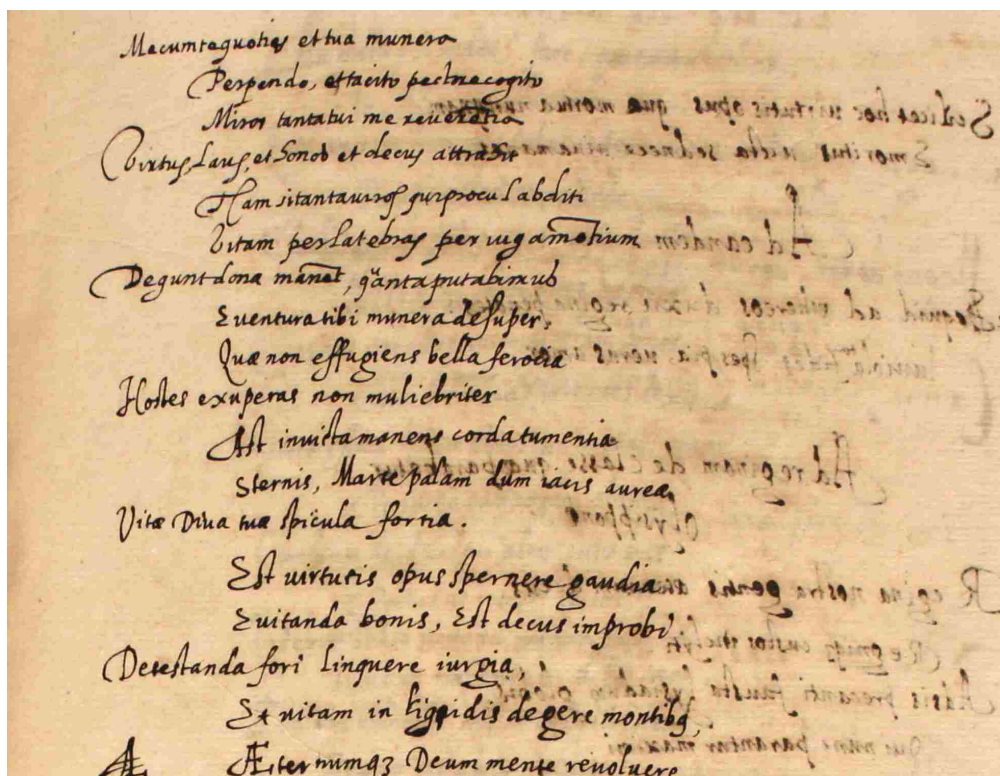
5.2 O códice 993 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

O códice 993, catalogado como ms. 993, corresponde ao tomo segundo e compreende *grosso modo* o período de 1568 a 1579. Do conjunto de composições escolares em prosa e em poesia, salientam-se a já referida carta do rei ao reitor do colégio (ff. 52-52v), cartas referentes a milagres operados por intermédio da rainha, discursos em sua honra, um discurso sobre as exéquias de D. Sebastião, da autoria de Cipriano Soares (ff. 239-245), uma história da vida da rainha, de Pedro Perpinhão (ff. 4-51v), discursos de atribuição de graus (de licenciado e de bacharel), enigmas, composições dramáticas (tragédias e comédias), alguns poemas em grego e um grupo de poemas em hebraico com tradução latina (ff. 471v-473).

O códice, de dimensões 310x215 mm, é muito semelhante ao tomo primeiro, com a diferença de que conserva ainda a numeração original em fólhos de 1 a 478. O processo de indicação da autoria é também similar ao do tomo primeiro, exceptuando casos em que o nome do autor foi rasurado. Também neste manuscrito se nota a intervenção de várias mãos, algumas sucedendo-se no registo da mesma composição. O mesmo acontece com comentários, rasuras, correcções e inserções, interlineares ou marginais (Barbosa 1996).

6. Os poemas

Relativamente aos poemas seleccionados, importa realçar que os do códice 3308 da BNP, ainda que seja notória a presença de mais do que uma mão, apresentam uma letra em geral perceptível à leitura. Os poemas podem dividir-se em dois grupos — o primeiro engloba os poemas I a XVII: a letra é maior e mais angular, com algumas áreas manchadas pelos borrões ou pelo vazamento entre os dois lados da folha; o segundo grupo é constituído pelos poemas XVIII a XXXIV: apresenta um corpo de letra menor, redonda e inclinada, sem borrões e sem vazamento de tinta. Os poemas do códice 993 da BGUC, do XXXV ao LI, apresentam, na sua grande maioria, uma letra pequena e muito irregular devido à alternância de mãos e muito vazamento de tinta, o que dificultou bastante a sua leitura.



BGUC ms. 993, f. 141 (XXXVIII vv. 6-21)

7. A fixação dos textos

Durante o processo de selecção do *corpus*, procurou evitar-se poemas que apresentassem maiores dificuldades de leitura, uma vez que se trata de dois manuscritos únicos (e por isso sem hipótese de recurso a outro testemunho para colmatar eventuais falhas de texto ou leituras muito duvidosas).

Quanto à utilização da conjectura (que se indica no aparato crítico recorrendo à palavra *ego*), importa não só referir os casos em que as alterações ao texto se revelaram relativamente fáceis de discernir (é disso exemplo XLV.11) mas também aqueles em que foi necessário proceder à alteração de formas verbais (por exemplo, L.54-55 e L.104) ou recorrer à inserção de palavras (como em XLV.12). Para estas intervenções, contribuiu muitas vezes o sentido do texto, que fornecia pistas para o que se poderia esperar, a forma como os poemas estão construídos, através de alguns recursos de repetição, o esquema métrico, que permitia calcular em cada verso o número de sílabas e a sua quantidade (longa ou breve), para preencher lacunas.

Em várias situações desviámo-nos das leituras de Pinto (2014) e Pinto (2021), por exemplo em XXXV.26: Pinto (2021) fixa o termo *Detque*, sequência de sílabas longa-breve (troqueu, pé inconcebível em verso jâmbico); uma vez que *cuique* é aqui uma sequência breve-longa-breve, seguimos o que pensamos ser a lição do manuscrito, ou seja, *Detur*, duas longas, o que se adequa ao esquema métrico do poema, o dístico jâmbico.

Para a fixação do texto, importa ainda referir que o poema XXXIX contém um dístico rasurado após o verso 6; preferimos omitir o dístico do corpo de texto e transcrevê-lo no aparato crítico, com a respectiva versão em português em nota ao texto traduzido.

7.1 Problemas de manuscritos únicos

Tanto quanto se sabe, as composições guardadas nos manuscritos estudados e que fazem parte do *corpus* desta dissertação não tiveram circulação fora das portas do Colégio das Artes e, além da sua provável afixação nas paredes dos corredores do colégio, nunca foram editadas³² ou copiadas por terceiros. Consequentemente, há um conjunto de problemas expectáveis associados à fixação do seu texto, como as dificuldades de leitura devido ao tipo de letra, aos borrões de tinta, às rasuras ou à corrosão do papel, às potenciais correcções ou erros de transcrição do copista ou a correcções posteriores.

Para resolver estes problemas é, muitas vezes, necessário recorrer a conjecturas, numa tentativa arriscada de reconstituir o teor original do texto. A tentativa de evitar tais operações condicionou a constituição do *corpus* de poemas, concedendo preferência àqueles que apresentassem menos problemas de leitura. Mesmo assim, em alguns casos, foi necessário intervir, e a métrica foi um instrumento indispensável para a reconstrução

³² v. *supra*, p. 7, n. 29.

de algumas palavras. Por exemplo: o verso 10 do poema XLII tem uma forma verbal expressa no manuscrito, *iubet*, que não se conforma com o sentido do texto; o verso 5 do poema XLIV exibe uma dificuldade de leitura da forma verbal, devido ao alastramento da tinta ácida no papel — e que nós conjecturamos que seja *uexat*, graças ao paralelismo criado entre o dístico em que o verso se insere e o dístico seguinte; nos versos 54 e 55 do poema L, alterámos a forma verbal *agitat* para o imperativo do mesmo verbo, jogando com o sentido do texto sem ofender a métrica.

Há todavia três conjecturas que se devem realçar pelo grau de dificuldade da sua resolução. A primeira encontra-se em XLV.12: trata-se de um dístico elegíaco, cujo segundo verso é um pentâmetro ao qual faltavam duas sílabas (uma longa e uma breve), entre *pungere* e *pilis*; recorrendo a um possível paralelismo entre o hexâmetro e o pentâmetro, vê-se que o primeiro tem o verbo no infinitivo, seguido de um acusativo neutro e, depois, um ablativo — assim, por conjectura, pensamos que o mesmo aconteceria no pentâmetro e inserimos o termo *mēmbřǎ*, vocábulo que pertence ao campo lexical do termo *corpus*, presente no verso anterior. A segunda das três conjecturas de maior relevo encontra-se em L.104, que calculamos ser um erro de cópia. Lê-se no manuscrito a forma verbal *insilior*, primeira pessoa do singular (o sujeito é a rainha), seguida da palavra *uictor*, um nome masculino — optámos por substituir a forma verbal por *auxilior*: este termo, semelhante na quantidade das sílabas, resolve o problema de o vocábulo se referir à rainha, e não a *uictor*, e está em harmonia com o tom do poema, que retrata Santa Isabel como uma figura que dá apoio ao rei português na empresa da guerra no Norte de África. Quanto ao último caso, que se refere aos vocábulos *genus* (L.108) e *squalidus* (L.110), este é um dos poucos casos em que o autor do poema, João de Madureira, parece ter cometido um erro de concordância entre nome e adjectivo, a bem da métrica. Parece-nos, tal como mostramos na tradução, que o adjectivo *squalidus* tem como referente o nome *genus*, ainda que tenham géneros diferentes. Se assim não fosse, o adjectivo não teria referente, o que configura uma impossibilidade. Ainda assim, optámos por manter a discrepância de géneros, dado que, se procedêssemos a alterações, tal situação interferiria com a correcção métrica do verso.

8. Edição

Para a resolução das abreviaturas existentes em ambos os códices, recorreu-se ao dicionário de Adriano Cappelli e ao manual de Maurice Prou, referidos na bibliografia.

Estas abreviaturas são apresentadas completamente desdobradas e sem parênteses rectos para facilitar a leitura do texto.

No que diz respeito à normalização ortográfica, respeitaram-se as normas e as formas consideradas preferíveis de acordo com o índice ortográfico de *A Latin Dictionary* (1989) de Charlton Lewis e Charles Short, das quais se realçam as seguintes alterações:

- a correcção das formas inexactas *autor, ditio, foelix, Adria, Iberus, rubigo* e *Vlysses* para *auctor, dicio, felix, Hadria, Hiberus, robigo* e *Vlixes*;
- a correcção das formas consideradas menos preferíveis, como *arena, obstupesco* e *quoties* para *harena, obstipesco* e *quotiens*;
- a normalização dos ditongos “ae” e “oe” e da vogal longa “e”, preferindo as formas *caelum, caelestis, ceterus, faenus, fecundus, proelium, saeculum, taeter* e *saetigerus* às formas *coelum, coelestis, caeterus, fenus, foecundus, praelium, seculum, teter* e *setigerus*;
- a normalização do uso da vogal “y” em vez de “i” nas formas *inclytus, lacryma, Hyspana, Lybia*, etc., preferindo as formas com “i”;
- a normalização do uso da aspirada “h”, preferindo *ancora, sepulcrum, tus* e *umerus* a *anchora, sepulchrum, thus* e *humerus*;
- a normalização do uso de consoantes geminadas, preferindo *litus, milia, religio* e *sucus* a *littus, millia, relligio* e *succus*.

Em relação à pontuação, optou-se por pontuar o texto de acordo com as normas actuais e reflectindo a nossa leitura, expressa na tradução.

No uso de maiúsculas, restringimo-lo aos nomes de rios, cidades, países e regiões, a adjectivos geográficos, a nomes próprios, aos nomes de figuras alegóricas e de deuses, às palavras Céu, quando se refere ao paraíso cristão, e Deus e pronomes correspondentes e às designações Rainha e Santa, quando aplicadas à Rainha Santa Isabel.

No aparato crítico ao texto latino, dá-se conta, em nota de rodapé, das correcções textuais da responsabilidade do copista, quer as que estão incorporadas no texto (como em L.54), quer as que foram feitas nas margens (como por exemplo *frigora* em I.5), dos casos de leitura difícil (como em XLIV.5) e das palavras ou expressões alternativas expressas nas margens (como *lychni salua*, XXI.7).

Não acolhemos, no entanto, no aparato o que julgamos serem meros lapsos do escriba, como as formas *stripitu* (XXVII.2), *riginae* (XLII.13), *longuo* (XLIII.4), *lades* (XLIV.12) e *hyens* (XLVIII.10) em vez de *strepitu, reginae, longo, laudes* e *hiems* respectivamente. Para as notas de edição do texto latino, inspirámo-nos nas *Règles et*

recommandations pour les éditions critiques (série latine) (Paris, 1972) e em *Textual Criticism and Editorial Technique: applicable to Greek and Latin texts* (Estugarda, 1973), mencionados na bibliografia, e foram usadas as seguintes abreviaturas:

add. – *addidi*

corr. – *corrigitur*

mg. – *in margine*

ras. – *in rasura*

scrip. – *scripsit*

s.l. – *supra lineam*

As restantes indicações são escritas por extenso.

Na falta de indicações metodológicas sobre outro tipo de notação, como a indicação dos títulos, dos fólhos e do nome dos autores, a contagem dos versos e a datação dos poemas, procedemos de maneiras diversas, em conformidade com as anotações feitas nos manuscritos e de modo a não sobrecarregar as páginas com informações que dificultariam a leitura dos poemas.

8.1 Nomes dos autores

Quanto aos nomes dos autores, a forma preferida foi sempre a indicada nos manuscritos. Em casos como o de Antão Galvão, Belchior de Barros e João de Madureira, por exemplo, que, nos catálogos do *ARSI*, aparecem listados sob os nomes Antonius Galvan ou Galvão, Antam Galvão, Melchior de Bairros e Juan, João ou Ioannes Madureira ou Madureyra, dada a nacionalidade destes ser, provavelmente, portuguesa³³, optou-se pelas formas referidas inicialmente. O mesmo acontece com Pantaleão da Ponte. Ainda que não se saiba a sua nacionalidade, preferiu-se a versão portuguesa do nome, uma vez que é a que figura no manuscrito. Para Cosme de Magalhães, Luís da Cruz e Manuel Álvares, usou-se a versão portuguesa do nome e a grafia moderna, pois, além de serem oriundos de Portugal, são autores com obra impressa e com o seu nome suficientemente difundido. No caso de Cipriano Soares, Miguel Venegas e Pedro Perpinhão, os únicos cuja nacionalidade não é portuguesa (são espanhóis), preferiu-se a versão portuguesa, dado que são autores conhecidos em Portugal com esta grafia.

³³ Devido à ilegibilidade de algumas partes do fólho com a informação sobre o jesuíta Antão Galvão, não foi possível apurar com certeza o seu local de nascimento; v. *infra*, p. 175.

8.2 Títulos

Nesta dissertação, optou-se por registar os títulos à esquerda, alinhados com o texto e no mesmo corpo de letra, tanto no texto latino como na tradução. Aos títulos segue-se normalmente o nome do autor, à excepção do núcleo de poemas de Miguel Venegas (XVII a XXIX), uma vez que essas composições se encontram todas sob o título *Epigrammata P. Michaelis Vanegas* (alinhado ao centro por ser de um tipo diferente dos outros títulos), sendo cada uma delas, depois, objecto de um subtítulo.

Também os poemas II a XII partilham o título comum *de eadem regina* (alinhado ao centro e em maiúsculas, como no manuscrito), a seguir ao qual cada composição tem o seu subtítulo.

Os textos do códice 3308 da BNP estão, muitas vezes, divididos em grupos identificados por um título com referência ao autor ou ao assunto e cada poema é acompanhado de um subtítulo. No códice 993 da BGUC, cada poema tem o seu título, não havendo, assim, uma divisão óbvia em grupos temáticos, salvo o grupo de poemas XL a XLIX (poemas de Antão Galvão que glosam versículos do Livro dos Provérbios), abrangidos pelo título genérico *Ad Reginam Augustam*, que se repete antes de cada uma das dez composições.

8.3 Registo da autoria, da métrica, dos fólhos e da contagem dos versos

A autoria, na maioria dos casos (com excepção dos poemas de Antão Galvão, cujo nome, embora rasurado, ainda é legível), está indicada no manuscrito, seja pelo uso do nome do autor ou pelo uso da expressão *ab eodem*. Nas páginas da dissertação onde se pode ler o texto original, o nome dos jesuítas ou a expressão já mencionada aparece logo a seguir ao título ou no lugar deste; nas páginas do texto traduzido, preferiu-se anotá-lo à direita do texto ao nível do título e num corpo de letra mais reduzido de modo a não interferir com a fluidez da leitura.

As informações sobre métrica e localização no códice são apresentadas em cada poema à direita do texto latino com um corpo de letra menor para evitar a dispersão da atenção em indicações não literárias.

O esquema métrico de cada composição não consta no manuscrito. Essa indicação encontra-se entre parênteses rectos, à direita do primeiro verso do poema, na sua designação latina, a itálico.

A indicação das páginas (cod. 3308) ou dos fólhos (cod. 993) coincide com a numeração original dos códices. Uma vez que se optou por ordenar os poemas de acordo com a sua posição nos manuscritos, esse registo é apresentado à direita do título ou, à falta deste, à direita do primeiro verso do poema que inicia cada conjunto. A partir daí, regista-se à direita do verso que inicia a página ou o fólho seguinte do manuscrito. Sempre que termina um conjunto de poemas consecutivos, apresenta-se, para o poema que o segue neste *corpus*, o registo do fólho junto ao título ou ao primeiro verso da composição (ainda que este não seja o primeiro poema a figurar originalmente na página ou fólho em questão).

A numeração dos versos obedece ao critério mais corrente, figurando, assim, do lado esquerdo da página, de cinco em cinco (os poemas com menos de cinco versos não têm contagem por ser desnecessária).

8.4 Datação dos poemas

O processo de datação dos poemas, que nem sempre é inequívoca, dependeu da conjugação de vários factores. Assim, baseámo-nos na posição de cada composição nos códices, nos anos de actividade docente (ou de estada) dos autores abrangidos no Colégio de Coimbra e no assunto, sempre que este permitiu especular uma data.

8.4.1 Códice 3308

Os poemas I a XII, de Manuel Álvares, foram datados de 1557 de acordo com a sua posição no códice, pois tanto em composições de páginas anteriores como posteriores há referências a esse ano (pp. 131, 161).

Os poemas XIII a XVII, também de Manuel Álvares, deverão ser de 1559, pela mesma razão que o grupo anterior: nas páginas anteriores e posteriores há referências a esse ano (pp. 255, 363); pelos catálogos do *ARSI* sabe-se que este jesuíta se encontrava então no Colégio das Artes (onde era mestre de Hebraico³⁴).

O grupo de poemas XVIII até XXIX, de Miguel Venegas, estão, sem dúvidas, datados de 1561 no códice. Não há, por isso, equívoco quanto à datação. Tal como o título dos poemas indica, estas composições referem-se a um milagre que teria ocorrido no ano anterior a uma Ana. No testemunho manuscrito de uma carta da abadessa do Convento de Celas (Maria Távora) para a abadessa do Convento de Santa Clara (Ana Meneses)

³⁴ v. *infra*, p. 177.

fala-se de um milagre ocorrido a Ana Távora, por intermédio do uso do óleo da lamparina que iluminava um altar dedicado à Rainha Santa Isabel³⁵: pode afirmar-se, com alguma certeza, que este conjunto de poemas se refere a esse acontecimento.

O poema XXX, da autoria de Luís da Cruz, jesuíta que morreu em Coimbra após uma longa carreira como docente no Colégio Real, é mais difícil de situar no tempo, dado que, pela posição no códice, não se podem restringir as possibilidades a um intervalo de tempo satisfatório. Esta composição faz parte de um grupo de cinco poemas da autoria de Luís da Cruz que aparece no códice após um extenso e variado grupo de composições de 1561; nesse grupo inserem-se também os poemas XVIII a XXIX (pp. 425-466), de Miguel Venegas, cuja datação já foi mencionada. A seguir aos poemas de Luís da Cruz, figuram no códice quatro textos de Manuel Pimenta, datados de 1566 (pp. 476-478). A partir daqui, a datação das composições conhece sobressaltos: um grupo remete para 1558 e 1562 (pp. 567-573); outro de 1561 a 1568 (pp. 573-662); um terceiro é de 1565 a 1569 (pp. 677-915); o grupo final começa em 1559 e termina em 1571 (pp. 952-1027). As duas últimas composições do códice são discursos: um de 1570 (pp. 1027-1030) e o último (pp. 1031-1035) sem data. A estada de Luís da Cruz em Coimbra não esclarece esta incerteza: aí chegado em 1558, vindo do Colégio de Santo Antão em Lisboa, terá saído em 1563 para o Colégio de Braga, até regressar em 1566³⁶. Posto isto, é provável que a composição deste poema se situe entre 1561 e 1563 ou entre 1566 e 1571, em data anterior à batalha de Lepanto — ocorrida a 07 de Outubro de 1571 —, numa altura em que Luís da Cruz era mestre da segunda (1567) e da primeira classe (1568-1571) no Colégio das Artes.

A data mais provável dos poemas XXXI e XXXII, de Cipriano Soares, e XXXIII e XXXIV, de Manuel Álvares, é 1564, visto que, à semelhança dos poemas I a XXVII, se encontram limitados por composições registadas com o ano de 1564 (pp. 611, 632). Além disso, é uma data verosímil não só pela sua posição, mas porque os catálogos do *ARSI* dão conta de que Cipriano Soares se achava em Coimbra, no Colégio Real, enquanto mestre da primeira classe, sendo Manuel Álvares reitor da mesma instituição³⁷.

³⁵ BGUC ms. 993, ff. 52v-53.

³⁶ Sobre a estada de Luís da Cruz em Braga, v. *infra*, p. 177 e Barbosa (2009: 6-9); *ARSI Lus.* 43IIa, f. 273v.

³⁷ v. *infra*, p. 177.

8.4.2 Códice 993

O poema XXXV, cujo autor é João de Madureira, foi datado do final de 1570 ou do início do ano seguinte porque a composição refere-se a uma visita de D. Sebastião ao túmulo da Rainha Santa Isabel. Embora não se saiba se o rei visitou, de facto, o sepulcro, não há dúvida de que esteve em Coimbra entre os dias 13 e 30 de Outubro e que visitou o Colégio das Artes no dia 18 e que nos dias 23 e 24 assistiu, no mesmo local, a uma tragédia da autoria de Luís da Cruz (Serrão 1987: 170-175). É também de supor que João de Madureira estivesse em Coimbra neste período, pois em 1569 fazia parte dos alunos do segundo curso de Dialéctica e em 1572 era já mestre da quarta classe³⁸.

Foram datados de 1572 ou 1573 os poemas XXXVI e XXXVII, de Belchior de Barros, e XXXVIII, de Pantaleão da Ponte, por se encontrarem entre os discursos em honra da Rainha Santa Isabel dos anos de 1572, de Duarte de Sande (ff. 124-130v), e de 1573, de Nicolau Pimenta (ff. 154-160v).

Encontrando-se no códice depois do discurso de Duarte de Sande em honra da Rainha Santa Isabel em 1572 e do discurso do mesmo autor para os bacharelados desse ano (ff. 124-132) e antes do discurso de Nicolau Pimenta em honra da rainha de 1573 (154-160v), o poema XXXIX, da autoria de Cosme de Magalhães, pode ser datado desse período. Além disso, há notícia de uma incursão ao Norte de África em 1574, cujos preparativos tinham sido iniciados anos antes³⁹ — é essa preparação que constitui o assunto do poema. Nesse ano, Cosme de Magalhães encontra-se em Coimbra como ouvinte de Casos⁴⁰.

Serão de 1578 os poemas XL a XLIX, de Antão Galvão, e LI, de António Correia, dado que figuram entre o discurso daquele ano em honra da rainha, de Vasco Baptista (ff. 209-216v), e o discurso de Cipriano Soares para celebrar as exéquias de D. Sebastião (ff. 239-245), também de 1578. Neste ano, Galvão e Correia eram mestres de Humanidades no colégio de Coimbra. Segundo os catálogos do *ARSI*, o primeiro ensinava a quinta classe e o segundo, ainda que o catálogo não o refira em 1578, era mestre da sexta classe em 1576 e da terceira em 1579⁴¹.

³⁸ v. *infra*, p. 176.

³⁹ Serrão (1987:334-340) atesta a ocorrência desta incursão. Dois estatutos para as ordens religiosas publicados em 1572 davam primazia a soldados da guerra de África, o que demonstra o interesse do rei nestes territórios (Farinha 1999: 71). Segundo Cruz (2006: 204-212), também o ano de 1572 parece ser o momento em que se iniciam os preparativos para esta ofensiva.

⁴⁰ *ARSI Lus.* 43IIb, f. 449v.

⁴¹ v. *infra*, p. 175.

O poema L (ff. 232-234v) figura no códice entre os mesmos discursos que os poemas anteriores. A composição diz respeito a uma segunda incursão do rei ao Norte de África. Neste poema, a vitória portuguesa é profetizada pela rainha, que discursa a D. Sebastião, incentivando-o a continuar a sua empresa. A data provável da composição do poema deve situar-se entre 4 de Julho e 24 de Agosto de 1578, quando a notícia da derrota de Alcácer-Quibir ou da morte do rei chegou a Portugal (Cruz 2006: 285-286).

9. Tradução

Sem estar ao nível de um autor ou tradutor do século XVI, foi nosso objectivo desenvolver uma tradução que fosse, tanto quanto possível, fiel ao vocabulário e ao gosto da época. Por essa razão, sempre que uma palavra latina tinha um correspondente em português com o mesmo significado (e consagrado no *Vocabulário da Língua Portuguesa* de Rebelo Gonçalves) optámos por essa forma.

Além disso, procurou-se traduzir cada um dos termos latinos sempre pela mesma palavra e não usar um mesmo vocábulo para dois termos latinos diferentes. Houve, porém, algumas situações em que isso não foi possível:

- *mollis, e* (XIX.4, XXII.2, XXXI.11, XXXII.3, XLIII.12, XLV.12) foi quase sempre traduzido por “delicado”, excepto em XXII.2, em que se traduziu por “sensível”, para não se atribuir ao adjectivo, que está a caracterizar *cor*, um sentido negativo. Em XLVIII.6, o substantivo *mollitia, ae* foi vertido por “moleza”, em vez de “delicadeza”, por se estar a falar da qualidade da terra revolvida.

- *munus, eris* (X.2, XVIII.1, XXXI.4, XXXVII.1, 5, XXXVIII.4, 11, XLIX.7, L.149) é traduzido por “presente”, excepto em XXXVIII.4, onde se traduz por “dádiva”, para se distinguir das situações em que *munus* se refere a objectos.

- *sinus, us* foi traduzido por “regaço” em VI.5 e XVIII.2 (lugar onde se encontra conforto ou roupa apanhada pelas pontas na zona da cintura), por “enseadas” em XXXV.17 (pequena baía onde os barcos aportam), por “fendas” em XL.2 (pequenas aberturas na terra), por “peito” em XL.10 (parte do corpo onde têm origem os sentimentos), e por “roupas” em XLVII.4 (vestes tecidas por agulhas), respeitando o contexto em que a palavra ocorre.

- *flumen, inis* (XIV.5, XL.17, L.76, 111, 129, LI.17) traduz-se por “água corrente”, à excepção de XL.17, onde se traduz por “rios”. Em XL.13, *riuos* também se traduz por “rios”, uma vez que as duas palavras latinas se referem à mesma realidade.

- a tradução de *funus, eris* por “funeral” em XLIX.14 e por “destruição” em L.37 justifica-se pelo contexto: na primeira ocorrência, trata-se de cerimónias fúnebres, ao passo que no segundo caso se fala da destruição de um local.

- *fluctus, us* (XI.3, XXXIX.14, L.75, 114) é traduzido por “vaga” nas primeiras três ocorrências. Contudo, na última é traduzido por “cheia”, uma vez que o contexto refere inundações provocadas pela subida das águas do Nilo.

- *decus, decoris* (XXVIII.1, XXX.10, XXXIV.1, XXXV.1, XXXVIII.7, 18, XXXIX.1, L.47) e *gloria, ae* (II.6, XXXV.12, XXXVIII.28, XLIV.13, L.22, 136), por ocorrerem em contextos referindo a mesma ideia, foram traduzidas por “glória”. Contudo, em duas das ocorrências da palavra *laus, laudis* (XXVI.8 e XLIII.11), que normalmente é traduzida por “louvor”, por se aproximar do sentido de *decus* e *gloria*, traduz-se igualmente por “glória”.

- *aequor, oris* (XXX.36, L.90, 162) é traduzida por “oceano” nas duas primeiras ocorrências, no primeiro caso para contrastar com a pequenez do inimigo num barco a remos e no segundo porque *mare, is* ocorre no mesmo verso. Na terceira ocorrência traduz-se por “mar”; já *fretum, i* (XXXV.19, L.65, 160) na primeira e na terceira ocorrência é traduzida por “mar”; no entanto, em L.65 verteu-se *fretum* por “estreito de mar” porque se refere muito provavelmente ao estreito de Gibraltar.

- *chelys, yis/yos* (LI.53) é uma palavra que identifica um instrumento musical feito de carapaça de tartaruga. Por não existir em português um vocábulo que identifique este instrumento específico, o termo latino é traduzido por “lira”.

Parece ainda relevante mencionar a tradução de *gens, gentis*. O termo é vertido por “gente” em todas as ocorrências por se tratar de uma palavra que na época se usava em português com o sentido de “povo”⁴², tal como se lê nos poemas que traduzimos.

Importa ainda referir os jogos de palavras existentes em latim que foi impossível manter, uma vez que não se encontrou forma de reproduzir este recurso sem que isso compromettesse a clareza do texto. Por exemplo, em XXXVII.4 repete-se a sílaba “di” nas palavras *ditata* e *diuitibus*, sons que lembram Dis, a divindade que governa o Inferno, local a que aí se alude; no poema XLI, não foi possível manter a aliteração de “f” nos substantivos *filius* (v. 2) e *ferae* (v. 4), no participio *inflicto* (v. 6) e nas formas verbais *fertur* e *fingere* (v. 3), *frendit* (v. 5), *figere* (v. 8), *fugit* (v. 9), *fudit* (v. 10) e *frangit* (v. 11) — perdendo-se o som fricativo que se podia ouvir do início ao fim no original.

⁴² A título de exemplo, v. *Os Lusíadas* 1.1.7, 1.5.6, 1.10.8, 1.26.2, 1.30.8 e 1.33.2.

10. Os autores

Pelo que se apurou, os autores deste *corpus* poético, na época em que compuseram os poemas, eram todos jesuítas, padres e irmãos, mestres no Colégio das Artes de Coimbra ou, pelo menos, alunos dos cursos de Dialéctica ou Teologia. Num primeiro grupo colocam-se os nomes mais sonantes do conjunto: Cipriano Soares, Manuel Álvares, Miguel Venegas, Pedro Perpinhão e Luís da Cruz (mais jovem do que os anteriores e, em alguns casos, aluno destes). O grupo intermédio é composto apenas por Cosme de Magalhães e João de Madureira. Por fim, encontram-se nomes ausentes das fontes jesuíticas impressas: Pantaleão da Ponte, António Correia, Antão Galvão e Belchior de Barros. De todos eles procurou elaborar-se uma síntese biográfica, que se encontra em apêndice. Para os autores do primeiro grupo, redigiram-se as informações recorrendo a obras impressas, como a *Bibliothèque* de Sommervogel e o *Diccionario Histórico de la Compañia de Jesús*. No entanto, para grande parte dos nomes pertencentes ao segundo e ao terceiro grupos, a única fonte de informações foram os catálogos do *ARSI* (João de Madureira e Cosme de Magalhães são igualmente contemplados pela *Bibliothèque* de Sommervogel). Todavia, é importante salientar que estes catálogos manuscritos são uma fonte lacunar, pois não apresentam catálogos de alunos e professores para todos os anos e não são consistentes no tipo e na forma de registar as informações. Há casos, como os de Antão Galvão, António Correia e Belchior de Barros, em que se regista a entrada na Companhia, a naturalidade, a idade e o nível de estudos em que se encontra cada aluno ou noviço; noutros casos, como o de Pantaleão da Ponte, sabe-se apenas que o jesuíta esteve no Colégio das Artes de Coimbra e que aí estudou e frequentou algumas classes, mas, quanto a outras informações biográficas, o catálogo parece-nos completamente omissos⁴³.

A maior parte destes jesuítas compôs os poemas que integram o *corpus* na mesma altura em que eram mestres da primeira ou da segunda classe, ou, porventura, ainda ouvintes destas classes.

11. Tradição Clássica: processos e modelos de imitação

11.1. Os processos

O recurso a processos da tradição clássica nos exercícios de composição seria habitual na pedagogia jesuítica das Humanidades e, como se viu, recomendável. Um dos

⁴³ Será necessária uma consulta exaustiva dos catálogos, tarefa fora do âmbito desta dissertação.

processos mais comuns a que os mestres jesuítas recorriam com frequência era o uso de certas palavras ou expressões correntes na literatura latina, como nomes ou epítetos de deuses, figuras mitológicas, localizações geográficas antigas, entre outros.

O recurso a expressões deste tipo, eventualmente julgadas como pagãs pelos espíritos mais puristas, não causava qualquer objecção aos padres jesuítas, uma vez que, sempre que as empregam, o fazem para conotar as palavras ou expressões escolhidas com conceitos cristãos ou apenas para embelezar os seus textos.

Os deuses pagãos e epítetos mencionados no *corpus* estudado são vários, quase sempre utilizados como personificações de fenómenos astrológicos, de acontecimentos como a guerra ou de sentimentos. Apolo é mencionado uma vez como o patrono da poesia (XLVII.8), ao passo que o seu epíteto Febo aparece cinco vezes, uma das quais também associado ao patrono da poesia (XXXIX.56) — tal como as Graças aparecem associadas à eloquência (XLVII.8), sendo comum identificá-las com as primitivas musas —, e as restantes quatro como sinónimo de Sol (L.28, LI.25, 33, 42), como acontece n’*Os Lusíadas* (1.56.5, 3.20.4, 4.75.5, 10.87.8).

Astreia é mencionada enquanto personificação da Justiça (XXXV.23). Aurora é associada ao nascer do dia e ao Oriente e Vésper (L.27, 131) é associado ao cair da noite e ao Ocidente (L.27). Cupido é referido como uma personificação do amor extraconjugal (XLIV.8). O nome de Diana surge na expressão *Dianae cornua* (L.96), metonímia de uma fase da lua que aqui remete para o símbolo do mundo islâmico: a lua e o crescente. Marte, sendo o deus da guerra, aparece nos poemas como a personificação desta (XXXVIII.15, L.1, 20, 22, 49). Minerva, deusa das actividades intelectuais e das artes, aparece relacionada com o fabrico do pão e a tecelagem (XLIII.3-4) e com o estudo (L.49).

As referências ao Orco (L.36) e a Plutão (XXXVII.1, 7), associados na Antiguidade ao deus do mundo inferior e das riquezas, justificam-se pelo facto de, nesta época, ambos serem já uma forma menos directa de nomear o Inferno cristão. O termo *Tonans* (XXXIX.5, XLVIII.1 e XLIX.19), tradicionalmente aplicado a Júpiter, refere-se nestes poemas sempre a Deus, aparecendo como um dos seus epítetos.

No campo das figuras mitológicas, há também várias referências a heróis e a monstros, que, na sua maioria, servem de contraponto à rainha, no que toca às virtudes desta: no caso dos heróis, eles são o ponto de partida para demonstrar que as qualidades da Rainha Santa Isabel excedem as daqueles; no caso das figuras monstruosas, aparecem para que a rainha, ou alguém por ela auxiliado, as possa derrotar. Alcides (II.2) ou

Héracles é um dos mais célebres heróis gregos e figura no poema II, a par de César e Pompeio, dois generais romanos protagonistas de uma guerra civil, e de Alexandre, o Grande, que representa, tal como as outras figuras mencionadas, uma personalidade responsável por grandes feitos que a Rainha Santa Isabel vai ofuscar e ultrapassar em virtudes.

No que respeita a figuras históricas da Antiguidade, mencione-se ainda Crespo (VI.1), rei da Lídia, que no poema é a personificação da riqueza e da ambição desmedidas devido, precisamente, à sua abundante fortuna, que o rei acreditava constituir a suprema felicidade.

Quanto às referências mitológicas, é mencionado Atlas (L.123), o gigante que, condenado por Zeus, suporta o céu, talvez numa alusão ao Norte de África, uma vez que Heródoto afirma que Atlas é uma montanha situada nessa região⁴⁴. Uma outra montanha mencionada é Hibla, na expressão *dulcem hiblam* (XLVI.7), numa alusão ao mel pelo qual era conhecida, que no poema constitui uma metáfora para a doçura das palavras da rainha.

De entre as figuras mitológicas, realcem-se também seres monstruosos como a hidra africana (L.34) e a hidra de Cérbero (L.159), que remetem, talvez, para a figura de Gérion, um gigante de três cabeças que habitava a ilha de Eritia, que corresponde, provavelmente, a um local de Espanha próximo de Cádiz. Medusa (L.34), a quem é atribuída a geração da hidra africana, uma vez que do sangue desta, derramado por Prometeu, nasceu Crisaor, pai de Gérion⁴⁵. Prometeu é referido indirectamente na expressão *magnanimi filius Iapeti* (XLI.2), representando, assim, o papel de modelador do ser humano a partir da lama. Mencionam-se, ainda, os nomes Titã e Faetonte (LI.39-40), ambos associados ao Sol: Titã como um epíteto do astro, já utilizado nas mesmas condições por Vergílio (Verg. *A.* 4.119) e Ovídio (por exemplo, *Ov. Met.* 1.10, 2.115), e Faetonte aplicado à Pobreza, aludindo ao facto de esta ter a capacidade de substituir o Sol e iluminar a humanidade.

Salientam-se, também, as menções da figura de Tiestes (XLVI.6), como símbolo da dissimulação, uma vez que se envolveu com a sua filha sem lhe revelar quem era, e da de Ulisses (XXX.37 e XXXIX.37, 41), sempre associado ao mito fundador segundo o qual o herói de Ítaca teria aportado na região de Lisboa e aí fundado esta cidade.

⁴⁴ Hdt. 4. 184.

⁴⁵ v. *infra*, p. 153, n. 88.

As referências geográficas são as que mais abundam nos poemas e podem ser divididas em dois grupos distintos: o primeiro compreende as antigas designações geográficas de regiões, países, cidades, locais com conotações mitológicas, montes e montanhas; o segundo todas as restantes designações, onde se incluem os nomes dos rios mencionados nesta selecção de poemas e, ainda que não sejam exactamente referências geográficas, os nomes pelos quais eram conhecidos alguns ventos na Antiguidade. Para a elaboração dos parágrafos sobre designações geográficas, recorreu-se a *The Oxford Classical Dictionary* e *Encyclopaedia of the Ancient World*, ambos referidos na bibliografia.

Quanto às referências do primeiro grupo, são de salientar os nomes que designam por metonímia o Norte de África: a cidade de Canopo (XXXIX.44), no Egipto; Cartago, sob as designações *poenorum* (XXX.29), *Punica* (L.3, 154) e *Poenis* (L.79), cidade fenícia e grande potência da Antiguidade, localizada na actual Tunísia; a Líbia (XXXIX.33, L.4, 10, 18, 37, 59, 66, 76, 80, 93, 121, 133, 142, 162, 175), nome pelo qual era designada a África, uma das três partes em que estava dividido o mundo antigo; a Getúlia (L.2, 63), antigo país da Líbia; e Massila (XLI.4, L.3, 62), uma antiga região que remete para a Numídia, no Norte de África.

São também referidas: a Bactria (L.108), país asiático que fez parte do império Persa, na região do actual Afeganistão, associando-se ao Islão e, por consequência, àqueles que na época eram considerados inimigos da fé cristã, que os portugueses queriam espalhar; a Bética (XLVII.3), antiga província romana da Hispânia (XXXIX.47 e L.66, 116), que identificaria a Península Ibérica; a Frígia (XLV.6), província romana da Ásia Menor, território na actual Turquia, muito apreciada pela qualidade do seu mármore; Tiro (XLVI.3, XLVII.3), cidade fenícia na região do actual Líbano, famosa pela produção da púrpura; a Hespéria (XXII.7, XXXIV.1, L.71), que para os autores do *corpus* pode designar a Hispânia por ser o local onde o Sol se põe; a Migdónia (XLVII.2), cidade da Frígia, governada por Mígdon, um dos aliados de Príamo na guerra de Tróia (Hom. *Il.* 3.184); e a Trácia (L.39), antiga província romana no Sudeste da Europa, que se divide actualmente pelos territórios da Grécia, da Turquia e da Bulgária modernas.

Fazem ainda parte deste primeiro grupo os seguintes topónimos: Averno (XLIV.9), lago situado perto de Nápoles, mais concretamente em Pozzuoli, que na poesia humanista é encarado como uma das entradas ou bocas do Inferno; Báratro (L.23), abismo para onde se lançavam os condenados e também mais uma das designações humanistas do Inferno; Cáucaso (L.110), cordilheira entre o mar Negro e o mar Cáspio, conhecida

pelas suas profundas cavernas; Olimpo (XXX.8, XXXVIII.33, L.24, 84, 179 e LI.3), montanha grega da região da Tessália onde se acreditava ser a morada dos deuses e que, com o passar do tempo, se associou cada vez mais ao Céu; e Ródope (L.9), montanha da Trácia.

No segundo grupo figuram o mar Adriático (XXXIX.12), parte do mar Mediterrâneo que se situa entre a Península Itálica e a Península Balcã; o Ebro (L.72), rio da Hispânia que dividia as regiões que pertenciam aos Romanos das regiões pertencentes a Cartago; o Reno (L.72), que dividia as províncias da Gália e da Germânia; e o Tibre (L.73), rio da Itália na margem do qual se fundou Roma — os três rios são apresentados como aliados do Tejo, isto é, dos Portugueses; o Estige (XXXVII.4, XLII.6 e XLVII.12), afluente do Tártaro (II.5, L.173), rios míticos para onde iam as almas dos pecadores, ambos mencionados como sinónimo de Inferno ou infernal; o Ganges (XXXI.1, 11), rio da Índia e um dos maiores do mundo; o Hermo (LI.19), rio da Ásia que desagua no mar Egeu e que se dizia ter areias de ouro; o Indo (LI.17), rio da Ásia que dá o nome à Índia; e o Hidaspes (LI.19), afluente do Indo onde terminaram as conquistas de Alexandre — os três rios associam-se, no poema LI, ao ouro e às pedras preciosas; e o Nilo (L.111, 183), um dos maiores rios do mundo e que atravessa o Egipto e é conhecido pelas suas sete bocas e pelas frequentes cheias que tornam muito férteis para a agricultura as terras por ele banhadas, aparece personificado no poema L como uma figura grandiosa que se submete aos Portugueses.

Por fim, refiram-se o Aquilão (L.91), vento frio vindo do Norte, que é citado como um vento favorável aos Portugueses, e o Austro (L.91) ou Noto (XXXII.5, XL.3), vento quente vindo do Sul, mencionado nos poemas como um vento invernos e pouco dócil.

Um outro processo também frequente era a imitação de algum dos poetas estudados nas lições, pelo uso do metro, respeito pela estrutura dos poemas, aplicação de recursos retóricos, utilização de vocabulário ou de expressões colhidas em obras clássicas.

Destas estratégias, a utilização de vocábulos ou expressões de autores antigos merece especial atenção pela forma como professores e estudantes os liam. O método mais comum era através da leitura directa das obras, a partir das quais se preenchiam cadernos de apontamentos com listas de expressões úteis para as composições⁴⁶. Além destas recolhas manuscritas, os jesuítas teriam também à sua disposição, nas bibliotecas

⁴⁶ Práticas já sancionadas por vários colégios, como o comprova a *ratio* do Colégio de Évora; v. ANTT *cod. da Livr. 2209*, f. 174.

dos colégios, manuais de *loci communes* impressos e amplamente difundidos, como a *Officina* e os *Epitheta* de Ravisio Textor e a *Margarita Poetica*, florilégios onde se reuniam excertos de autores clássicos (alguns dos quais nem faziam parte do *curriculum* de estudos dos colégios, como Estácio e Claudiano⁴⁷). Autores humanistas também poderiam figurar nessas antologias, como parece ser o seguinte caso de Baptista Mantuano: um hemistíquio (*Parthenice Mariana*, 470) recolhido nos *Epitheta* de Ravisio Textor (1616: 913) integra o verso 69 do poema L.

Ao longo da tradução anotaram-se, não de forma exaustiva, alguns desses empréstimos e apropriações, que ajudam a perceber o tipo de leituras de mestres e alunos destes colégios fora das classes a que pertenciam.

11.2. Os poemas e os seus modelos clássicos

O comentário dos poemas nesta secção não é uma análise exaustiva; apenas são comentadas as composições mais fecundas na recepção dos modelos clássicos, as que oferecem uma maior quantidade de recursos retóricos a explorar e as que sobressaem das demais pelo esquema métrico.

Note-se que os autores fazem uso de uma grande variedade de esquemas métricos e que recorrem a expressões de vários autores clássicos e obras. No entanto, é de salientar que, nos poemas escolhidos para este *corpus*, apesar de se recorrer a expressões de Vergílio, Ovídio, Marcial, entre outros, Horácio é o autor que mais decididamente contribui para a formação poética destes autores. Encontram-se vários ecos da sua obra nestes poemas, não só o reflexo de esquemas métricos como o uso do imaginário e da estrutura sintáctica do venusino, como será ilustrado adiante.

11.2.1 Poemas em dísticos elegíacos

O dístico elegíaco é formado por um hexâmetro e um pentâmetro. O primeiro verso tem seis pés, sendo os quatro primeiros dáctilos ou espondeus, o quinto obrigatoriamente um dáctilo e o sexto composto pela primeira sílaba longa e a última ancípite. O segundo verso é formado por cinco pés: dois dáctilos ou espondeus, uma sílaba longa antes da cesura, dois dáctilos obrigatórios e uma sílaba ancípite.

⁴⁷ De Estácio, apenas duas *siluae* constam nas antologias estudadas por Domingues (2002), e todas as referências à obra do autor remetem para *siluae* que não fazem parte desses manuais (Domingues 2002: 147). O acesso às expressões utilizadas terá sido, portanto, feito através dos manuais de Textor, da *Margarita Poetica* ou outros semelhantes. A única intertextualidade com Claudiano encontra-se nos versos L.146-147.

Tal como todos os esquemas métricos usados pelos mestres jesuítas, a escolha do dístico elegíaco filia-se na tradição clássica. A sua origem remonta à Grécia Arcaica, durante a qual se associava sobretudo a poemas curtos e não-narrativos, especialmente a inscrições votivas ou fúnebres. Mais tarde, Antímaco dá-lhe uma nova vida ao usá-lo em composições narrativas mais longas. Assim, do seu utilitarismo original, o dístico elegíaco evoluiu e tornou-se um género por si só. É nesta senda que Calímaco seguirá, acrescentando-lhe ainda duas características: uma voz didáctica e um forte cunho autobiográfico — retomando, em alguns casos, a função original deste esquema (Sheets 2007: 200).

O dístico elegíaco, pelas suas características — a concisão e tamanho suficientes para encerrar um pensamento —, adequava-se a uma grande variedade de assuntos e, durante a época helenística, a extensão do epigrama não ia além dos oito versos, e a forma preferida era de apenas quatro versos (Sullivan 1999: 79). Era também comum que o último dístico — se o poema era composto por mais do que um — correspondesse a uma *sententia*, a um *epiphonema* ou a uma *acclamatio* (Sullivan 1999: 79-80).

Além de Catulo, também Marcial (que, no prólogo do livro I dos *Epigramas*, identifica Catulo como um dos seus modelos) usou extensamente o dístico elegíaco. Trata-se de um autor que fazia parte das antologias jesuíticas existentes nos colégios, ainda que bastante truncado. A grande diferença entre ambos é que Marcial não é tão obscuro como Catulo — e talvez venha daí a preferência dos jesuítas pelo primeiro —, mas os tópicos abordados são semelhantes, sobretudo no tom pessoal da poesia epigramática dos dois.

Como seria de esperar, o que os autores jesuítas colhem de Marcial é o esquema métrico e não os temas. Nas secções seguintes explora-se a poesia em dísticos elegíacos elaboradas pelos jesuítas do Colégio das Artes.

a. Sem mote

Dos cinquenta e um poemas seleccionados para esta dissertação, a maioria — trinta e quatro (I-X, XII-XXIX, XXXI-XXXIV, XXXVI e XXXVII) e excluindo o grupo de dez poemas com o mesmo metro que serão analisados na secção seguinte, por razões temáticas — foi escrita em dísticos elegíacos. Atendendo à grande quantidade de tópicos abordados, parece mais lógico agrupá-los tendo em conta a estrutura, ainda que alguns se incluam em diversas categorias.

Os primeiros a realçar são aqueles em que a apóstrofe é o recurso proeminente. As figuras a quem os diferentes sujeitos poéticos se dirigem são, em primeiro lugar, a Rainha Santa Isabel, depois, o leitor, reis e rainhas, o povo, Coimbra e Santa Clara. A todos é comum a figura exaltada, a rainha, quase sempre exemplo de virtude, seja pelo desprezo das riquezas terrenas (v.g. II, XXVII, XXVIII e XXXVII) ou do poder (v.g. III e IV) seja pela servidão a Deus (v.g. I e XXV) seja pelos milgares ou pelos favores concedidos (IX e X). Ainda dentro do conjunto de poemas apostrofícos, encontram-se os poemas XIII e XIV, ambos em forma de prece. Na primeira composição, *miseros* (v. 5), *mendicos*, *inopes* (v. 6) louvam o nome da rainha, pedindo-lhe protecção num tom que remete para a oração *Salve Regina*; na segunda, a prece é dirigida a Santa Clara para que poupe o túmulo da Rainha Santa da subida das águas do Mondego, fenómeno que, de resto, obrigou à trasladação do corpo para o Convento de Santa Clara-a-Nova. Os poemas XV e XVII dirigem-se aos reis e às rainhas, respectivamente. Em ambos se mostra o túmulo de Santa Isabel, que serve de pretexto para incitar uns e outros a seguir o exemplo da soberana. Note-se, por exemplo, a semelhança entre o último dístico das duas composições: o sujeito poético apresenta aos dois interlocutores o caminho para o Céu e aconselha-os a segui-lo, tal como fez a santa.

Depois da exortação a reis e rainhas, outros dois poemas (XXXI e XXXII) tomam também o túmulo como pretexto para o desenvolvimento. No primeiro caso, a exortação é feita ao povo (*Agricolae*, v. 3), aos marinheiros (*nautae*, v. 4), aos soldados (*miles*, vv. 5 e 8) e aos vates (*uates*, vv. 6 e 7) para que depositem oferendas no local (*uiolis*, v. 3; *munera larga*, v. 4; *galeam e arcum*, v. 5; *carmina festa*, v. 6; *pia carmina*, v. 7; *clara trophaea*, v. 8). No segundo, o destinatário é a rainha, cujo túmulo submete até as estações do ano. No poema XXVI, igualmente dirigido à rainha, que identificamos pelo pronome (*tuam*, v. 1) e pelas formas verbais (*gubernabas*, v. 2; *cohibebas*, v. 3; *sedabas*, v. 4; *tenebas*, v. 5; *regebas*, v. 7; *rexisses*, v. 8), o sujeito poético enumera os três reinos sobre os quais esta governou: o corpo (*corporis*, v. 3), o espírito (*animi*, v. 4) e o povo português (*Lysiadas*, v. 5), sintetizados, depois, no verso 7 (*Corpus iners animique minas populosque regebas*).

Merecedor de realce é o conjunto formado pelos poemas XXI-XXIV, que versa sobre um milagre ocorrido em 1561. Nas quatro composições refere-se ou alude-se ao azeite (*oleo*, XXI.4; *oleum*, XXII.1; *oliuo*, XXIV.1, 5) alimentador de uma lamparina que ilumina o túmulo da Rainha Santa Isabel (*lampadis uncta liquore*, XXI.7; *lampadis accensae humor*; XXII.3; *collustrat uiua luce / Lampas*, XXIII.1-2; *lampas*, XXIV.2). É

com esse elemento que se opera o milagre, cuja ocorrência se atesta numa carta atrás mencionada⁴⁸. Consideramos compreensível o destaque dado ao acontecimento, recordando que estes escritos são de uma época em que começava a crescer o interesse na canonização da rainha.

Os poemas VIII, XXIX e XXXIII apresentam uma estrutura assente no paralelismo. No caso do poema VIII, o paralelo é feito entre duas mulheres santas: Isabel, oriunda de Saragoça e que veio governar e morrer em Portugal, e Engrácia, nascida em território que viria a ser português e martirizada em Saragoça. A comparação é evidente: ambas deixaram a sua pátria para se dedicarem a Deus em terras estrangeiras, honrando-as com o seu sangue. O poema XXIX é uma das composições mais curtas deste *corpus*, contendo apenas dois versos; o paralelismo criado assenta numa antítese, acentuada pela construção pergunta-resposta, que se assemelha a um enigma: apresenta-se a rainha, uma mulher que, com todas as fragilidades atribuídas na época ao sexo feminino, foi capaz de dominar a sua natureza e governar sobre homens. No poema XXXIII, também antitético, opõem-se a riqueza régia e a nobreza de linhagem ao amor a Deus e à pobreza, características que, como se verifica noutros poemas, conduzem a rainha ao reino dos Céus.

Os poemas em dísticos elegíacos incluem algumas composições de pendur narrativo, como V e XVIII. No primeiro narra-se um episódio fictício da vida da rainha que serve para ilustrar as suas escolhas: o momento em que Santa Isabel escolhe aceitar o seu papel terrestre enquanto rainha, mas sem ceder no seu amor pela cruz. No segundo caso, o episódio relatado também é uma invenção, mas refere um acontecimento que marcaria para sempre o culto e a imagética associada à Rainha Santa Isabel: o milagre das rosas.

Os poemas VI e XVI são importantes para ilustrar a poesia gnómica. Em ambos encontra-se um exemplo de riqueza e poder terrestres a que se contrapõe a figura da rainha, como modelo de virtude, de forma a encerrar as composições com um ensinamento moralizante.

Os poemas VII e XII são aqueles que mais claramente evocam a função primordial do epigrama: a inscrição. Ambos celebram o dia 4 de Julho, instituído como a festa em honra da Rainha Santa Isabel. O poema XII parece ter o objectivo de figurar no início de

⁴⁸ v. *supra*, pp. 15-16.

uma colecção de poemas festivos, provavelmente como apresentação das composições afixadas nos corredores do Colégio das Artes em dia de celebração.

Outro recurso utilizado pelos jesuítas é a prosopopeia, presente nos poemas XXXIV e XXXVI. As entidades personificadas estão ligadas aos elementos naturais, o Tejo (identificado no título do poema XXXIV — *Ad Tagum*) e o Sol (identificado pelo nome em XXXVI.1). O rio lamenta-se por ter sido preterido em relação ao Mondego, que representa a morada final da rainha. O Sol, por sua vez, presta homenagem à santa, desviando o seu curso natural para admirar o brilho do túmulo da soberana, capaz de ofuscar o seu próprio brilho.

No poema XIX há uma vaga alusão ao milagre das rosas, uma vez que o título — *De eadem re* — se associa ao do poema anterior — *De Diuae Isabellae Reginae laudibus*. No entanto, isso é apenas o pretexto para a criação de um símile. Os espinhos (*uepribus*, vv. 2 e 4) são comparados às riquezas terrenas (*opes*, v. 2), de que a rainha se desembaraça, dando lugar à virtude.

No poema XX, o sujeito poético fala sobre um acontecimento histórico, a actuação da rainha enquanto moderadora da relação entre pai e filho, D. Dinis e D. Afonso. Sai exaltada a coragem da soberana ao precipitar-se para o campo de batalha. A estrutura do poema assemelha-se a um diálogo entre o sujeito poético e a rainha, que se apresenta como uma anciã disposta a sacrificar-se pela paz familiar. O poema fecha com a conclusão de que, agora, a rainha atingiu a paz suprema (*summae [...] pacis*, v. 7).

b. Poesia emblemática

Em largos traços, a poesia emblemática define-se como um género literário que conjuga imagens e texto. Estas composições eram normalmente compostas por um lema (que podia ser um provérbio, um verso ou um epigrama de um autor clássico, uma sentença, uma frase bíblica ou da autoria do próprio), uma imagem (*pictura*) e uma glosa. No entanto, para que um poema fosse considerado um emblema necessitava apenas de ser composto pelo conjunto mote-glosa (Amaral 2004: 5-6).

O conjunto de poemas XLI a XLIX parece incluir-se nesse grupo. Como os códices estudados são compostos por cópias dos textos originais, não se sabe se primitivamente estes eram acompanhados de imagem ou não.

Pensa-se que a origem dos emblemas remonte ao Egipto, mas foi com a edição do *Emblematum liber* de Alciato, em 1531, que a escrita emblemática ganhou relevo (Amaral 2004: 7). Os livros de emblemas raramente faziam esquecer a vertente didáctica da

literatura, e os poetas que compunham este tipo de texto mais não faziam do que seguir o princípio horaciano referido na *Ars Poetica: Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci* (v. 343) (Clements 1960: 62-63).

A Companhia de Jesus não era alheia a este fenómeno: a ordem celebrou o seu primeiro século de vida com a edição de um volume de emblemas, *Imago primi saeculi Societatis Iesu*, em 1640. De acordo com a sua essência pedagógica, os jesuítas podiam usar o emblema em vários contextos, mas sempre com um objectivo didáctico ou moralizante (Clements 1960: 230). Além disso, era comum também que estes emblemas fizessem parte das celebrações religiosas, versando, por exemplo, cenas bíblicas (Clements 1960: 102). A poesia emblemática era, assim, uma forma de ensino e de exaltação da virtude.

Neste sentido, o conjunto de poemas de Antão Galvão (XL a XLIX) parece aproximar-se deste género de composição. Os dez poemas são glosas em estilo barroco, assentes sobretudo em metáforas muito concretas e naturalistas, fazendo uso de um vocabulário saturadamente sensorial (Silva 2010: 476-479, 496-502). Os motes são sempre versículos dos Provérbios — livro, aliás, bastante usado para este tipo de poesia, a par dos Salmos — sobre a *mulierem fortem* (Pro. 31.10). São estas frases o ponto de partida para a composição dos poemas que, recorrendo amiúde a conceitos rebuscados, num jogo subtil de agudeza, louvam e exaltam as qualidades da rainha, culminando num último dístico que pode assumir a forma de *sententia*, máxima ou moral.

11.2.2 Poema em metro heróico

A composição L, em hexâmetros dactílicos (seis pés com o quinto obrigatoriamente dactilo), é da autoria de João de Madureira. A data de composição, em hipótese explicada⁴⁹, será 1578 (entre 4 de Julho e 24 de Agosto): pelo tema tratado, pela referência ao facto de esta ser uma nova viagem (ou seja, posterior a uma outra mencionada nos versos 158-161, ocorrida em 1574⁵⁰) e pela crença na vitória do rei português (vv. 94-95).

A presença de expressões ou da influência de autores clássicos é evidente. Encontram-se, por exemplo, versos de Vergílio (v. 152), Ovídio (vv. 12, 38, 105, 157), Marcial (v. 4), Estácio (vv. 131, 133, 153, 171), Sílio Itálico (v. 110) e Claudiano (v. 147).

⁴⁹ v. *supra*, pp. 17-18.

⁵⁰ Isto afirma Farinha (1999: 72); Cruz (2006: 231) diz sobre o rei que “a 24 de Agosto, pelas 3 da tarde, aportava em Ceuta”.

Contudo, nem todos os autores mencionados ou algumas das suas obras constavam do programa de leituras proposto para as diversas classes de Humanidades e Retórica. Como mencionado anteriormente⁵¹, o uso de certo vocabulário e de certas expressões devia-se não só às leituras feitas em aula e às recolhas dos próprios alunos mas também às que se faziam fora desta, às indicações do professor⁵² e aos manuais de *loci communes* que estariam disponíveis na biblioteca do colégio.

O tema tratado é o combate e a contenção da ameaça turca no Norte de África, assunto conhecido na época e particularmente interessante para D. Sebastião. Dada a importância da matéria, não é surpreendente nem desadequada a escolha do hexâmetro dactílico para a composição, já que este ritmo era mais comumente utilizado para cantar feitos épicos. A par do metro escolhido, também a extensão do poema é uma característica que remete para a poesia épica. Todavia, a análise da estrutura interna demonstra que falta ao texto um dos principais traços da epopeia, o carácter narrativo. A composição desenvolve-se, sobretudo, em torno de um discurso. A figura de enunciação é a Rainha Santa Isabel, na boca de quem é colocado um discurso exortativo que reflectiria a mentalidade de vários sectores da sociedade, incluindo a posição da Companhia de Jesus. Assim, o recurso em realce neste poema é a prosopopeia, uma vez que, além do discurso da rainha, os restantes versos são quase exclusivamente dedicados à introdução e conclusão. Ainda que ao longo do texto se verifique certa evolução narrativa, uma vez que a rainha vai descrevendo todos os triunfos que acredita que D. Sebastião alcançará, o plano discursivo é muito mais visível e desenrola-se num tom profético, assemelhando-se a uma visão do futuro.

O destinatário do discurso, D. Sebastião, apenas é apresentado ajoelhado em frente ao túmulo da rainha no verso 13. No entanto, há também no verso 5 uma referência às capacidades do rei. No momento inicial (vv. 1-9) o sujeito poético exorta o povo português destacando as suas qualidades, tanto em tempos de paz como em tempo de guerra. É de notar ainda o uso do imperativo *Perge* (v. 6), modo que se repetirá várias vezes ao longo da composição, contribuindo para o tom exortativo do poema. Toda a parte inicial antecipa o que se diz nos versos 10-12, numa alusão evidente à profetizada vitória dos portugueses. A imagem descrita é a de um pormenor do túmulo da rainha, os

⁵¹ v. *supra*, p. 3, n. 10.

⁵² *Ratio*, regra número 6 para o professor de Humanidades e regra número 7 para o professor da classe superior de Gramática.

leões que o sustentam e que, na interpretação do sujeito poético, representam o inimigo subjogado pela santa.

É apenas no verso 19 que D. Sebastião ouve de dentro do sepulcro a voz anunciadora que o incita à empresa do Norte de África. O discurso da rainha é extenso e prolonga-se até ao verso 145, num poema que no total conta 185 versos.

Uma vez que se trata de um discurso, nele se encontram características de um texto do género oratório, sendo possível identificar as três secções essenciais de qualquer discurso: o exórdio (vv. 19-31), a narração (vv. 32-131) e o epílogo (vv. 132-145).

No exórdio, a rainha faz uso de uma sucessão de apóstrofes ao rei (vv. 19-23), nas quais fica claro que este era visto como uma peça essencial em todas as vertentes, política, social e religiosa. Nos versos 25 e 26, no que se pode designar de *propositio*, é revelado aquilo a que D. Isabel se propõe: apresentar a D. Sebastião os grandes feitos que o esperam. Os versos finais do exórdio apenas confirmam as palavras anteriores da rainha, porquanto se afirma que o rei já tinha dominado os dois extremos do mundo, faltando apenas a “*medii [...] Mundi / Pars*” (vv. 30-31), que corresponderia aos territórios de África.

A segunda parte do discurso inicia-se com referências ao dia esperado da derrota dos inimigos (verso 32), e termina com o mesmo tópico, uma nova referência ao dia que demorava a chegar (versos 130 e 131). A estrutura assenta numa série de profecias e de conselhos, cuja intenção é demonstrar a D. Sebastião que não há razões para adiar a viagem, já que todos estão certos de que a vitória será dos portugueses. A vontade do rei era conhecida⁵³: sabia-se que o seu maior desejo era ter a oportunidade de combater em África, mas era também do conhecimento dos seus conselheiros que essa era igualmente a opinião do povo⁵⁴ e de alguns sectores mais próximos do rei, aos quais, obviamente, pertenciam os jesuítas⁵⁵. Este poema é a materialização natural de um desejo comum a uma grande parte dos portugueses do século XVI. A par das profecias e dos conselhos, há ainda espaço para uma analepse, nos versos 42 a 45, uma prolepse, nos versos 101 a 103, e duas *sententiae*, a primeira nos versos 56 e 57, a segunda nos versos 69 e 70.

⁵³ Sobre essa vontade de D. Sebastião, Cruz (2006: 231) afirma que “[o]s preparativos que se faziam em Lisboa e as já referidas intervenções da avó, do cardeal e do ex-confessor provam como era do conhecimento público a iminência de uma ida do rei a África”.

⁵⁴ Farinha (1999: 66) fala sobre o estado de espírito do povo e das Cortes.

⁵⁵ Sobre a vontade dos jesuítas de rumarem ao Norte de África, v. Cruz (2006: 63).

Na analepse a rainha refere que se alegrou depois de ver a habilidade de D. Sebastião, ainda criança, em pegar em dardos e derrotar um javali; este funciona como um episódio premonitório das capacidades beligerantes do rei.

O recurso à prolepse permite que a figura da rainha demonstre que a vitória está garantida, porque refere que já vê que “tombaram as ameaças, tombaram as unhas aos leões, / Os dentes aos javalis e a ira aos tigres” (*cecidisse minas, cecidisse leonibus ungues / [...], dentes apris et tigribus iras*, L.101-102).

Tendo em mente que a voz da enunciação conhece o passado e o futuro e, por isso, tem autoridade para formular este tipo de máximas, importa esclarecer que a primeira *sententia* aponta novamente para a ideia que perpassa todo o poema: a ociosidade e a indolência são inimigas da coragem; a segunda pretende inspirar ainda mais no rei o sentimento já presente de respeito pela virtude.

A organização do discurso deste poema parece, pois, convergir para o objectivo citado: mais do que convencer o rei de uma vitória certa, é preciso mostrar que o seu povo o apoia na decisão de partir rumo a África.

No epílogo (vv. 132-145), através da metáfora dos leões que lhe sustentam o túmulo, a rainha atesta que nada há a temer nem de que duvidar, pois ela pessoalmente empenhar-se-á no auxílio ao rei, quase como se estivesse pronta para combater ao seu lado.

Nos últimos 42 versos, o poema traça um quadro bem nítido da urgência dos instantes antes da partida, como se, por meio da hipotipose, colocasse o leitor perante o teatro do zarpar dos navios. Nota-se, por exemplo, um ritmo mais dinâmico imprimido ao poema: as assonâncias do “i” e do “u”, nos versos 155 a 157, parecem imitar o som dos ventos que empurrarão os navios na viagem. A agitação nos preparativos é realçada pela anáfora de *rursus*, nos versos 160 e 161, que permite perceber o empenho dedicado à mesma empresa pela segunda vez. Vemos também a fúria com que os barcos rasgam o mar, acentuada pela aliteração da líquida “r” e da oclusiva “t”, nos versos 163 e 164. A mesma aliteração, agora nos versos 176 a 179, traduz o ressoar dos trovões e o ribombar dos canhões à chegada às costas de África. Também o crescente medo que o sujeito poético descreve nos versos 182 e 183 é evidenciado pela anáfora da forma *quam* no início de cada frase, dando depois lugar a um abrandamento do ritmo, nos versos 184 a 186, nos quais se assiste à explosão de aplausos e ao triunfo de D. Sebastião, auxiliado pela Rainha Santa. O poema termina com este tom belicoso que se mistura com os

aplausos do povo português, enquanto se assevera uma vez mais, no último verso, a certeza da vitória.

11.2.3 Poemas em ritmos horacianos

Em relação a Horácio é importante recordar que se trata de um poeta que escreveu usando uma grande variedade de esquemas métricos. Knox (2013: 527) afirma que “[a]s a sophisticated stylist, Horace earned a place in the curriculum of the schools as well”. Isto é comprovado pela *Ratio*, que inclui o poeta na lista de autores a ler e a imitar. Por essa razão, é natural que, dada a diversidade métrica e temática da obra de Horácio, este autor fosse particularmente interessante para imitar. Nas secções seguintes, salientar-se-á de que forma essa imitação foi feita pelos jesuítas do Colégio das Artes de Coimbra.

a. Estrofes sáficas

No poema XXX, o sujeito poético recorre a uma estratégia que se encontra também no poema LI e que consiste em iniciar a sua composição com um verso ou expressões colhidas de um autor clássico. É notória a intertextualidade com a ode 1.2 de Horácio, em que o poeta latino descreve várias calamidades que caíram sobre o império romano e pede a salvação deste, apresentando Augusto como libertador. A primeira semelhança evidencia-se no início de ambos os poemas: compare-se *Iam satis terras coluit iacentes* (v.1) com *Iam satis terris niuis atque dirae* (Hor. *Carm.* 1.2.1)⁵⁶ — logo no primeiro verso, Luís da Cruz repete as três primeiras palavras do primeiro verso da ode de Horácio.

O paralelismo nota-se também na estrutura. No poema de Luís da Cruz pede-se o auxílio divino da Rainha Santa na guerra contra os Turcos. Por isso, é possível identificar na figura da rainha a função de salvadora da pátria, tal como Horácio, na sua ode, identifica Augusto como o libertador de Roma. Além disso, na segunda parte do poema, o tom do poema do padre jesuíta aproxima-se do de Horácio. O poema de Luís da Cruz articula-se em duas secções. Na primeira predomina sobretudo um vocabulário ligado ao campo lexical da luz (que se relaciona com o tom das duas últimas estrofes da ode de Horácio, nas quais se apresenta Augusto como o salvador do império). Na segunda, o vocabulário dá lugar ao campo lexical da guerra, sobretudo a expressões que se associam

⁵⁶ “Já assaz enviou o Pai sobre a terra a neve” (trad. P. B. Falcão in Horácio 2008: 49).

ao medo e ao terror (na ode horaciana, encontra-se esse vocabulário catastrófico e belicoso, associado também ao medo, ao terror e à vingança nos versos 1 a 44).

Quanto ao vocabulário, há uma outra ode de Horácio, cujos versos, neste caso, alcaicos, parecem ser a fonte de Luís da Cruz. Veja-se o seguinte exemplo (negritos nossos):

*si pugnat extricata densis
cerua plagis, erit ille fortis*

*qui perfidis se credidit **hostibus**
et Marte **Poenos** proteret altero;
qui lora restrictis lacertis
sensit iners timuitque mortem*

Hor. *Carm.* 3.5.31-36⁵⁷

*Arma **Poenorum** uelut arrogantum
De coronatis repulere muris
Nobiles turmae, quibus efferatus
Corruit **hostis**,*

*Sic reluctantes abiget trirremes
Flamma, quam Turcae noua classis affert
Et catenato pede concitatum
Remiget aequor*

XXX, 29-36

É ainda importante salientar que, além do papel da rainha enquanto salvadora da pátria e auxílio divino, existe neste poema uma clara exaltação da passagem de Santa Isabel da vida terrena à vida celeste, realçando que esta é digna de figurar entre os seres celestes. Todo o poema se veste de um tom exortativo e premonitório da vitória.

⁵⁷ “Se a fêmea do veado luta, quando libertada / das densas redes, então corajoso será / aquele que ao pérfido inimigo se entregou, / e numa nova guerra, o Púnico será esmagado / por quem passivamente sentiu as correias / nos braços presos, e a morte temeu!” (trad. P. B. Falcão in Horácio 2008: 195).

b. Dísticos jâmbicos

O poema XXXV, pelo seu conteúdo, pode associar-se ao *speculum principum* ou espelho de príncipes, um género literário muito em voga no século XVI⁵⁸, e que encontra as suas raízes em autores como Homero e Hesíodo (Soares 1994: 15-24). A estrutura do poema de João de Madureira é semelhante à do poema de que se falará a seguir, de Cosme de Magalhães. O sujeito poético introduz o discurso da Rainha Santa Isabel, o qual ocupará os restantes versos da composição. Em primeiro lugar, a rainha dirige-se a D. Sebastião usando várias apóstrofes (vv. 2-7) que correspondem a diferentes epítetos, todos eles descritivos das qualidades do jovem rei, de quem se esperam vitórias, como declarado no verso 10. Curiosamente, a primeira característica mencionada está relacionada com a capacidade bélica de D. Sebastião (vv. 5-6). Segue-se mais uma constatação: este é um rei amado e desejado pelo seu povo (vv. 7-10). Só depois desta longa interpelação a rainha começa a desfiar recomendações. Encontra-se, então, um rol de conselhos dados a D. Sebastião, do verso 13 ao 36, estando presentes aquelas que devem ser as principais virtudes de um rei. Em primeiro lugar, a rainha aconselha o seu descendente a conquistar os súbditos pela força do amor e não com violência (vv. 13-14). A violência (*manu potenti*, v. 16) deve ser usada apenas para combater as ameaças de inimigos. Nos versos 19 e 20, a rainha volta a apelar ao lado emocional e terno do rei, mas lembra-lhe também que é preciso perícia e conhecimento.

Num poema de autoria jesuítica, não podia deixar de figurar o apelo à *pietas* do monarca (vv. 21-22). O tópico da *iustitia* é o mais desenvolvido e vai ocupar os dez versos seguintes: começa com uma referência à deusa da justiça (v. 23), aconselhando o rei a que seja justo com vassalos e senhores (v. 24), que afaste de si aqueles que o elogiam apenas porque esperam uma retribuição (v. 25), que atribua justamente recompensas e castigos, conforme os comportamentos (vv. 27-28) e que, antes de tudo, seja um exemplo de justiça e justiça (vv. 29-32). Os conselhos terminam com a recomendação de que tenha sempre em mente a manutenção da paz entre os seus (vv. 33-34) e com a repetição do conselho dos versos 27 e 28, mas com uma pequena diferença: que se demore na aplicação dos castigos e que faça o contrário na atribuição dos prémios (vv. 35-36). Na conclusão, D. Isabel afirma não pretender continuar a sua lista de recomendações porque observa que D. Sebastião é um rei que detém todas as virtudes elencadas (vv. 37-38).

⁵⁸ Note-se que são deste século algumas traduções castelhanas de tratados sobre a educação de príncipes; v. Soares (1994: 167-181).

A estrutura em dísticos permite ao autor desta composição transformar cada um dos conselhos em *sententiae*: um dístico encerra uma recomendação.

No poema XXXIX, da autoria de Cosme de Magalhães, a rainha aparece como profetisa da vitória dos portugueses e sua protectora. Numa composição de metro horaciano, encontram-se semelhanças entre esta e a ode 3.3 de Horácio (sobre a destruição de Tróia vaticinada por Juno) ao nível da estrutura, ainda que esteja composta em metro diferente, isto é, em estrofes alcaicas. Aí, o sujeito poético é ao mesmo tempo narrador: ele introduz o discurso da rainha nos versos 25 e 26 do poema de Cosme de Magalhães; na ode de Horácio, o discurso é introduzido por Juno, anunciadora de uma destruição (Hor. *Carm.* 3.3.17-18)⁵⁹. As semelhanças são também evidentes no uso do vocabulário: o recurso a nomes de ventos (*Eurus* e *Aquilo*, vv. 9-10) e as referências ao mar Adriático (*undas Hadriae*, v. 12), às muralhas de uma cidade (*Ithaco auctore murus nobilis*, v. 37), ao ouro (*Auroque decurrens*, v. 42), às Musas (*Musis*, vv. 50 e 51) e a Febo (*Phoebi*, v. 56) remetem também para esta a ode horaciana (v. Hor. *Carm.* 3.3.5, 49, 65-66, 70).

Além disto, a descrição presente nos versos 33 e 34 de Cosme de Magalhães assemelha-se vagamente à dos versos 21 e 22 da ode 3.5 de Horácio⁶⁰. Ambas apresentam um momento em que se observa um grupo de pessoas despojado da sua liberdade. O poema termina com um tópico decalcado de Horácio: o último dístico do poema de Cosme de Magalhães e a última estrofe da ode 3.3 de Horácio (v. Hor. *Carm.* 3.3.69-72)⁶¹ têm em comum não só o vocabulário-chave mas também a ideia veiculada: o metro escolhido não é o mais indicado para temas tão ilustres, clara alusão ao facto de o hexâmetro dactílico ser, normalmente, o verso utilizado para temas como este. A este propósito, não deixa de ser interessante que os poemas XXXV e XXXIX estejam compostos em dísticos jâmbicos, tendo em conta que ambos contêm discursos e este metro ser tipicamente utilizado para reproduzir o discurso oral, como acontece na obra de Terêncio, por exemplo.

⁵⁹ “quando Juno tais palavras pronunciou, / gratas ao concílio dos deuses: ‘Ílion, Ílion,’” (trad. P. B. Falcão in Horácio 2008: 183).

⁶⁰ “[...] vi’, disse ele, ‘vi de cidadãos livres / os braços torcidos atrás das costas” (trad. P. B. Falcão in Horácio 2008: 194).

⁶¹ “Tal canto não convém a minha jocosa lira: / Musa, para onde vais? Deixa, teimosa, de contar / as conversas dos deuses, e de reduzir / grandes temas a pequenos metros” (trad. P. B. Falcão in Horácio 2008: 185).

c. Asclepiadeus

Na ode de Pantaleão da Ponte, composta em asclepiadeus — um espondeu, dois coriambos e um jambo —, exalta-se mais uma vez a santidade da Rainha Santa. Neste poema é também óbvia a ideia de que os mortais devem seguir o exemplo da rainha para que possam alcançar o Céu. Uma vez que esta composição está inserida no grupo de escritos em metro horaciano, procurou encontrar-se na obra deste poeta clássico intertextualidade com aquilo que Pantaleão da Ponte escreveu: a ode horaciana 3.2 (igualmente formada por estrofes alcaicas) exprime o desejo de que os soldados consigam suportar a pobreza e descreve o melhor caminho para alcançar a virtude. A Virtude personificada, indiferente ao sofrimento, despreza os homens e os prazeres terrenos, permitindo que subam aos céus apenas aqueles que não mereciam morrer. Por seu lado, a Virtude de Pantaleão da Ponte, recusando também os prazeres mundanos e abandonando o foro para viver isolada nos montes com Deus no pensamento, é comparada a uma mulher mortal e superada por ela. Parece notório que o tema é muito semelhante. No poema jesuítico não se faz um apelo à virtude dos homens, mas aproveita-se um exemplo que suplanta a própria Virtude, tendo em conta as características que lhe são atribuídas e o ambiente em que se move. Como seria de esperar de um poema em que se enaltece Santa Isabel, esta sai vencedora da comparação, porque, tal como a Virtude de Horácio, é capaz de caminhar entre os homens e conservar *Virtus, laus et honos et decus* (XXXVIII.7).

d. Estrofes alcaicas

Lendo o poema de António Correia, sobre o contraste entre a riqueza terrena e a riqueza celeste, é óbvia a imitação do primeiro verso da ode 1.9 de Horácio, *Vides ut alta stet niue candidum / Soracte*⁶², poema sobre a justa medida das coisas e a não recusa dos prazeres da juventude. António Correia imita sobretudo a abertura da ode, com ênfase na forma verbal inicial que é depois repetida no imperativo. Este processo anafórico, além de dar cadência ao poema, direcciona a atenção para as jóias que adornam o trono celeste da rainha e as suas mãos (vv. 1, 9, 13). Nesta composição, o sujeito poético estabelece uma oposição entre o ouro e as jóias que a luz do Sol ilumina na Terra e o brilho natural da Pobreza que enriquece a rainha no Céu, sendo claro que é este brilho conferido pela Pobreza aquele que traz maior felicidade.

⁶² “Vês como se eleva e reluz o Soracte com a densa neve” (trad. P. B. Falcão in Horácio 2008: 65). Todos os realces no texto latino são nossos.

Saliente-se neste poema o gosto barroco: note-se sobretudo a profusão de jóias, a figura da anáfora, a antítese entre pobreza e luxúria e a agudeza de conceitos, explícita, por exemplo, na imagem do brilho natural da pobreza que enriquece a rainha no Céu.

11.2.4 Poema em hendecassílabos falécios

O hendecassílabo é talvez o metro mais curioso usado pelos autores incluídos no códice. Composta por cinco pés — ou onze sílabas —, esta é uma forma de origem grega, como quase todos os esquemas métricos utilizados por Catulo, o grande cultor deste metro na poesia latina. No entanto, tanto este esquema como os restantes escolhidos por Catulo foram muito raramente usados mesmo na poesia grega e parece ter sido este poeta quem os introduziu na literatura latina, na qual também são de uso incomum (Vandiver 2007: 526-527). Originalmente associado à lira e acompanhado por música, o hendecassílabo falécio acabaria por deixar de ter conotação musical. Em Catulo, os temas e o tom do hendecassílabo são muito semelhantes aos dos dísticos elegíacos. Na verdade, este parece ser o tipo de verso com menor restrição temática, sendo usado na poesia obscena, em anedotas, epigramas e em composições líricas, como os poemas 2, 5 e 46 (Sheets 2007: 200).

No poema de Manuel Álvares (XI) em hendecassílabos, o destinatário surge expresso no título: *Ad nobiles*. Tendo em conta a variedade de temas que cabem neste esquema, podem encontrar-se afinidades a esse nível entre alguma poesia hendecassilábica de Catulo e a composição de Manuel Álvares. Também no poema do jesuíta encontramos a censura da *turba delicata* (v. 1) precisamente no adjectivo utilizado para a descrever. A rainha surge, como de costume, servindo de exemplo para esta multidão ociosa e voluptuosa.

Texto e tradução

BNP cod. 3308

[I]

Ad Diuam Elisabetham, Lusitaniae Reginam

p. 156

A Patre Petro Perpiniano

Alma parens, quae scepra tenes regalia dextra,

[*disticha elegiaca*]

Cingit baccatum cui diadema caput.

[1557]

Non tu uixisti cum te sola nostra tenebant,

Nec tu regnasti cum tremuere tui.

5 Haec sola est uita: hoc regnum super astra locari.

Mors erat illa prior regnaque seruitium.

[I]
A Santa Isabel, Rainha da Lusitânia

Padre Pedro Perpinhão

Alma Mãe¹, que seguras na dextra os ceptros reais,
a quem um diadema de pérolas cinge a cabeça,

não viveste tu quando os nossos territórios te tinham,
nem reinaste tu quando os teus tremeram.

5 A única vida é esta: este reino localizar-se sobre os astros.
Aquele primeira era morte e os reinos servidão.

¹ Intertextualidade com Lucr. 1.2.

[II]

DE EADEM REGINA

p. 157

Ad lectorem

A Patre Emmanuele Alvarez

Caesaris expectas forsan Magnique triumphos,
Lector, et Alcidae fortia facta² petis.

[*disticha elegiaca*]

[1557]

Magna quidem poscis, sed nos maiora putamus
Proelia, Pelleo uel metuenda duci.

p. 158

5 Tartareas acies uicit Regina beata,
Deuicit mores (gloria rara!) suos.

Talia caelestis Paupertas arma ministrat;
Quid non efficies, regia Pauperies?

² facta *s.l.*

[II]
Sobre a mesma Rainha
Ao leitor

Padre Manuel Álvares

De César e de Magno³ esperas, talvez, triunfos,
Leitor, e de Alcides⁴ feitos corajosos procuras.

Coisas grandiosas, realmente, pedes, mas nós consideramos combates
Maiores, temíveis mesmo para o general Peleu⁵.

5 Os exércitos do Tártaro venceu-os a bem-aventurada Rainha,
subjogou (glória rara!) os seus costumes.

Tais armas apresenta a Pobreza celeste;
o que não produzirás tu, Indigência régia?

³ Júlio César e Pompeio Magno, porventura os dois maiores generais de Roma, que acabaram por se envolver numa guerra civil no século I a. C.

⁴ Hércules.

⁵ Alexandre, o Grande, natural da Macedónia, onde se localiza a cidade de Pela (lat. *Pella*).

[III]

Ad eandem

Non te scepra suo potuerunt uincere fastu,

[*disticha elegiaca*]

Diu, nec auriferi lucida ripa Tagi,

[1557]

Non ardens bobicis opus uiridesque smaragdi.

Quae non caelestis uincula rumpis Amor?

[III]

À mesma Rainha

Padre Manuel Álvares

Não puderam vencer-te os ceptros com a sua altivez,

Santa, nem as luminosas margens do aurífero Tejo,

nem os cintilantes vestidos de seda, nem as verdes esmeraldas.

Que grilhões não quebras tu, Amor celeste?

[IV]

Ad lectorem

Cum uideas, lector, sceptrum, diadema, coronam,

[*disticha elegiaca*]

Regia iure quidem facta uidere cupis.

[1557]

Clarius esse nihil, nil tam regale putato,

Quam se quam sceptrum ducere pro nihilo.

[IV]

Ao leitor

Padre Manuel Álvares

Ao veres, leitor, o ceptro, o diadema, a coroa,
certamente desejas, com justiça, ver feitos régios.

Considera: nada é mais ilustre, nada é tão régio
quanto considerar o ceptro como nada.

[V]

Epigramma

Audierat quondam felix Regina coronas
Gemmantes Domino displicuisse suo.

[*disticha elegiaca*]

[1557]

Non illi solium poterat regale placere,
Horrebant trepidae tangere sceptrum manus.

5 Cum tamen urgerent regnantis iussa parentis,
Sceptrum manu cepit, mente animoque crucem.

[V]
Epigrama

Padre Manuel Álvares

A feliz Rainha ouvira certa vez que coroas
ornadas de jóias desagradavam a seu Senhor.

A ela não podia agradar o sólio real,
as mãos a tremer receavam tocar o ceptro.

5 No entanto, como as ordens do pai reinante a instassem,
na mão tomou o ceptro, na mente e no espírito, a cruz.

[VI]

Aliud

Difficile est nimium Croesos super aethera⁶ ferri,
Pondere quos tardat caeca cupido graui.

[*disticha elegiaca*]

[1557]

Felix Paupertas, dux o certissima uitae,
Limite quam facili ducis in astra tuos!

5 Te Regina, sinu sacro complexa, beatis
Diuitiis fruitur delitiisque poli.

p. 159

⁶ aethere *Pinto (2014)*.

[VI]
Outro

Padre Manuel Álvares

É demasiado difícil serem elevados ao Céu os Cresos⁷,
a quem a cega ambição retarda com um peso insuportável.

Feliz Pobreza, ó fidelíssima condutora da vida,
por quão fácil trilho conduzes os teus até aos astros!

- 5 A Rainha, após abraçar-te no seu sagrado regaço,
desfruta das bem-aventuradas riquezas e das delícias do firmamento.

⁷ Rei da Lídia em meados do século VI a. C. que, pela sua riqueza, ficou conhecido como a personificação desta.

[VII]

Ad eandem

Felix illa dies, laetis celebranda choreis,
Qua te suscepit⁸ diues harena Tagi.

[*disticha elegiaca*]

[1557]

Haec tamen est illa tanto felicior astris
Inferior quanto est omnis harena Tagi.

⁸ suscipit *Pinto (2014)*.

[VII]

À mesma Rainha

Padre Manuel Álvares

Feliz dia aquele, a celebrar com ledas danças,
em que te acolheram as ricas areias do Tejo.

Todavia, este é tanto mais feliz do que aquele
quanto é inferior aos astros toda a areia do Tejo⁹.

⁹ Dia 4 de Julho, data da morte da Rainha, em 1336.

[VIII]

Ad eandem

Caesaris Augusti tellus, clarissima diuum
Sanguine¹⁰, te misit, regia celsa patris.

[*disticha elegiaca*]

[1557]

Ornat eam magnis meritis Engratia, nostris
Nata plagis; ornas tu quoque Lysiadas.

¹⁰ Sanguinem *corr. in* Sanguine || Sanguinem *Pinto (2014)*.

[VIII]

À mesma Rainha

Padre Manuel Álvares

O solo de César Augusto¹¹, ilustríssimo pelo
sangue dos santos¹², enviou-te, a excelsa corte paterna.

Honra-a com grandes méritos Engrácia¹³, nascida
nas nossas praias. Também tu honras os Lusíadas.

¹¹ No século I d. C., César Augusto fundou na região da actual Saragoça uma colónia a que deu o nome de Caesaraugusta, termo do qual deriva esta designação.

¹² Mártires de Saragoça.

¹³ Santa Engrácia, natural de Braga, martirizada em Saragoça c. 303/304 d. C. (Castanho 2012: 12-15).

[IX]

Ad eandem

Tempore sublimis caelos quo, Diua, petisti,

[*disticha elegiaca*]

Terrebat flauos feruidus aestus agros.

[1557]

Corpus odoriferum centum prope milia passum¹⁴

Effertur, latas replet odore uias.

- 5 Mortua, quid mirum sacros si fundis odores,
Cui uiuae uanus faetuit omnis odor.

¹⁴ passum *cod.*: passuum *Pinto (2014)*.

[IX]

À mesma Rainha

Padre Manuel Álvares

No tempo em que te dirigiste, Santa, para as alturas dos Céus,
um violento calor assustava os campos dourados.

O teu corpo aromático é levado ao longo de quase cem milhas¹⁵,
Enche os largos caminhos de um aroma.

- 5 Que admiração se, depois de morta, espalhas sagrados aromas,
tu a quem em vida repugnou todo o vão aroma.

¹⁵ Intertextualidade com Mart. 2.5.3.

[X]

Ad Conimbricam

Te Regina suis, felix Conimbrica, sceptris

[*disticha elegiaca*]

Ornauit uiuens muneribusque sacris.

[1557]

Mortua nam superas conscendit spiritus oras,

Donauit templis ossa beata tuis.

5 Nunc tua perpetuis defendit moenia uotis,
Te, uiuens, moriens, te super astra beat.

[X]
A Coimbra

Padre Manuel Álvares

Feliz Coimbra, a Rainha em vida honrou-te
com seus ceptros e sagrados presentes.

Pois na morte o seu espírito subiu às moradas celestes,
doou seus bem-aventurados ossos aos teus templos.

- 5 Agora, ela defende as tuas muralhas com votos perpétuos
e, em vida e na morte, torna-te feliz sobre os astros.

[XI]

Ad nobiles de Diua Elisabeta

Reginam aspice, turba delicata,

[*phalaecii hendecasyllabi*]

Distentam grauibus negotiorum

[1557]

Quondam fluctibus. Otiosa nunquam

Terris¹⁶ uisa fuit; periculosa

5 Res est uiuere uelle delicate

p. 160

Nunc, post uiuere uelle cum beatis.

¹⁶ Lenis Pinto (2014).

[XI]

Aos nobres sobre Santa Isabel

Padre Manuel Álvares

Repara, multidão voluptuosa, na Rainha,
outrora atormentada por pesadas
vagas de afazeres. A Terra nunca a viu
ociosa; coisa perigosa é querer
5 viver agora voluptuosamente
e querer viver depois com os bem-aventurados.

[XII]

Ad lectorem de die hodierno

Rex pius instituit, uitae dum carperet auras,
Hunc Diuae festum tempus in omne diem.

[*disticha elegiaca*]

[1557]

Non fas, lector, erat diuini soluere regis
Iussa. Ergo laetus carmina festa lege.

[XII]

Ao leitor sobre o dia de hoje¹⁷

Padre Manuel Álvares

O piedoso rei¹⁸ instituiu, enquanto colhesse a brisa da vida,
este dia festivo da Santa para todo o sempre.

Não seria lícito, leitor, anular as ordens do divino
rei. Lê, pois, ledó, os poemas festivos.

¹⁷ Dia 4 de Julho; v. *supra*, p. 55, n. 9.

¹⁸ D. João III, de cognome “O Piedoso”, instituiu a obrigatoriedade de se fazer um discurso à Rainha no dia das festividades em sua honra; v. *supra*, pp. 4-5.

[XIII]

Ad Diuam Elisabeth, quod nomen latine

p. 277

Dei mei saturitas dici potest.

A Patre Emmanuele Alvares

O uere Elisabeth, nunc uere nominis imple

[*disticha elegiaca*]

Mensuram tanti gaudia quanta capis.

[1559]

Te Pater Omnipotens dapibus caelestibus implet,

Te uultu satiat, Diua beata, suo.

- 5 Respice nos, miseros, lacrimosa in ualle gementes,
 Mendicos, inopes respice, Diua, precor.

[XIII]

A Santa Isabel, cujo nome em latim
pode significar a abundância no meu Deus¹⁹.

Padre Manuel Álvares

Realmente, ó Isabel, agora realmente enches a medida
de nome tão grandioso como as alegrias que recibes.

O Pai Omnipotente enche-te de iguarias celestes,
ele sacia-te, bem-aventurada Santa, com o seu rosto.

- 5 Olha por nós, desgraçados, que gememos num vale de lágrimas²⁰,
pelos indigentes e deserdados, Santa, peço-te!

¹⁹ Etimologicamente, o termo hebraico 'ēlišeba', de que deriva *Elisabeth* (Isabel), significa “Deus é plenitude” (*DEB* 1985: 739).

²⁰ *Lacrimosa in ualle gementes* é uma referência a um passo da oração muito popular na tradição cristã *Salve Regina*, onde se diz *gementes et flentes in hac lacrimarum ualle* (“... gemendo e chorando neste vale de lágrimas”).

[XIV]

Ad Diuam Claram de Sepulcro Diuae Elisabeth

p. 278

Clara, per aethereos uirgo celeberrima tractus,

[*disticha elegiaca*]

Qua nihil in magno clarius orbe micat,

[1559]

Te tua, diua parens, te supplice uoce precatur

Candida progenies uirgineusque chorus.

5 Marmora ne rapidi contingant flumina Mondae

Quae sacros cineres reliquiasque tegunt.

Nam Regina tuis, dum uixit, moribus usa;

Mortua, non ausa est aede carere tua.

[XIV]

A Santa Clara²¹, sobre o sepulcro de Santa Isabel

Padre Manuel Álvares

Clara, donzela muito célebre pelas extensas regiões celestes,
no grande orbe nada brilha com mais claridade,

santa mãe, tua cândida descendência e o seu coro de virgens
ergue-te preces com voz suplicante.

5 Que as águas correntes do rápido Mondego não toquem
o mármore que protege as sagradas cinzas e relíquias.

Na verdade, a Rainha, enquanto viveu, adoptou os teus costumes;
depois de morta, não ousou privar-se da tua morada.

²¹ Clara de Assis (século XII), fundadora do ramo feminino da Ordem de São Francisco, a que hoje chamamos Ordem de Santa Clara (Capela 1960: 40-41).

[XV]

Ad reges de Diua Elisabeth

Purpureis tumulum, reges, ornate tapetis,

[*disticha elegiaca*]

Oscula nec pudeat figere mille solo.

[1559]

Nam iacet hic corpus; Christi mens pascitur ore

Eius cui uisa est fulua corona nihil.

- 5 Scilicet his gradibus caelum conscenditur altum;
Atria sunt uobis his superanda poli.

[XV]

Aos reis sobre Santa Isabel

Padre Manuel Álvares

Reis, enfeitai o túmulo com tapetes purpúreos
e não vos envergonheis de beijar mil vezes este chão.

Na verdade, jaz aqui o corpo; a mente alimenta-se do rosto
daquele Cristo cuja coroa em nada pareceu dourada.

5 É claro, por estes degraus sobe-se às alturas do Céu;
por eles deveis vós vencer os átrios do firmamento.

[XVI]

Aliud

Sceptra quidem facile est manibus gestare superba.

[*disticha elegiaca*]

Quaeritur at uirtus regia difficile.

[1559]

Hanc, quicumque soles populis dare iura, docebit

Regina, hoc saxo quae tumulata iacet.

[XVI]

Outro

Padre Manuel Álvares

É fácil, de facto, segurar nas mãos os ceptros majestosos.
Busca-se, no entanto, a virtude régia com dificuldade.

Esta, sejas tu quem fores que costumás dar ordens aos povos,
ensinar-ta-á a Rainha, que jaz sepultada neste túmulo de pedra.

[XVII]

Ad reginas de Diua Elisabeth

Terrarum Dominae, fulgens quas purpura uestit,
Quas curae ingentes nocte dieque premunt,

[*disticha elegiaca*]

p. 279 [1559]

Ponite tantisper curas; deponite sceptr
Aurea, nam rapiunt mentem animumque procul.

5 Admiranda canam priscis incognita seclis
Facta. Precor: curas ponite sceptr. Precor!

Hoc iacet in tumulo solium, diademata, sceptr,
Quae spreuit, Christi semper amore flagrans.

Scilicet aetherias hic limes ducit ad arces.

10 Haec etiam uobis tuta petenda uia est.

[XVII]

Às rainhas a propósito de Santa Isabel

Padre Manuel Álvares

Senhoras do mundo, a quem a púrpura refulgente cobre,
a quem enormes cuidados dia e noite afligem,

ponde de lado, por agora, esses cuidados; deponde os ceptros
áureos, pois eles arrebatam para longe a mente e o espírito.

5 Cantarei os admiráveis feitos desconhecidos das antigas
gerações. Peço-vos: os cuidados, os ceptros ponde de lado. Peço-vos!

Neste túmulo jaz aquela que o sólio, as coroas e o ceptro
despreza, sempre inflamada pelo amor de Cristo.

10 Este caminho conduz, é claro, à cidadela celeste.
Esta estrada segura deve ser trilhada também por vós.

[XVIII]

De Diuae Isabellae Reginae laudibus

Larga suis olim cum munera ferret egenis

[*disticha elegiaca*]

Elisabeth, castos pene referta sinus,

[1561]

Obuius ecce uenit Dionysius ipse ferenti.

“Quid fers?” Ille rogat, monstrat et illa rosas.

- 5 Floribus his Christus placitam nunc fulcit amantem.
Nexa comam pulchris, stat rosa pulchra, rosis.

Epigramas do Padre Miguel Venegas

[XVIII]

Sobre os louvores à Rainha Santa Isabel

Um dia, quando Isabel levava aos seus pobres presentes
abundantes, com o casto regaço quase a transbordar,

eis que Dinis em pessoa lhe vem ao encontro.

“Que levas?” pergunta ele, e ela rosas lhe mostra.

- 5 Agora, com estas flores, sustenta Cristo a sua serena amada.
Com a cabeleira entrançada de belas rosas, uma bela rosa se ergue.

[XIX]

De eadem re

Pectora quod uariis stimulent mortalia curis,

[*disticha elegiaca*]

Assimiles uepribus, cauta, putabat opes;

[1561]

His fecunda sui purgat dum pectoris arua,

Pro uepribus, molles repperit ecce rosas.

[XIX]

Sobre o mesmo tema

Por atormentarem os corações dos mortais com cuidados vários,
considerava, cautelosa, as riquezas como se fossem espinhos;

enquanto desembaraça destas as férteis várzeas do seu coração,
eis que, no lugar de espinhos, descobre delicadas rosas.

[XX]

De pacis studio

Quid moritura petis nudos Regina per enses?

[*disticha elegiaca*]

Quid fera pacificos tendis in arua pedes?

[1561]

Siste gradum, Regina, tuo ne tela cruore

Hinc nati madeant, proh dolor, inde uiri.

- 5 “Ibo.”, refers. “Sanguis potius fundatur anilis
Quam mea cognato sanguine manet humus.”

Iure quidem nunc uiua tenes summae otia pacis;

Quae ruis ad certam, pacis amore, necem.

[XX]

Sobre o zelo da paz

Que procuras, Rainha que vais morrer, por entre espadas nuas?
Porque encaminhas os teus pacíficos pés para várzeas de crueldade?

Sustém o passo, Rainha, para que não fiquem empapadas com o teu sangue
de um lado as armas do teu filho, do outro, aí que dor!, as do teu esposo.

5 “Irei.”, replicas. “Derrame-se o sangue de uma anciã
de preferência a que a minha terra escorra com sangue de família.”

Com razão, de facto, possuis agora em vida a tranquilidade da paz suprema;
tu que, por amor à paz, te precipitas em morte certa.

[XXI]

De Anna, quae sanata est superiore anno

Olim gramineas oleo lambente palaestras
Ingeniis felix terra Pelasga dedit.

[*disticha elegiaca*]

[1561]

Tu potiora tuis praebes spectacula regnis;
Quae morbos oleo splendidiore fugas,

5 Quo fragiles armas grauiora ad bella ministros
Vt terna eripiant hostibus arma tribus.

p. 431

Hoc docet illa tuae quae, lampadis uncta²² liquore,
Nunc melior summo militat Anna Deo.

²² lychni salua *mg.*

[XXI]

Sobre Ana, que foi curada no último ano

Outrora, Pelásgia, terra fecunda em talentos, ofereceu combates na relva, com unção de azeite.

Tu ofereces melhores espectáculos aos teus reinos; aos afastares as doenças com um azeite mais lustroso,

5 com ele armas os frágeis servidores para guerras mais sérias para que arrebatem aos três inimigos²³ as suas três armas.

Isto ensina aquela tua Ana que, ungida pelo líquido da lamparina, agora, em melhor condição, combate pelo Deus todo-poderoso.

²³ Subjacente a este verso poderá estar o Catecismo Romano da Igreja Católica que dizia serem três os inimigos do homem: mundo, demónio e carne (*Catechismus Romanus* 1587: Art. 9.º, § 5).

[XXII]

De miraculo quod edidit superiore anno

Quod morbos oleum cogit procul ire molestos

[*disticha elegiaca*]

Molle tibi ad iustas cor docet esse preces;

[1561]

Lampadis accensae²⁴ quod morbos obruit humor

Materno flagrans pectus amore notat.

5 Quando tuos ergo mater ceu blanda tueris

Votaque difficili non capis aure pia,

Hesperiam foedis erroribus assere gentem.

Cerea sint meritis ferrea corda tuis.

²⁴ Accensi lychni *mg.*

[XXII]

Sobre o milagre que realizou no último ano

O azeite que obriga as molestas doenças a afastarem-se
ensina-te que o coração é sensível a justas preces;

o líquido da lamparina acesa que debela as doenças
faz reconhecer um peito inflamado de amor materno.

5 Uma vez que, portanto, como branda mãe, proteges os teus
e não acolhes piedosos votos com duro ouvido,

protege a nação Hespéria de erros hediondos.
Que, por méritos teus, de cera sejam os férreos corações.

[XXIII]

Aliud

Nobile collustrat uiua quod luce sepulcrum

[*disticha elegiaca*]

Lampas²⁵ et amissae iura salutis habet

[1561]

Indicat aetherea uiuam te luce potiri,

Quae nulla morbos arte sepulta leuas.

²⁵ *Lychnus mg.*

[XXIII]

Outro

O nobre sepulcro que a lamparina ilumina com luz viva
e tem as leis da saúde perdida

mostra que, em vida, és dona da luz etérea,
tu que, sepultada, alivias as doenças sem tratamento.

[XXIV]

Aliud

Esse quid hoc dicam: morbos quod pellis oliuo

[*disticha elegiaca*]

Nec tumultum lampas²⁶ deficit ante tuum?

[1561]

Nempe quod: ille bonus Mundi reparator Iesus,

Quo fuit in terras missa ferente salus,

- 5 Effuso assimilis dici laetatur oliuo
Et cuius semper lumine lumen habes.

²⁶ lychnus *mg.*

[XXIV]

Outro

Que direi ser isto: tu afastares as doenças com o azeite
e não faltar a lamparina diante do teu túmulo?

Isto, claro: aquele bom Jesus, salvador do mundo,
por quem a salvação, por ele trazida, foi enviada à terra,

5 regozija-se que o mostrem semelhante ao azeite derramado
e com a sua luz tens sempre luz.

[XXV]

De dominatu Reginae et seruitute

Hancine tu dominam, gens lusitana, uocabas?

[*disticha elegiaca*]

Dic seruam, Domino seruiit illa suo!

[1561]

Hancine tu seruam, gens lusitana, uocabis?

p. 432

Dic Dominam, seruis est dominata suis.

5 Seruiit illa Deo, uitiiis dominata superbis.

Ergo frui duplici nomine iure potest.

[XXV]

Sobre a soberania e a servidão da Rainha

Acaso era a esta que chamavas senhora, gente lusitana?

Diz antes serva, pois ela serviu a seu Senhor!

Acaso a esta chamarás serva, gente lusitana?

Diz antes senhora, pois ela dominou sobre os seus servos.

- 5 Serviu ela a Deus, dominando sobre os vícios insolentes.
Portanto, com justiça, pode fruir dos dois nomes.

[XXVI]

De triplici regno quod gubernavit

Cingere terna tuam debent diademata frontem:

[*disticha elegiaca*]

Terna gubernabas regna potenti manu.

[1561]

Corporis assultus cohibebas sponte rebellis,

Sedabas animi proelia dura tui,

5 Denique Lysidas placida dictione tenebas,

Et minus imperium semper amore fuit.

Corpus iners animique minas populosque regebas.

Te nisi rexisses laus erat illa nihil.

[XXVI]

Sobre os três reinos que governou

Devem cingir tua fronte três diademas:
três reinos governavas com mão poderosa.

Reprimias espontaneamente os ataques do corpo rebelde,
acalmavas os cruéis combates do teu espírito,

5 enfim, governavas os Lusíadas com autoridade serena,
e o poder foi sempre menor do que o amor.

Comandavas o corpo inerte, as ameaças do espírito, os povos.
Se não te tivesses governado, aquela glória nada era.

[XXVII]

De contemptu diuitiarum

Sceptra manu ponis; fuluo caput exuis auro;

[*disticha elegiaca*]

Atria cum strepitu deseris ampla suo;

[1561]

Fastidis urbem fastu turbaque frementem;

Fastidis solii culmen inane tui;

- 5 Denique quicquid opum dederat fortuna relinquis,
Maiores quod opes reris habere nihil.

[XXVII]

Sobre o desprezo das riquezas

Depões o ceptro com a mão; despojas a cabeça do fulvo ouro;
abandonas os amplos átrios com todo o seu tumulto;

aborreces-te da cidade fremente com o orgulho e com a turba;
aborreces-te do oco fastígio do teu sólio;

5 enfim, deixas toda a riqueza que a fortuna te dera,
por julgares que os maiores bens nada têm.

[XXVIII]

Alterum de eadem re

Lysiadum Regina, poli decus addita regnis,

[*disticha elegiaca*]

Cui nunc regna bonus dat meliora Pater,

[1561]

Dic mihi (quando dei uultu satiaris amico)

Ardua qua facilis detur in astra gradus.

5 Vastum nempe breui pontum cursura phaselo

Parua grauaturas uela relinquis opes.

Scilicet et patriae portus ingressa beatos,

p. 433

Reddita multa tibi, pauca relictas uides.

Hac iter est igitur caelestis ad atria Regis:

10 Cuncta uolens caelo multa relinquat humi.

[XXVIII]

Outro, sobre o mesmo assunto

Rainha dos Lusíadas, glória acrescentada ao reino do firmamento,
a quem, agora, o bom Pai dá melhores reinos,

diz-me (uma vez que te sacias com o vulto amigável de Deus)
como é concedido um passo fácil até aos elevados astros.

5 De facto, para atravessares o vasto pélago em minúsculo batel
Abandonas bens que pesariam sobre pequenas velas.

É claro, depois de entrares nos bem-aventurados portos da pátria,
vês devolvidas a ti muitas coisas e poucas deixadas para trás.

10 É por aqui, pois, o caminho para os átrios do Rei celeste:
que tudo deixe na terra quem tudo quer no Céu.

[XXIX]

De moderatione animi

Qui potuit non firma uiros rexisse potentes

[*distichon elegiacum*]

Faemina? Quod sensus rexerat ante suos.

[1561]

[XXIX]

Sobre a moderação do espírito

Como pôde mulher não forte ter governado varões
poderosos? Porque antes dominara seus sentimentos.

[XXX]

Efferet auspiciis nostram uictoria gentem,

p. 475

[*distichon elegiacum*]

O Regina, tuis; gens othomana cadet.

Ludouico a Cruce

Iam satis terras coluit iacentes

[*strophae sapphicae*]

Et, per angustos peregrina fines

[c. 1561 a 1563 ou 1566 a 1571]

Orbis, aeternae properauit aulae

Visere ciues.

- 5 Dignior celsis habitare regnis,
Iam coruscanti sedet alta curru
Et, triumphalem comitata coetum,
Errat Olympo.

- 10 O beatorum noua laus ouantum,
O nouum Caelo decus enitenti,
Additum quonam spatiosa calcas
Sidera tractu?

- Inde fulgenti radiare cultu,
Te tuae quondam tueantur urbes
15 Oris et diuos nitidi colores
Prome uidendos.

- Aggredi magnos, duce te, labores
Appetunt quales parit unda ponti
Qua, per Europam, mare Gaditanis
20 Faucibus intrat.

[XXX]

Com os teus auspícios, ó Rainha, a vitória
exaltará a nossa gente; cairá a gente otomana²⁷.

Luís da Cruz

Já habitou o suficiente a terra extensa
e, peregrina nos apertados limites do orbe,
apressou-se a visitar os habitantes
da corte celeste.

5 Bem digna de habitar nos excelsos reinos,
já se senta sobre um carro coruscante
e, acompanhada de triunfal ajuntamento,
vagueia pelo Olimpo.

Ó novo louvor dos bem-aventurados que te aplaudem,
10 ó nova glória acrescentada ao brilho do Céu,
em que zona pisas com teus pés
as extensas constelações?

Que daí, irradiando luz com vestes esplendorosas,
te contemplem um dia as tuas cidades
15 e dá a ver as cores santas de um rosto
pleno de luz.

Sob o teu comando, aspiram a grandes trabalhos,
iguais aos produzidos pelas ondas do mar alto
por onde o mar entra pela Europa
20 no estreito de Cádiz²⁸.

²⁷ Nesta época a ameaça turca às praças portuguesas e espanholas em Marrocos e à costa da Península Ibérica era uma realidade, sendo a actividade dos Turcos uma constante no Mediterrâneo Ocidental (Farinha 1999: 65-66).

²⁸ Estreito de Gibraltar.

Classe nauales retulisse praedas
Hactenus saeuum puduit tyrannum;
Dedecus pugna modo gloriosa
Grande retudent.

25 Gentis excessit pauor othomanae,
Libere toto pelago uagantis.
Te ratis audent duce barbarorum
Tradere flammis.

Arma Poenorum uelut arrogantum
30 De coronatis repulere muris
Nobiles turmae, quibus efferatus
Corruit hostis,

Sic reluctantes abiget triremes
Flamma, quam Turcae noua classis affert;
35 Et catenato pede concitatum
Remiget aequor

Ac Vlixeam, stupefactus, urbem
Intret ingentis noua pars triumphii
Quem tua uates ope iam futurum
40 Vaticinamur.

p. 476

Envergonhou-se até hoje o cruel tirano
de, com a armada, trazer de volta os despojos navais;
elas reprimirão de imediato a grande ignomínia
com um combate glorioso.

25 Foi-se o medo da gente otomana,
que deambulava livremente em todo o pélagos.
Sob o teu comando, elas ousam entregar às chamas
Os batéis dos bárbaros.

Assim como os nobres esquadrões que
30 derrubaram o furioso inimigo repeliram
das muralhas coroadas
as armas dos arrogantes púnicos,

igualmente afastará as trirremes que resistem
o fogo que a nova armada faz chegar ao Turco
35 e que, de pés agrilhoados, ele mova a remos
o oceano agitado

e que entre, espantado, na ulisseia cidade
como nova parte do ingente triunfo
prestes a acontecer que, com a tua ajuda,
40 nós, vates, vaticinamos.

[XXXI]

In sepulcrum Diuae Elisabetae

p. 630

A Patre Cypriano

Huc Ganges gemmas et pinguia tura Sabaeus

[*disticha elegiaca*]

Indus ab Eoo litore mittat opes.

[1564]

Agricolae, sacrum uiolis ornate sepulcrum.

Seruati nautae munera larga ferant;

5 Strenuus hic miles galeam suspendat et arcum;

Dulcisoni uates carmina festa canant.

Auxilio nam, Diua, tuo pia carmina uates,

p. 631

Dicunt et miles clara trophaea refert.

Rura ferunt segetes, uentos contemnit et imbres

10 Nauta, procellosis cum mare feruet aquis.

Lysiadae Gangem fraenant mollesque Sabaeos

Et dant Eois mitia iura plagis.

[XXXI]

Para o sepulcro de Santa Isabel

Padre Cipriano Soares

Que o Ganges envie para aqui jóias e os Sabeus os gordos incensos
e o Indo riquezas da costa eoa.

Agricultores, ornai o sepulcro sagrado com violetas.

Que os marinheiros salvos transportem abundantes presentes;

5 que o esforçado soldado pendure aqui o capacete e o arco;
que os vates melodiosos cânticos festivos cantem.

De facto, com o teu auxílio, Santa, os vates
recitam piedosos cânticos e o soldado traz ilustres troféus.

Os campos produzem searas, o marinheiro despreza ventos e chuvas,
10 quando o mar se agita com procelosas águas.

Os Lusíadas dominam sobre o Ganges e os delicados Sabeus
e dão ordens brandas ao eoo hemisfério²⁹.

²⁹ Expressão usada por Camões n' *Os Lusíadas* 6.38.6.

[XXXII]

Ad eandem Reginam

Ver placidum, flores! Aestas, fer spiceaserta!

[*disticha elegiaca*]

Vinifer autumnus dulcia poma ferat!

[1564]

Mollis hiems etiam, placidus qua Monda pererrat

Et uirides laeto gurgite cingit agros³⁰,

- 5 Vix glaciem hibernosque Notos et frigora³¹ sentit,
Offerat ut tumulo florida dona tuo.

³⁰ aquas *corr. in* agros.

³¹ frigora *mg.:* foedera *ras.*

[XXXII]

Para a mesma Rainha

Padre Cipriano Soares

Gentil Primavera, traz flores! Verão, grinaldas de espigas!

Que o vinífero Outono traga doces frutos!

Também o delicado Inverno, em que o plácido Mondego vagueia
e cinge os verdes campos com abundante fluxo de água,

5 mal sente o gelo e os invernosos Notos e o frio,
para oferecer ao teu túmulo floridos dons.

[XXXIII]

De Diua Elisabeta

A Patre Emanuele Aluares

Auriferi Regina Tagi dum mente uolutat

[*disticha elegiaca*]

Praecipiti ferri regna superba Rota,

[1564]

Aurea scepra colo, fuso mutauit honores

Purpureos, lino stemmata clara patrum.

- 5 Baccatum diadema rudi postponere uitae
Fidus in aduersis non dubitauit amor.

Pauperies, rerum quid non ditissima cogis

Pectora diuina cum caluere face?

[XXXIII]

Sobre Santa Isabel

Padre Manuel Álvares

A Rainha do aurífero Tejo, enquanto revolve na mente
que os poderosos reinos são precipitados da roda³²,

trocou os dourados ceptros pela roca, as honras purpúreas
pelo fuso e a nobre genealogia dos antepassados pelo linho.

5 O amor leal não hesitou, na adversidade,
abdicar do diadema de pérolas pela rústica faixa.

Pobreza, muito rica em bens, o que é que tu não forças,
quando o peito ardeu em paixão divina³³?

³² A roda da Fortuna, tema frequente do imaginário medieval (Boethius, *De Consolatione Philisophiae* 2.1.18-19 e 2.2.9).

³³ Intertextualidade com Verg. *A.* 3.56-57.

[XXXIV]

Ad Tagum de Diua Elisabeta

Cur, decus Hesperiae, demissus tempora luges?

[*disticha elegiaca*]

Tristia purpureus cur tegit ora rubor?

[1564]

Aurea forte gemis fuluo populata metallo

Stagna? "Premit grauior saucia corda dolor.

- 5 Virgineas Mondae ripas sacrosque liquores
Praeposuit lymphis regia Diua meis."

[XXXIV]

Ao Tejo sobre Santa Isabel

Padre Manuel Álvares

Por que razão, glória da Hespéria, de cabeça baixa choras?

Por que razão cobre teu triste rosto um rubor purpúreo?

Porventura lamentas os lagos áureos arruinados pelo fulvo metal?

“Uma dor mais pesada oprime o coração ferido.

- 5 A régia Santa preferiu as margens virginais do Mondego
e suas sagradas correntes às minhas águas puras.”

BGUC ms. 993

[XXXV]

De Reginae sepulcro, a rege Sebasto inuiso.

f. 120r

Ioam de Madureira

Nuper Sebastus, Lysiae gentis decus,

[*disticha iambica*]

Hoc rite marmor osculans,

[1570/1571]

Tales recepit auribus pronis sonos:

“Flexo parentem poplite

5 Venerare, nate, regibus tremor impiis,

Diris flagellum manibus,

Communis amor orbis polique gaudium.

Dum crescit aetas innocens,

Dum gens utramque Solis intuens domum

10 Victorias sperat tuas,

Audi uias, audi, nouam quae³⁴ te Imperi

Ad gloriam recto ferant.

Non uiribus mortalibus mortalium

Domanda sunt praecordia.

15 Propelle duras asperi ferri minas

Manu potenti. Non solent

Vinci tumentes feruidi maris sinus,

Aut plebis iratae furor.

³⁴ nouamque *corr. in* nouam quae.

[XXXV]

Sobre o seplero da Rainha, visitado pelo rei Sebastião

João de Madureira

Há pouco, Sebastião, glória da Lísia gente,
beijando solenemente este mármore,

Tais palavras escudou atentamente:

“Ajoelhado, venera a mãe, filho,

5 tremor dos reis ímpios,
 flagelo dos cruéis Manes,

amor comum do orbe e alegria do firmamento.

Enquanto a idade inocente avança,

enquanto a gente, contemplando as duas casas do Sol³⁵

10 espera as tuas vitórias,

ouve, ouve os caminhos, que te hão-de levar directamente
à nova glória do Império.

Não é com forças mortais que dos mortais
devem ser domados os corações.

15 Afasta com mão poderosa as duras ameaças
 do áspero ferro. Não costumam

ser vencidas as enseadas intumescentes do fervente mar,
ou o furor da irada plebe.

³⁵ O nascer e o pôr-do-Sol. Alusão à grandeza do império português, com recurso a uma hipérbole de natureza clássica (Ov. *Ep.* 9.16), também expressa de modo semelhante em *Os Lusíadas*, 1.8.1-4: “Vós, poderoso Rei, cujo alto Império / O Sol, logo em nascendo, vê primeiro; / Vê-o também no meio do Hemisfério, / E quando deca o deixa derradeiro”.

- Cor mite, mores froenat immites; fretum
20 Non ui, sed arte scinditur.
- Semper recale te fletibus datum piis
Multis ut, unus, imperes.
- Ante gladium astraecae³⁶ coruscantem manu
Hero sit aequalis cliens.
- 25 Exulet adulatoribus fauor annuens
Detur³⁷ cuique quod suum est.
- Bonos sequatur laus, sequatur praemium;
Poenis fatigentur mali.
- Tete prius inhibere debes quam tuos.
- 30 Non errat in se qui est potens
- Parere regem legibus pulchrum est quibus
Parere cogit ceteros.
- Te commodi communis inuigilans amor
Pacisque cura publicae
- 35 Possideat. Animus tibi sit ad poenas piger,
Ad danda uelox praemia.
- Taceo, taceo: iam dicitur gens Lysia
Tali beata principe!”

f. 120v

³⁶ *astraea Pinto (2021).*

³⁷ *Detque Pinto (2021).*

- Um coração dócil modera os costumes indóceis;
20 o mar é rasgado não pela força, mas pela arte.
- Lembra-te sempre das pias lágrimas
para que, sozinho, governes sobre muitos.
- Perante o coruscante gládio na mão de Astreia³⁸,
que o vassalo seja igual ao senhor.
- 25 Que esteja ausente a anuência favorável dos adutores,
a cada um seja dado o que é seu.
- Que o louvor acompanhe os bons, que os siga o prémio;
que os maus sejam atormentados por castigos.
- Deves conter-te a ti antes de conter os teus.
- 30 Aquele que é poderoso por si não se engana.
- É belo o rei obedecer a ordens
a que obriga os outros a obedecer.
- Que te possua o amor atento ao bem comum
e o cuidado da paz pública.
- 35 Que tenhas o espírito indolente para os castigos
e veloz para dar prémios.
- Calo-me, calo-me: já se diz que a Lísia gente
é bem-aventurada com tão excelente príncipe!

³⁸ Alusão à justiça (que se refere através do mitónimo Astreia), igual para todos.

[XXXVI]

De Regina

Belchior de Barros

Cum Sol alipedes regeret per nubila currus,
Aspexit tumulum, Diua, micare tuum.

f. 138v

[*disticha elegiaca*]

[1572]

Admiratus erat, tantum affulsisse nitorem:

Ad tumulum, cupidus cernere, flexit iter.

- 5 Sed, prope ut accessit, uelans sua lumina, dixit:
“Si moriar, terris Sol lapis esse potest.”

[XXXVI]

Sobre a Rainha

Belchior de Barros

Ao conduzir por entre as nuvens o carro alado, o Sol
viu, Santa, o teu túmulo a brilhar.

Ficara admirado, tal era a resplandecência que dele emanava:
ansioso de ver, desviou a marcha para o túmulo.

- 5 Mas, quando chegou perto, cobrindo os olhos, disse:
“Se eu morrer, esta pedra pode ser o Sol para a terra.”

[XXXVII]

Aliud ab eodem

Dum tibi diuitias, dum dat tibi munera Pluto,
Conatur mentem prendere, Diua, tuam.

[*disticha elegiaca*]

[1572]

His solet ille dolis laqueorum fallere multos:
O quam ditata est Styx nigra diuitibus!

5 Sed tu pauperibus longe data munera donas;
Frustraris positos hac pietate dolos.

Pluto saeue, tuo laqueo deceptus iniquo es.
I nunc et sanctis retia tende uiris.

[XXXVII]

Sobre o mesmo tema

Belchior de Barros

Enquanto Plutão te dá riquezas, enquanto te dá presentes,
ele tenta, Santa, prender a tua mente.

Com estes laços dolosos costuma ele enganar muitos:
oh, como está repleto de ricos o negro Estige³⁹!

5 Mas tu presenteias muito os pobres dando-lhes presentes;
frustras com esta piedade os dolos preparados.

Plutão cruel, ficaste decepcionado com teus laços iníquos.
Vai agora e estende as redes aos santos varões.

³⁹ Rio do mundo inferior, metonímia para designar o Inferno.

[XXXVIII]

In laudem Reginae Ode

f. 140v

Pantaleão da Ponte

Ecquis te meritis laudibus efferet

[*asclepiadei*]

Virtutesque tuas audeat inclitas

[1572]

Digno, Diua parens, carmine persequi?

Mecum te quotiens et tua munera

f. 141r

- 5 Perpendo, et tacito pectore cogito,
Miror. Tanta tui me reuerentia
(Virtus, laus et honos et decus) attrahit.
Nam si tanta uiros qui procul abdi
Vitam per latebras per iuga montium
10 Degunt dona manent, quanta putabimus
Euentura tibi munera de super!
Quae, non effugiens bella ferocia,
Hostes exuperas non muliebriter,
Ast, inuicta, manens corda tumentia
15 Sternis, Marte palam dum iacis aureae
Vitae, Diua, tuae spicula fortia.
Est uirtutis opus spernere gaudia
Euitanda bonis; est decus improbi
Detestanda fori linquere iurgia
20 Et uitam in rigidis⁴⁰ degere montibus
Aeternumque Deum mente reuoluere
Eiusque imperium tollere laudibus
Et seruare animum crimine liberum.

⁴⁰ liquidis *corr. in* rigidis.

Será que alguém te enaltecerá com merecidos louvores
e ousará expor em digno cântico, Santa mãe,
tuas ínclitas virtudes?

- Todas as vezes que comigo te avalio,
5 a ti e às tuas dádivas, e penso com o peito tácito,
admiro-me. Atrai-me tão grande reverência por ti:
a virtude, o louvor, a honra e a glória.
De facto, se tantos dons esperam os varões
que passam a vida retirados, ao longe,
10 em abrigos e nos cumes de montes, quantos presentes
pensaremos que virão para ti do alto!
[Tu] que, não fugindo a guerras ferozes,
dominas os inimigos, não femininamente,
Contudo, permanecendo invicta, abates os corações exaltados,
15 enquanto na presença de Marte lanças, Santa,
os poderosos dardos da tua vida pura⁴¹.
É obra de virtude recusar as alegrias
que os bons devem evitar; é sua glória abandonar
as disputas detestáveis do foro perverso,
20 e passar a vida nos montes duros,
e revolver em pensamento o Deus eterno,
e enaltecer com louvores o poder d'Ele,
e conservar o espírito livre de pecado.

⁴¹ Intertextualidade com Hor. *Carm.* 4.2.23.

Ast uitam in mediis plebis honoribus
25 Tranquillam et placidam ducere foeminam
Interque horrisonos uociferantium
Turbarum strepitus alta silentia
Seruare ac nihilo ducere gloriam,
Quae uentis rapidis ocyus euolat
30 O quam maius opus! Laude perenniter
Ergo te populi saecula in omnia
Extollent, siquidem scepra micantia
Temnens, scepra petis regnaque Olympica
Duratura diu. Fac ut in omnibus
35 Conemur similes nos tibi reddere.

Contudo uma mulher levar uma vida tranquila e
25 plácida no meio das honras da plebe
e, entre os horríssonos das vociferantes
turbas, conservar profundo silêncio
e ter por nada a glória,
que se esvai mais depressa do que os rápidos ventos,
30 oh, que obra bem maior! Exaltar-te-ão, pois, perenemente,
os povos com louvores por todos os séculos,
visto que, desprezando os ceptros brilhantes,
procuras os ceptros e os reinos Olímpicos
que hão-de durar muito tempo. Faz com que nos esforcemos
35 por em tudo nos tornarmos semelhantes a ti.

[XXXIX]

Ad Reginam, de classe quae parabatur

f. 141v

Olysiptone.

Cosme de Magalhães

Regina, nostrae gentis aeternum decus

[*disticha iambica*]

Regnique custos incliti,

[1572]

Adsis precanti fausta Lysiadum globis,

Qui nunc parantur maximi.

5 Nam tu Tonantis numen iratum soles

Nobis benignum reddere⁴²;

Spes firma⁴³, sub te, corda Lysiadum erigit,

Formido cor quatit hostium.

Quamuis Eois Eurus emissus plagis

10 Aquilouae praeceps irruat,

Et cinctus alis Turca centenis uolet

Vasti⁴⁴ per undas Hadriae,

Quamuis xariphus classe⁴⁵ marmoreos tegat

Fluctus et armis oppida,

15 Proceres et accolae urbis expectant tuae

Faudente te uictoriam.

Tu, saeuientes ore lethifero canes,

Nec non inhumanos lupos,

⁴² reddere *post ras. hoc distichon* Quare Sebastii uideo palmas nobiles / Nostris futuras saeculis.

⁴³ namque *ras. et s. l scrip.* firma.

⁴⁴ Vastri *corr. in* Vasti.

⁴⁵ classe *s. l.*

[XXXIX]

À Rainha, sobre a armada que se preparava em Lisboa

Cosme de Magalhães

Rainha, eterna glória da nossa gente
e do ínclito reino guardiã,

assiste a quem suplica sucesso para os esquadrões dos Lusíadas,
que agora se preparam em grande número⁴⁶.

5 Na verdade, tu costumavas tornar-nos benigno
o nune irado do Tonante⁴⁷;

no teu reinado, uma firme esperança levanta os corações dos Lusíadas,
o terror abala o coração dos inimigos.

10 Por mais que o Euro, enviado das praias eoas,
ou o violento Aquilão se precipitem
e o Turco, rodeado por centenas de alas militares,
voe pelas ondas do vasto Adriático,
por mais que o xarife proteja as marmóreas vagas
com a armada e as cidades com exércitos,

15 os nobres e os vizinhos da tua urbe esperam
a vitória com o teu favor.

Tu, aos cruéis cães de boca mortífera
e também aos lobos desumanos

⁴⁶ Pela sua posição no códice, o poema deverá datar de 1572, quando em Portugal se pensava em treinar tropas (*globus*: esquadrão militar) para a campanha do Norte de África (Farinha 1999: 71). Em 1574 houve uma primeira incursão a África (Cruz 2006: 224-234).

⁴⁷ Tradução dos versos rasurados: “Eis porque vejo as nobres palmas de Sebastião / que hão-de existir nos nossos séculos”.

20 Fac praepotentis, Diua, per bellum iugo
Sebastiani subditos.

Sed quos tumultus audio? Vel quae canis,
Regina, regi proelia?

Referre⁴⁸ partos pectore inuicto iuuat
Gentis triumphos Lysiae

25 An nunc parandos? Fare quo turmae uolent
In Africam libentius;

f. 142r

“Quos”, inquit. “Homines urbis in portu uides,
Caput nitentes casside

30 Chalybeque durum pectus accintos fero
Cladem minantes hostibus,

Cernet Sebastus inter armorum sonos
Palmas ferentes dexteris.

Gens effera Libyae, domita et armos graui
Pondere catenarum obruta,

35 Gaudente te ducetur altis puppibus,
Portus ut intrat Lysios.

Videbit Ithaco auctore murus nobilis
Timore pallentem Africam;

40 Praedis onustus miles exactis suum
Regem uidebit gestiens;

⁴⁸ refferre *corr. in* referre.

submete-os pela guerra, Santa, ao jugo
20 do muito poderoso Sebastião.

Mas que tumultos oiço? Ou que batalhas,
Rainha, tu anuncias para o rei?

Agrada-te referir os triunfos obtidos
pelo peito invicto da Lísia gente

25 ou os que, agora, se devem preparar? Fala para que os
destacamentos voem para África com mais vontade:

“Os homens que vês no porto da urbe,” responde,
“Com as cabeças reluzindo com os capacetes

e o seu duro peito recoberto de aço insensível,
30 ameaçando de destruição os inimigos,

vê-los-á Sebastião, entre os sons das armas,
alcançando as palmas com a dextra.

A feroz gente da Líbia, domada e com os braços
esmagados sob o forte peso das cadeias,

35 será conduzida no cimo das popas, perante o teu regozijo,
logo que entra nos portos líbios.

A nobre muralha construída pelo Ítaco verá
África empalidecendo de medo;

o soldado, carregado com os despojos reclamados,
40 verá, exultante, o seu rei;

Beatae Vlixis conditae turre manu
Auroque decurrens Tagus,

Beata Lusitaniae urbs umbra sui,
Terror Canopo, nominis.

45 Namque excitatos temporis prisci uiros
Dicet xariphus uiuere

Sciens per urbes uictus Hispanas duces
Mauros catenis pertrahi.”

Haec mente laetus audiens, posui lyram
50 Musis silentium imperans.

Est uisa namque laudibus suis satis
Regina nec Musis egens.

Imbellis ergo dextra ne pulses chelyn.
Compesce cantus impares.

55 Sunt parua paruis, grauia sed grauibis modis
Dicenda Phoebi uatibus.

Vê-lo-ão as bem-aventuradas torres fundadas pela mão de Ulisses
e o Tejo, fluindo com ouro,

e a bem-aventurada cidade da Lusitânia, terror de Canopo,
pela sombra do seu nome.

45 A verdade é que o xarife dirá que os vigorosos varões
do tempo passado estão vivos

ao saber, na sua derrota, que pelas cidades da Hispânia
os chefes mouros são arrastados com cadeias.”

50 Ao ouvir, ledó na mente, tais coisas, pousei a lira,
ordenando silêncio às Musas.

A verdade é que a Rainha pareceu satisfeita com os seus louvores
e não sem auxílio das Musas.

Não faças, portanto, vibrar a lira, ó dextra pusilânime.
Cessa os cantos desiguais⁴⁹.

55 As coisas pequenas devem ser ditas em pequenos versos,
mas as grandes em grandes versos pelos vates de Febo.

⁴⁹ Alusão ao metro usado, o dístico jâmbico; v. *supra*, pp. 36-37.

[XL]

Ad Reginam Augustam

f. 227v

Os suum aperuit Sapientiae (*Pro.* 31, 26a)

Frater Antam Galuao

Qualis cum pluuios tellus sitit arida rores,

[*disticha elegiaca*]

Os et rimosos pandit aperta sinus,

[1578]

Tum Notus imbriferas quatiat si de super alas,

Manantes patulo uiscere condit aquas.

5 Nec mora, prouentu ditat felice colonum:

Area congestas uix capit omnis opes.

Non aliter largos superis e fontibus haustos

Poscebat castas humida Diua genas.

Tum diuina polo si quos sapientia nimbos

10 Rorabat patulos ut dabat illa sinus!

Ora superfusae reserabat hiantia lymphae

Visceraque optatis exsaturabat aquis.

Protinus ad totum riuos deducere regnum

Siccaque de scatebris arua rigare suis.

15 Omnis ab his aetas status his a fontibus omnis

Pellebatque acrem quilibet ordo sitim.

Scilicet id Christus: “mea cui dabo flumina fiet

Is fons, non stantis, sed salientis aquae.”

[XL]

À Augusta Rainha

“Abriu sua boca à sabedoria” (*Pro.* 31, 26a)

Irmão Antão Galvão

Tal como quando a terra árida tem sede do orvalho de chuva⁵⁰,
e, de boca aberta, desdobra fendas porosas,

se, então, o Noto agitar asas que fazem cair chuva,
ela armazena nas largas entranhas as águas que escorrem,

5 Sem demora, ela enriquece o camponês com uma farta colheita,
a custo toda a eira comporta os recursos acumulados,

Não de outro modo, a Santa, com as castas faces húmidas
de lágrimas, reclamava largos sorvos das fontes celestes.

10 Se, então, a sabedoria divina fazia tombar do firmamento
algumas nuvens de chuva, como ela oferecia o peito aberto!

Abria a boca hiante ao jorro de linfa
e saciava as entranhas com a desejada água.

No mesmo instante, faz derivar rios para todo o reino
e da sua cascata irriga as várzeas secas.

15 Nestas fontes, cada idade, cada posição social, cada classe
afastava nelas a torturante sede.

Isto é Cristo, claro: “Aquele a quem der os meus rios
tornar-se-á fonte, não da estagnada, mas de água corrente.”

⁵⁰ Intertextualidade com Hor. *Carm.* 3.3.56.

[XLI]

Ad Reginam Augustam

f. 228r

Lex clementiae in linguae eius (*Pro.* 31, 26b)

Ab eodem

Callidus humanos de limo ducere uultus

[*disticha elegiaca*]

Olim magnanimi filius Iapeti

[1578]

Pro sthomaco fertur, stomachum cum fingere uellet,

Vim Massylaeae supposuisse ferae.

- 5 Hinc homo tum, tumidus tanquam leo, frendit in iras,
Cum quisquam inflicto uulnere sollicitat.

Talia quae uoluens animo Regina sagaci

Irata cauit figere uoce uiros.

Lethiferum fugit uirus sermonis amari

- 10 Fudit⁵¹ prae Siculis dulcia uerba fauis.

Namque inimicitias frangit uox dulcis amaras,

Vox dulcis dulces iungit amicitias.

⁵¹ Fundit *corr. in* Fudit.

[XLI]

À Augusta Rainha

“A lei da clemência na língua dela” (*Pro.* 31, 26b)

Irmão Antão Galvão

Do filho do magnânimo Jápeto, hábil outrora
a moldar figuras humanas em barro,

diz-se que, querendo, em vez de um estômago, fabricar outro estômago⁵²,
colocou por baixo a violência da fera de Massila⁵³.

5 Daí que o homem, enraivecido como um leão, ranja os dentes em ira,
precisamente quando alguém o inquieta infligindo-lhe um golpe.

A Rainha, revolvendo sagazmente no espírito tais coisas,
evitou trespassar os homens com palavras iradas.

Fugiu do vírus letífero da linguagem amarga
10 e derramou palavras mais doces do que os favos sicilianos.

Na verdade, uma voz doce destrói inimizades amargas,
uma voz doce estreita doces amizades.

⁵² Símbolo da cólera.

⁵³ Interxtualidade com *Sil.* 12.276. O leão, animal vulgarmente associado às tribos africanas: v. *Mart.* 8.53 e 9.71.1-2, *Sil.* 16.134-236, *Stat. Theb.* 11.27-29.

[XLII]

Ad Reginam Augustam

Considerauit semitas domus suae (*Pro.* 31, 27a)

Ab eodem

Dura fatigaret ne solum cura maritum,

[*disticha elegiaca*]

In partem iuuit casta marita domum:

[1578]

Prudens, quid facerent famulorum examina uidit

Et nati uidit quod sequerentur iter.

5 Saepius haec somnos rumpebat cura quietos:

Pasceret an Stygios mortua nata rogos?

Purgante an potius tormenta subiret in igne?

Esset an aligeris iam sociata choris?

Sollicitae donec uisa est sua filia matri;

10 “Mater,” ait, “fieri plurima sacra iube⁵⁴.”

Nulla mora est: peragit iustus sacra iussa sacerdos,

Filia purgantes deserit alma rogos⁵⁵.

Discite, mortales, Reginae fidere! Terris

Hoc poterat, superis addita quid poterit?

⁵⁴ iube ego: iubet *cod.*, non *cohaeret*.

⁵⁵ rogis *corr.* in rogos.

[XLII]

À Augusta Rainha

“Examinou as sendas da sua casa” (*Pro.* 31, 27a)

Irmão Antão Galvão

Para que um duro cuidado não fatigasse o solitário marido,
a casta esposa auxiliou em parte a casa:

prudente, viu o que os ranchos de criados faziam
e viu que caminho os filhos seguiam.

5 Com muita frequência este cuidado interrompia-lhe o sono pacífico:
será que a filha morta⁵⁶ alimentaria as piras do Estige⁵⁷?

Ou sofreria antes tormentos no fogo do Purgatório?

Ou já se teria associado aos coros dos anjos?

Até que a sua filha se mostrou à mãe atormentada:

10 “Mãe,” diz, “manda que se celebrem muitas missas”.

Nenhuma é a demora: o justo sacerdote conclui as missas ordenadas,
a boa filha abandona as chamas do Purgatório.

Mortais, aprendei a confiar na Rainha! Se disto
era capaz na terra, do que será capaz acrescentada aos santos?

⁵⁶ D. Constança, filha da Rainha Santa Isabel, morre em 1313.

⁵⁷ v. *supra*, p. 119, n. 39.

[XLIII]

Ad Reginam Augustam

Et panem otiosa non comedit (*Pro.* 31, 27b)

Ab eodem

Illa quidem solita est regali accumbere mensae,

f. 228v [disticha elegiaca]

Sed non passa tamen membra perire situ.

[1578]

Regales, assueta colo calathisque Mineruae

Durabat longo saepe labore manus.

5 Diuaque cum precibus meditando instaret anhelis,

Diuino implebat nectare corda Deus.

Ambrosia saturas coram proponere mensas,

Vrere caelesti pectora sancta face.

Regina in Caelo quos concipiebat amores,

10 In terrestre eadem taedia quanta solum.

Ardebat mortem Domini pro laude pacisci,

Dilacerare flagris mollia membra feris,

Se totam in gyrum lateri circumdare zonam,

Saccum pro palla cingere sidonia.

15 Hos Deus inspirat uota inter feruida panes

Quodcumque inspirat Diua facessit opus.

Inspirare Deus, Regina facessere certat;

Nec pugna uictus Ille, uel illa cadit.

[XLIII]

À Augusta Rainha

“E não come ociosa o seu pão” (*Pro.* 31, 27b)

Irmão Antão Galvão

Ela habituou-se, é verdade, a sentar-se à mesa do rei,
mas sem permitir, contudo, que os seus membros definhassem de ociosidade.

Acostumada à roca e aos cestos, endurecia com frequência
suas mãos de Rainha no longo trabalho de Minerva⁵⁸.

5 E como a Santa, meditando, insistisse em preces anelantes,
Deus enchia-lhe o coração de néctar divino.

Põe à vista mesas fartas de ambrósia,
Abrasa o peito sagrado com a tocha celeste.

Os amores que a Rainha concebia no Céu
10 eram tão grandes como o mesmo tédio no solo terrestre.

Ardia por dar a sua morte em troca da glória do Senhor,
dilacerar os seus delicados membros com feros azorragues,
rodear-se totalmente na cintura em torno dos flancos
e cingir uma túnica rústica em vez de um manto sidónio⁵⁹.

15 Entre votos ardentes, inspira Deus estes pães,
e toda a obra que Ele inspira, executa-a a Santa.

Procura Deus inspirar e a Rainha executar;
e na luta nem Ele é vencido, nem ela cai.

⁵⁸ Intertextualidade com Verg. *A.* 8.409.

⁵⁹ De púrpura. Sídon é a cidade fenícia de onde é originária a púrpura.

[XLIV]

Ad Reginam Augustam

Surrexerunt filii eius, et beatissimam praedicauerunt;

uir eius et laudauit eam (*Pro.* 31, 28)

Ab eodem

Crimina dum natum caeci seu claustra sepulcri

[*disticha elegiaca*]

Pene sub infernis occuluere uadis,

[1578]

Natum Diua, graues animo miserata ruinas,

Sollicitat precibus sollicitatque minis.

5 Non laudat Natus, uexat⁶⁰ fortasse medenti,
Qualis quem dudum dira phrenesis agit.

Vir quoque non laudat, uexat magis, illius olim

Dum pede sub turpi colla Cupido premit.

Verum, ubi Auernali surrexit uterque profundo,

10 Diuam alto laudans aequat uterque polo.

Laudant surgentes, iactant probra foeda iacentes.

Plus ne roges laudes an probra laudis habent.

Lis quidem in ambiguo est; par gloria, seu tua laudet

Facta bonus, uexet seu tua facta malus.

f. 229r

⁶⁰ uexat *uix legitur*.

[XLIV]

À Augusta Rainha

“Os filhos dela ergueram-se e proclamaram-na bem-aventuradíssima;
o marido dela elogiou-a” (*Pro.* 31,28)

Irmão Antão Galvão

Enquanto os crimes ou os ferrolhos do sombrio sepulcro
quase ocultaram o filho sob os vaus infernais,

a Santa, deplorando no seu coração as graves ruínas,
atormenta o filho com preces, atormenta-o com ameaças.

5 Não a louva o filho, talvez maltrate quem dele trata,
como alguém que há muito é empurrado por terrível frenesi.

Não a louva também o marido, maltrata-a ainda mais, enquanto Cupido
às vezes o subjuga sob o pé infame.

10 Porém, quando ambos se ergueram do abismo do Averno,
ambos, elogiando a Santa, elevam-na ao cimo do firmamento.

Louvam-na os que se erguem, lançam infâmias torpes os estendidos por terra.
Perguntarás se têm mais mérito os louvores ou as infâmias.

O litígio certamente não é claro: a glória é a mesma,
quer o bom louve tuas acções, quer o mau as maltrate⁶¹.

⁶¹ Na génese deste poema estarão os dissabores sofridos por Isabel devido, por um lado, à rebeldia do filho e, por outro, à infidelidade do seu esposo, seduzido por amores extraconjugais.

[XLV]

Ad Reginam Augustam

Multae filiae congregauerunt sibi diuitias,
tu autem supergressa es uniuersas (*Pro.* 31, 29)

Ab eodem

Eia, age, Lysiaci repete incunabula regni!

[*disticha elegiaca*]

Reginam bustis erue mente suis!

[1578]

Vnius laudem inueniet dissoluere uinctos;

Alterius fracto pane fugare famem;

5 Illius sacrare pias caelestibus aras
Templaque de Phrygiis ponere marmoribus;

Alterius sociare feras in foedera dextras,
Condere sanguineus quae rotat arma furor;

Religiosa huius delubra inuisere diuum;
10 Huius flammatas ingeminare preces;

Istius crudo⁶² saeuire in corpora flagro,
Molliaque haedinis pungere [membra]⁶³ pilis;

Alterius, solari aegros, atque omnium egenos,
Excipere et tectis, et sociare toris.

15 Verum hae, Elisabeth, quota pars? Facit una quod omnes.
Parua loquor: plus haec omnibus una facit!

⁶² crudo *ego*: credo *cod.*

⁶³ membra *add. ego metri causa.*

[XLV]

À Augusta Rainha

“Muitas filhas reuniram em si riquezas,
mas tu sobrepões-te a todas elas” (*Pro.* 31, 29)

Irmão Antão Galvão

Eia, vamos, procura as origens do reino Lusitano!
Arranca em pensamento a Rainha do seu túmulo!

De uma achará que o louvor é soltar os presos;
de outra, afugentar a fome com o pão repartido;

5 daquela, consagrar piedosos altares aos santos
e construir templos de mármore Frígio;

de outra, unir em aliança as feras dextras,
pôr de parte as armas que a fúria sangrenta brande;

desta, visitar as veneráveis capelas dos santos;

10 desta outra, repetir inflamadas preces;

dessa, castigar o corpo com um cruciante chicote
e mortificar os membros delicados com pêlos de bode⁶⁴;

de outra, consolar os doentes e, aos despojados de tudo,
acolhê-los numa casa e dar-lhes um leito.

15 Mas estas, Isabel, que parte representam? Uma só faz o que todas fazem.
Digo pouco: esta sozinha faz mais do que todas!

⁶⁴ v. *supra*, p. 10.

[XLVI]

Ad Reginam Augustam

Fallax gratia et uana est pulchritudo (*Pro.* 31, 30a)

Ab eodem

Terna soror, quae sermonem moresque uenustat,

[*disticha elegiaca*]

Gratia, quam fallax grata sit illa licet.

[1578]

Quae Tyrios sucos, niueos et uincit olores,

Quam uana est Species pulchra sit illa licet.

- 5 Gratia cum uerbis ipsos eructat amores,
Corda Thyestaeis celat operta dolis.

Cum dulcem admiscet teneris sermonibus Hyblam,

Pectora uipereo lurida felle gerit.

Absentem irridet, praesenti arridet: ocellis

- 10 Lacrimulas fingit, pectore mille iocos.

Gratia saepe bonum sic fallit acuta maritum,

Pulchra tamen magis est forma cauenda uiro.

Quod placet innumeris male custoditur: inanis

f. 229v

Quas fugat has diues prouocat arbor aues.

- 15 Et miremur adhuc diuina uolumina uanis
Si nullum huc statuunt dotibus usque locum.

Has dotes natura parit, Deus aestimat autem.

Non bona quae capimus, sed bona quae facimus.

[XLVI]

À Augusta Rainha

“A graciosidade é enganadora e a beleza vã” (*Pro.* 31, 30a)

Irmão Antão Galvão

A terceira irmã, que adorna a linguagem e os costumes,
a Graciosidade, quão enganadora é, ainda que seja agradável.

A que vence os sucos Tírios e os níveos cisnes,
a Aparência, quão vã é, ainda que seja bela.

5 Quando a Graciosidade rejeita até os amores com palavras,
esconde o coração encoberto com as manhas de Tiestes⁶⁵.

Quando mistura a doçura de Hibla⁶⁶ na suavidade da linguagem,
transporta consigo um peito lúrido com veneno de víbora.

10 Zomba do ausente, sorri a quem está presente: com os olhinhos
finge lágrimas, com o peito mil jogos.

Muitas vezes, a arguta Graciosidade engana assim o bom marido.
Contudo, o homem deve acautelar-se mais de uma bela fisionimia.

O que agrada a muitos está mal guardado: as aves
que a árvore estéril afugenta, chama-as a fértil.

15 E admiremos ainda os livros sagrados se até aqui não estabelecem
nenhum lugar para os vãos dotes.

Estes dotes a natureza produz, mas Deus avalia
não o bem que recebemos, mas o bem que fazemos.

⁶⁵ v. *supra*, p. 22.

⁶⁶ Cidade da Sicília junto ao monte Etna, conhecida pelo seu mel (*Verg. Ecl.* 7.37).

[XLVII]

Ad Reginam Augustam

Mulier timens Deum ipsa laudabitur (*Pro.* 31, 30b)

Ab eodem

Non cui sericeae⁶⁷ canescunt uellera syluae;

[*disticha elegiaca*]

Non cui Mygdonias arca flagellat opes;

[1578]

Non mulier Tyrios rapiunt cui Baetica sucos

Vellera cuique sinus troica pingit acus;

5 Non quae Sidonio mista niue pingitur ostro

Inque sua reges stirpe recenset auos;

Non cui deductum flauet pro crinibus aurum,

Cui Charites linguam cui dat Apollo lyram;

Non in cuius opus natura, exausta, laborat

10 Phidiacae credas ut simulacra manus.

Non! Haec non caelo mulier laudabitur: ibit

Forsitan in Stygiam tam bene picta domum.

Non latuit Diuam tam certa scientia: amaui

Etimuit numen, maxime Christe, tuum.

15 Ipse timebat amor, timor ipse audebat amare.

“Quae famula es” Christus “filia” dixit, “eris.”

⁶⁷ Sericeae ego: seriacae cod., non cohaeret.

[XLVII]

À Augusta Rainha

“A mulher temente a Deus, essa será louvada” (*Pro.* 31, 30b) Irmão Antão Galvão

Não aquela para quem embranquecem os velos da floresta de seda;
não aquela cuja arca atafulha riquezas Migdónias⁶⁸

não a mulher Bética⁶⁹ cujas peles se tingem de sucos tírios⁷⁰
e cujas roupas são bordadas por agulha troiana⁷¹;

5 não a que se embeleza com púrpura sidónia e neve à mistura⁷²,
e que na sua estirpe conta com antepassados régios;

não aquela que enlourece, em vez de cabelos, ouro em queda,
a quem as Graças dão a palavra e a quem Apolo dá a lira⁷³;

não aquela para cuja obra-prima a natureza trabalha exausta,
10 para que se acredite em estátuas saídas das mãos de Fídias⁷⁴.

Não! Esta mulher não será louvada no céu: irá, talvez,
assim tão bem ornada para a morada Estígia⁷⁵.

Ciência tão certa não escapou à Santa: amou
e receou muito o teu nume, ó Cristo todo-poderoso.

15 Até o amor temia amar, até o temor ousava amar.
“Tu que és serva” disse Cristo, “serás filha.”

⁶⁸ v. *supra*, p. 23. Já Mart. 2.30.4 usa a expressão *arca flagellat opes* e Hor. *Carm.* 2.12, 22 utiliza *opes mygdonias*.

⁶⁹ Mulheres da Bética, antiga província romana da Hispânia (isto é, da Península Ibérica).

⁷⁰ Cor púrpura (Tib. 3.8.15-16; Ov. *Met.* 6.222).

⁷¹ Expressão semelhante em Ov. *Met.* 6.23.

⁷² Intertextualidade com Hor. *Ep.* 1.10.26; Ov. *Tr.* 4.2.27; Stat. *Silv.* 5.1.225.

⁷³ As Graças, personificação da beleza, da graciosidade e do encanto, são muitas vezes associadas à poesia.

⁷⁴ Escultor ateniense, autor da estátua de ouro e marfim de Minerva (ou Atena) que figurava no Pártenon.

⁷⁵ v. *supra*, p. 119, n. 39.

[XLVIII]

Ad Reginam Augustam

Date ei de fructu manuum suarum (*Pro.* 31, 31a)

Ab eodem

Regina ut moritur, coeunt ad iussa Tonantis

[*disticha elegiaca*]

Caelicolae. In medio sic tonat Ille choro:

[1578]

“Quae nunc Diua polo magnum aduenit incrementum

Cessatas non est passa uacare manus.

5 Sedula fructiferum uiuens exercuit agrum
Tempore, mollitiam uomere uertit humum.

Larga laboratae mandauit semina terrae.

f. 230r

Quid dicam? Votis saepe uocauit aquas.

Nunc finis duroque subit sua meta labori:

10 Accessu ueris pulsa recessit hiems.

Nunc illi largo cellas distendite fructu,

Semina cum multo faenore iacta date.

Impero quae lacrimas iaceret cum semina iecit

Gaudia nunc fructus cum metit illa metat.”

[XLVIII]

À Augusta Rainha

“Dá-lhe do fruto das suas mãos” (*Pro.* 31, 31a)

Irmão Antão Galvão

Quando a Rainha morre, às ordens do Tonante reúnem-se os celícolas. Assim troveja Ele no meio do grupo:

“A Santa que agora chega ao firmamento como grande acrescento não permitiu que as mãos se quedassem paradas.

5 Em vida, zelosa, trabalhou o frutífero campo
em tempo oportuno, revolveu com o arado a moleza da terra.

À terra trabalhada confiou abundantes sementes.
Que mais hei-de dizer? Muitas vezes pediu chuva com votos.

Agora, para o duro trabalho aproxima-se o seu fim e a sua meta:
10 o Inverno recuou, empurrado pela chegada da Primavera.

Agora, estendei-lhe celeiros com abundante fruto,
dai-lhe as sementes lançadas com muito lucro.

Ordeno que a que lançou lágrimas ao lançar as sementes
recolha agora alegrias na recolha dos frutos.”

[XLIX]

Ad Reginam Augustam

Et laudent eam in portis opera eius (*Pro.* 31, 31b)

Ab eodem

“Omnis habet geminas hinc atque hinc ianua frontes:

[*disticha elegiaca*]

Haec urbem spectat, terminat illa uiam.

[1578]

Mors porta est: aditus caelestem pandit ad urbem;

Mors omnes uitae terminat una uias.

5 Hic ut ius dicat scelerisque coarguat orbem,
Quaesitor stricto considet⁷⁶ ense Deus.

Munera prudentes hinc corrumpentia sensus,
Hinc absunt rabidi iurgia causidici.

Non hic testis erit fuluo quis caecus ab auro

10 Mentito causam comprobat ore tuam.

Quisquis amicus erat tumuli comitatus adusque
Ostia mox retulit sub sua tecta pedes.

Quae gazae, quae floruerat pretiosa supellex!

Hinc sindon funus sola sequuta tuum est.

15 Virtus una manet fessis comes optima rebus.”

Iactata Virtus ancora sacra rati

Haec pro Regina dicit testesque uerendos

Profert: regalis plurima facta manus.

Virtutem audiuitque Tonans testesque uerendos

20 Nec mora Reginam ciuibus annumerat.

⁷⁶ concidat *corr. in* considet.

[XLIX]

À Augusta Rainha

“E as obras dela elogiá-la-ão nas portas” (*Pro.* 31, 31b)

Irmão Antão Galvão

“Toda a passagem tem duas frentes, de um lado e do outro:
uma olha a cidade, a outra põe fim à viagem.

A morte é uma porta: abre o acesso à urbe celeste;
só a morte termina todos as viagens da vida.

5 Então, para aplicar a justiça e acusar o orbe pelos seus crimes,
Deus sentar-se-á como inquiridor, de espada desembainhada.

Estão ausentes de um lado presentes que corrompem sentimentos de prudência,
Ausentes de outro as contestações de causídicos enraivecidos.

10 Não haverá aqui testemunha que, cega pelo ouro fulvo,
comprove com boca mentirosa a tua causa.

Todo o amigo que te acompanhara até à entrada do túmulo
de imediato regressou ao interior do seu lar.

Os tesouros, as preciosas mobílias que haviam brilhado!
Disso, apenas a mortalha acompanhou o teu funeral.

15 Só a Virtude permanece como a melhor companheira das canseiras⁷⁷.”

A Virtude, âncora sagrada quando o batel balouça,

tais coisas diz a favor da Rainha e apresenta veneráveis
testemunhas: as muitas acções das mãos régias.

20 E o Tonante escutou a Virtude e as veneráveis testemunhas
e sem demora acrescenta a Rainha aos seus cidadãos.

⁷⁷ Intertextualidade com Verg. *A.* 3.145.

[L]

Bellum Africum Reginae Consilium

f. 232r

A Patre Ioanne de Madureira

O gens pace potens, gens Marte potentior, audi

[*hexametri dactylici*]

Quam magnum reboat Getula per auia murmur,

[1578]

Quam multis Massyla feris, quam Punica multo

Sylua leone furit, Libya⁷⁸ nemus infremit horrens

5 Lysiaci crispata procul uenabula regis.

Perge! Nec ulla tuos formido redarguat ausus!

Sperne reluctantes animis discordibus iras,

Fulmineos ungues et ouantes sanguine rictus,

Nec non accitas Rhodopoeo culmine tigres.

10 Reginae Libyci penitus cessere timores,

Tota sepulcrali feritas sub mole leonum

Victa iacet uacuosque exercet in aera morsus.

Scilicet Herculeam imbriferis prope collibus urbem,

Rex, orbis communis amor, rex, maxima Caeli

15 Cura, superbificis dum fulta leonibus ossa

Et patrios flexo ueneratur poplite manes,

Sic auiam e mediis tumuli penetralibus audit

Ad Libyae titulos et ad Africa bella uocantem:

“O nimium dilecta Deo, nimis edita fausto

20 Sidere, progenies, forti seu Marte regendae

Sint res Lysiadum seu religionis habenis.

Tu, regni columen, fidei Sol, gloria Martis,

Pacis honos Barathrique dolor Caelique uoluptas,

Accipe quae totus de te sibi spondet Olympus.

⁷⁸ Libyae Pinto (2021).

[L]

Conselho da Rainha sobre a guerra de África

Padre João de Madureira

Ó gente poderosa na paz, gente mais poderosa no marte⁷⁹, escuta
como é grande o murmúrio que reboa pelos brejos Getulos⁸⁰,
como se enfurece com muitas feras a floresta massila⁸¹, com muito leão
a púnica⁸²; na Líbia, como estremece o bosque receando
5 os dardos do rei Lusíada brandidos ao longe.
Em frente! E que nenhum receio contrarie a tua audácia!
Despreza manifestações violentas de iras, com ânimos desavindos,
garras fulminantes e goelas exultantes com o sangue
e também tigres mandados vir do cume do Ródope.
10 Os temores líbicos cederam completamente à Rainha.
Toda a ferocidade dos leões jaz vencida
sob a massa sepulcral e ensaia dentadas em vão para o ar⁸³.
É claro, junto à cidade de Hércules⁸⁴, de colinas imbríferas,
o rei, amor geral do orbe, o rei, preocupação máxima do Céu,
15 enquanto, ajoelhado, venera os ossos apoiados sobre
altivos leões, e os manes pátrios,
do interior do recinto tumular escuta, assim, a avó
chamando-o aos títulos da Líbia e às guerras de África:
“Ó rebento muitíssimo querido de Deus, nascido sob uma constelação
20 muitíssimo favorável, quer os negócios dos Lusíadas devam ser
regidos pelo enérgico Marte, quer pelas rédeas da religião.
Tu, coluna do reino, Sol da fé, glória de Marte,
honra da paz, dor do Báratro e deleite do Céu,
fica a saber aquilo com que o Olimpo inteiro se compromete a teu respeito.

⁷⁹ A guerra; v. Houaiss (2005: *s. u.* marte 4).

⁸⁰ Os Getulos eram uma tribo berbere que habitava a região da Getúlia, no Norte de África. O termo é utilizado como sinédoque dessa região; v. *supra*, p. 23.

⁸¹ Massila era o nome de uma região do Este da Numídia. Também sinédoque por Norte de África; v. *supra*, p. 23.

⁸² Intertextualidade com Mart. 8.53(55).1-2.

⁸³ Leões sustentavam o túmulo da Rainha; *in aera morsus* é intertextualidade com Ov. *Met.* 7.786.

⁸⁴ Coimbra, onde se encontra o túmulo da Rainha — originalmente no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, hoje no Mosteiro de Santa Clara-a-Nova.

- 25 Sunt ea magna quidem, sed tu maiora capaci
 Concipies animo. Optatis maiora rependes.
 Iam sceptris Aurora tuis iam Vesper amicus
 Submittunt radios, paret domus utraque Phoebi,
 Igniuomos quaeque immittit, quaeque excipit axes.
- 30 At medii debetur adhuc tibi tertia Mundi
 Pars totum ut lustres ueluti Sol aureus orbem.
 Ergo dies sese felicibus exeret astris,
 Qua, Lusitanis iam dudum saucia telis,
 Afra Medusaeis generata cruoribus hydra,
- 35 Tergeminum cristata caput, te uindice, taetrum
 Euomet Elisiis conceptum faucibus Orcum.
 O quantum Libyae funus! Nemora ardua quanto
 Pondere procumbent! Saturati caede, leones
 Thraiciaeque cadent monstra auxiliaria tygres!
- 40 Ille etiam uastator aper, quem, rege subacto⁸⁵,
 Illudit terni fortuna nouissima regni,
 Ille tibi sternendus aper! Quae gaudia cepi,
 Non ignara, Tagi cum te prope litora uidi
 Grandia, torquentem puerili spicula dextra
- 45 Exertisque trucem figentem dentibus aprum.
 Quare orbis spes magna, parit non grandior aetas
 Omne decus. Primis te fama sequatur ab annis,
 Sit uitae sine nube tenor, sit cura tuendae
 Publica pacis, amor Martis studiumque Mineruae,
- 50 Dum pubescentis non flores uere iuuentae.

⁸⁵ Etiam ... subacto *ras. et tibi sternendus aper s. l. scrip.*

- 25 São grandes feitos estes, é certo, mas tu feitos maiores conceberás
com o teu ânimo capaz. Com feitos maiores compensarás os desejos.
Já a Aurora, já Vésper submetem amigavelmente os seus raios
aos teus ceptros; ambas as casas de Febo te obedecem,
quer a que envia os carros que vomitam chamas, quer a que os acolhe⁸⁶.
- 30 Todavia, ainda te é devida a terceira parte do meio do mundo,
para que, como o Sol áureo, percorras o orbe inteiro.
Mostrar-se-á, pois, com os felizes astros, o dia
em que, ferida já há muito pelos dardos lusitanos,
a hidra Africana⁸⁷ gerada dos cruores das Medusas⁸⁸,
- 35 com a tripla cabeça com crista, por ti castigada,
vomitará o hediondo Orco, concebido nas goelas elísias⁸⁹.
Oh que grande destruição, a da Líbia! Com que enorme peso, tombarão os
elevados bosques! Cairão os leões, saturados da carnificina⁹⁰,
e os tigres da Trácia, monstros auxiliares!
- 40 Também aquele javali devastador, que o mais recente sucesso
dos três reinos ilude, depois de vencido o rei,
esse javali deve ser derrubado por ti⁹¹! Que alegrias recebi,
não ignaras, quando te vi, junto às costas do Tejo,
brandindo grandes dardos com a tua dextra pueril
- 45 e trespassando um feroz javali de dentes salientes.
Por isso, ó grande esperança do orbe, uma idade não muito avançada
produz toda a glória. Que a fama te siga desde os primeiros anos,
que a tua vida decorra sem nuvem, que haja a preocupação
pública de proteger a paz, o amor de Marte e o zelo de Minerva,
- 50 enquanto não floresces na Primavera da juventude pubescente.

⁸⁶ v. *supra*, p. 113, n. 35.

⁸⁷ Trata-se, provavelmente, do monstro Gérion, constituído por três cabeças, filho de Crisaor, gerado do sangue da cabeça da Medusa, e Calírroe, filha de Oceano (Hesíodo, *Teogonia* 280-294; Grimal 1999: 183-184).

⁸⁸ Segundo a versão canónica do mito, Perseu decapitou Medusa e, da cabeça da górgona, nasceram Crisaor e Pégaso.

⁸⁹ Inferno.

⁹⁰ Intertextualidade com *Ov. Met.* 10.541.

⁹¹ Provável referência à situação histórica da altura: os animais identificados parecem referir-se às forças marroquinas e aos seus aliados, os otomanos; o javali será Mulei Abdelmaleque, que com a ajuda do irmão depôs o sobrinho, Mulei Mohammed, em 1576 (Farinha 1998: 132-133).

Non pernicis equi uolucrum compescere cursum,
 Nec labor aereum tibi sit conscendere montem,
 Aut longam rapidos in uallem flectere ceruos.
 Saetigeros crebris agita⁹² uenatibus apros⁹³,
 55 Impiger assiduis agita⁹⁴ uenatibus ursos!
 Est animi robigo quies: ignaua uoluptas
 Crescit et a dulci sumit fomenta quiete.
 Sed tamen auricomis⁹⁵ ubi iam flauescere malis f. 233r
 Incipies, Libyae tunc tunc incumbere tempus.
 60 Cum Marrochaeis minitans⁹⁶ lugubre colonis,
 Lurida sanguinei⁹⁷ rutilabit cauda cometae
 Et Massyleos, late bacchata, per agros,
 Oblita Getulis Discordia caedibus, ibit,
 Tunc acies et bella para; tunc mille carinis
 65 Id consterne fretum gemino quod litore clausum
 Separat Hispanae et Libycae confinia terrae.
 Ne tamen ignauis mens irreuocanda fatiscat
 Consiliis. Persiste, iubens. Queribunda ferendo
 Murmura discuties. Patiens terit omnia Virtus,
 70 Fortior una malis et morte potentior una.
 Arctoo Hesperias uallabis robore uires.
 Auxilio Rhenus ueniet conductus; Hiberus
 Sponte sua Tybrisque fluent mirantibus alueis
 Ad tua decliues torquebunt litora cursus.
 75 Cumque Tagis socias miscebunt fluctibus undas
 Vt Libyae satient arentes flumine campos.

⁹² agita ego: agitat cod., non cohaeret || agitat Pinto (2021).

⁹³ Apros ante ras. Ursos.

⁹⁴ v. supra, p. 154, n. 92.

⁹⁵ auri comis Pinto (2021).

⁹⁶ minitans ego: minitas cod., non cohaeret || minitas Pinto (2021).

⁹⁷ sanguine Pinto (2021).

Não tenhas como trabalho penoso refrear o galope volante
de um ágil cavalo, nem subir uma elevada montanha,
ou fazer inflectir os rápidos veados num extenso vale.
Persegue os javalis cerdosos em cerradas caçadas,
55 infatigável, persegue os ursos em incessantes caçadas!
O descanso é a ferrugem do espírito⁹⁸: o deleite ignavo
cresce e recebe incentivos do doce repouso.
Mas, contudo, quando começares já a alourar na barba dourada,
será, então, o tempo de fazeres pressão sobre a Líbia.
60 Quando, ameaçando sinistramente os lavradores marroquinos⁹⁹,
brilhar a lívida cauda do sanguíneo cometa¹⁰⁰
e a Discórdia, em grande delírio, avançar, banhada com a
carnificina dos Getulos, pelos campos massilos,
prepara, então, os exércitos e os combates; junca, então,
65 com mil navios o estreito de mar fechado que aparta
com duas costas os confins da terra Hispana e Líbica.
Mas, para que um propósito irrevogável não esmoreça
com conselhos ignavos, persiste, governando. Dissiparás murmúrios
lastimosos, suportando-os. A Virtude, paciente, tudo esmaga¹⁰¹,
70 só ela mais forte do que os males, só ela mais poderosa do que a morte.
Defenderás as forças Hespérias com a solidez do Arcto¹⁰².
O Reno virá, chamado em auxílio; o Ebro e o Tibre
fluirão, por sua vontade, e, com os seus leitos espantando-se,
desviarão para as tuas costas as suas correntes deslizantes
75 e misturarão as suas vagas aliadas às ondas do Tejo
para que saciem os campos ressequidos da Líbia com água corrente.

⁹⁸ Intertextualidade com Sen. *Ep.* 95.36.

⁹⁹ Marrocos, nome que mais tarde se estendeu a todo o território, era a designação de um dos reinos da região de acção portuguesa no Norte de África.

¹⁰⁰ Intertextualidade com Verg. *A.* 10.272-273. Poderá estar aqui subjacente uma referência ao cometa que primeiro se avistou nos céus a 7 de Novembro de 1577 para desaparecer a 12 de Janeiro de 1578 (em Portugal foi visível até 18 de Dezembro de 1577). Neste poema, provavelmente escrito pouco antes da partida para Alcácer-Quibir, a referência ao cometa segue a linha de pensamento dos aduladores de D. Sebastião, que viram no fenómeno um presságio a favor da empreitada no Norte de África, uma vez que era essa a direcção que o astro levava (Santos 1735: 374-375).

¹⁰¹ Intertextualidade com Baptista Mantuano, *Parthenice Mariana*, 1.470.

¹⁰² Intertextualidade com Mart. 5.68.

- O quanta undarum consurget mole superbus
 Et limo splendente Tagus! Sublimior altis
 Riparum aggeribus, diffuso gurgite, Poenis
 80 Urbibus exitium Libycisque minabitur agris.
 Sed postquam, iam classe ualens, fatale prioris
 Indueris scutum Alphonsi et succinxeris ensem,
 Ne plures innecte moras; te paxque fidesque
 Teque proauum spes prisca uocat, fauor altus Olympi,
 85 Te uocat utilitas et inexcusabile tempus.
 Solue rates niueisque¹⁰³ uolent per caerula uelis,
 Ceu densae ad pastum uolitant per inane columbae.
 Spes te praecedet felicibus excita pennis,
 Pone sequens ibit magno Victoria plausu.
 90 Vasta tridentigero rector maris aequora sceptro
 Sternet et inclusis Aquilo clementior Austris,
 Solus, aget puppes tua donec turbine nullo
 Incolumis Libyco potiatur litore classis.
 Neu dubita: uinces, ductorum maxime, uinces.
 95 Est armis uia nulla tuis imperuia: uinces.
 Confringes Aefrae leuitatis signa, Dianae
 Cornua; lunares consperges sanguine uultus.
 At uexilla crucis, tua signa, rubore carebunt,
 Quinque¹⁰⁴ Dei plagis radiata. His proelia uisis
 100 Languescunt taetricae cadet fiducia monstri.
 Et cecidisse minas, cecidisse leonibus ungues
 Aspicio, dentes apris et tigribus iras
 Cumque iubis toruas cecidisse in lumina frontes.

f. 233v

¹⁰³ niueis uolent *Pinto (2021)*.

¹⁰⁴ Quinque *ego*: Cumque *cod.*, non *cohaeret*. || Cumque *Pinto (2021)*.

Oh com que enorme massa de ondas e barro esplendente o soberbo
Tejo se elevará! Mais alto do que os elevados aterros
das margens, ameaçará de extermínio as cidades púnicas e
80 os campos Líbicos, espriando um turbilhão de água.
Mas, depois que, já valente com a armada, segurares o escudo
fatal do primeiro Afonso e cingires à cintura a espada¹⁰⁵,
não teças mais demoras; chama-te a paz e a fé, chama-te a primitiva
esperança dos antepassados, o alto favor do Olimpo,
85 chama-te a utilidade e o tempo inescusável.
Desprende os batéis e que eles voem pelos mares com velas níveas,
tal como as pombas voam pelo céu em grupo até às pastagens.
Preceder-te-á a Esperança, movida por asas de felicidade,
a Vitória seguirá no seu encalço, com grande aplauso.
90 O governador do mar acalmará os vastos oceanos com o seu tridente¹⁰⁶
e o Aquilão, mais clemente do que os Austros enclausurados,
empurrará, só ele, as popas, até que a tua armada, incólume,
tome posse da costa Líbica sem nenhuma tempestade.
Não duvides: vencerás, maior dos chefes, vencerás.
95 Não há via inviável às tuas armas: vencerás.
Quebrarás os cornos de Diana, insígnias da fraqueza Africana;
salpicarás de sangue as faces lunares.
Todavia, os estandartes da cruz, as tuas insígnias, carecerão de vermelho,
radiados com as cinco chagas de Deus. À sua vista
100 os combates elanguescerão e cairá a confiança do tétrico monstro.
Vejo que tombaram as ameaças, tombaram as garras aos leões,
os dentes aos javalis e a ira aos tigres
e, com as jubas, tombaram os cenhos ameaçadores para os olhos.

¹⁰⁵ D. Sebastião pretendia usar as armas de D. Afonso Henriques (Cruz 2006: 187, 264)

¹⁰⁶ Neptuno e seu tridente.

Auxilior¹⁰⁷, uictor, tua nec satiata ferinae
 105 Dextera caedis erit donec Maumethica grandi
 sylua fragore ruat, penitus mala semina flammis
 Debita Taenariis totumque a stirpe reuellas
 Exitiale genus Maumethen. Bactra fugatum
 Vltima suspicient, nec se iam prodere luci
 110 Audens, Caucaseis latitabit squalidus antris.
 Ipse, intra ripas dimisso flumine, Nilus
 Curret iners¹⁰⁸ sparsasque diu iam colliget undas;
 Contrahet imperium; non amplius obruet urbes;
 Obruet aestiuus alienos fluctibus agros.
 115 Quantus io latus¹⁰⁹ per rura, per oppida plausus!
 Quam laeto salient Hispana cacumina motu!
 Quasque polo grates diuini pastor ouilis,
 Laetitia perfusus, aget, cum uiderit ultro
 Pacem, laurigeris redimitam tempora sertis,
 120 Ire per Europam! Dextra praetendet oliuam
 Et laeua partum Libyca de gente trophaeum.
 Sed pastoralis capiet quae gaudia curae
 Cum plures addentur oues; cum maximus Atlas
 Qui modo siderea Caeli sub mole laborat,
 125 Et graue defessa pondus ceruice remittit,
 Tum leue, stelligeras umeris gaudentibus arces,
 Experietur onus; cum, pascua laeta ministrans,
 Pauerit innumero fidis cum matribus agnos
 Gramine diuino et caelesti flumine pingues!
 130 O longum spectata dies, quam tarda morantur
 Sidera! Quam segnis uotis Aurora rubescit!

f. 234r

¹⁰⁷ Auxilior *ego*: Insilior *cod.*, non *cohaeret*. || Insilior *Pinto (2021)*.

¹⁰⁸ [inanes*] *Pinto (2021)*.

¹⁰⁹ latis *Pinto (2021)*: latis *cod. cohaerere non uidetur*.

Eu ajudo-te, vencedor, e a tua dextra não se fatigará
 105 da ferina carnificina¹¹⁰ até que a floresta maométrica
 se precipite com grande fragor e arranques pela raiz
 as más sementes profundamente devidas às chamas do Ténaro¹¹¹,
 e toda a estirpe perniciososa de Maomé. A remota Bácia
 vê-la-á em fuga e, não ousando já apresentar-se à luz do dia,
 110 ocultar-se-á, imunda, nas cavernas do Cáucaso¹¹².
 Até o Nilo, com diminuta água corrente dentro das margens,
 correrá inerte e recolherá ondas já há muito esparsas;
 restringirá o poder, não mais inundará cidades,
 não mais inundará campos alheios com cheias de Verão.
 115 Quanto aplauso, ah, levado pelos campos e pelas cidades!
 Com que ledó movimento saltarão os cumes da Hispânia!
 E que graças dará ao Céu, inundado de regozijo,
 o Pastor do divino ovil¹¹³, quando contemplar por si
 a Paz com as tēmporas cingidas por grinaldas de loureiro
 120 a avançar pela Europa! A dextra estenderá um ramo de oliveira
 e a esquerda o troféu arrebatado à gente Líbica.
 Mas que alegrias dos cuidados pastoris receberá ele
 quando se acrescentarem muitas ovelhas; quando o enorme Atlas,
 que agora se esforça sob o peso sideral do Céu
 125 e alivia do pescoço cansado a pesada carga,
 experimentar então um leve peso, os ombros alegrando-se
 com as cidadelas estelíferas; quando, ministrando ledas pastagens,
 alimentar gordos cordeiros juntamente com as fiéis mães
 com o inesgotável pasto divino e a celeste água corrente!
 130 Ó dia há muito esperado, como demoram as constelações, tão lentas¹¹⁴!
 Com que votos tão lentos a Aurora se tinge de vermelho!

¹¹⁰ Intertextualidade com *Ov. Met.* 7.808-809.

¹¹¹ Promontório na Lacónia, conhecido por se acreditar que uma das suas grutas era a entrada para o mundo inferior.

¹¹² Intertextualidade com *Sil.* 4.331.

¹¹³ O papa é o chefe da Igreja, rebanho cristão.

¹¹⁴ Intertextualidade com *Stat. Silv.* 1.2.217-218.

Quare age! Te totus genitum sibi sentiat orbis,
 Aestiferis Libyae postquam sudaueris aruis.
 Te nunc, inuictum, reliquis accinge triumphis.
 135 Non tibi Christiadum, tibi non antiqua tuorum
 Gloria certabit patrum: te Lysia regem
 Aeternum sibi regna uolent; gaudebit uterque,
 Nunquam uictus auus magno cessisse nepoti.
 Sed prius arma, meis fidens hortatibus, Afrae
 140 Incute perfidiae. Quid agis? Quid tempora differs?
 Vna Christicolas omnes ulciscere plaga
 Iamque medere malis Australibus. Ipsa Libyssum
 In genus insurgam promissaque plena rependam.
 Nonne uides Afros, immania monstra, leones
 145 Supposuisse meis iamdudum colla sepulcris?”,
 Dixerat. Obstipuit suspensaue gaudia uocem
 Praeclusere diu. Tunc rex: “o Diua, fatebor
 Quicquid ero, quicquid de me sibi spondeat aether,
 Muneris esse tui: qua gaudia mente reporto,
 150 Quamque alacris refero laetis hortatibus aures!”
 Oscula tunc busto tria figens, inde recessit.
 Ex illo, coepit maior maiorque uideri:
 Non animum corpus, mentem sua non capit aetas,
 Punica regales transfert in proelia curas;
 155 Feruidus, urget opus totusque in imagine belli est.
 Iam semel impatiensque morae cupidusque triumphis,
 Vix exploratis replicauit carbasa uentis.

f. 234v

Por isso, vamos! Que o orbe inteiro te sinta gerado para si,
 depois que suares nas várzeas caloríferas da Líbia¹¹⁵.
 Dispõe-te agora, invicto, para os restantes triunfos.

135 Não competirá contigo a antiga glória dos Cristãos,
 nem a de teus pais; os reinos Lísios querer-te-ão
 como o seu rei eterno; ambos os teus avós, nunca vencidos,
 alegrar-se-ão de se reconhecerem inferiores ao grande neto.
 Mas antes, confiando nas minhas exortações, lança armas

140 contra a perfídia Afra. Que fazes? Porque adias a ocasião?
 De um só golpe, vinga todos os adoradores de Cristo
 e dá já remédio aos infortúnios austrais¹¹⁶. Eu própria levantar-me-ei
 contra a raça Líbia e compensarei plenamente as promessas.
 Não vês que desde há muito tempo leões afros,

145 monstros sem alma, colocaram o pescoço sob o meu sepulcro?”,
 Dissera. Ficou tomado de espanto e as alegrias em suspenso
 calaram-no por muito tempo¹¹⁷. Então o rei: “Ó Santa, confessarei
 que tudo o que eu for, tudo o que o éter garantir para si vindo de mim,
 é presente teu: com que estado de espírito reporto as alegrias,

150 e quão álacres levo os ouvidos de ledas exortações!”
 Então, fixando três beijos no sepulcro, afastou-se dali.
 Desde essa altura¹¹⁸, começou a parecer maior e maior:
 o corpo não segura o espírito, a idade não segura o pensamento¹¹⁹,
 transfere os seus cuidados régios para os combates púnicos;

155 pressiona, insistente, o trabalho e está todo possuído pela imagem da guerra.
 Ao mesmo tempo, já impaciente com a demora e desejoso do triunfo,
 desfralda as velas a ventos mal explorados¹²⁰.

¹¹⁵ Intertextualidade com Stat. *Silv.* 5.2.134.

¹¹⁶ A expressão *malis Australibus* pode referir-se a mártires cristãos que perderam as suas vidas no Norte de África, à perda de praças portuguesas em Marrocos (como Santa Cruz de Cabo de Guer) ou ao seu abandono (como Safim, Azamor, Alcácer Ceguer e Arzila) (Farinha 1999: 57-64).

¹¹⁷ Intertextualidade com Claudianus *Panegyricus in Probinus et Olybrii consulatum*, 234-235.

¹¹⁸ Intertextualidade com Verg. *A.* 2.169; Ov. *Met.* 3.394.

¹¹⁹ Intertextualidade com Stat. *Silv.* 5.2.14.

¹²⁰ Intertextualidade com Ov. *Met.* 9.592.

At Tingitanas subito delatus in oras,
 Cerbeream solo conspectu terruit hydram.
 160 Rursus inire fretum, rursus deducere classem
 Destinat, extremis rursus conatibus hydrae
 Bella parat. Libyae proh quanta mole per aequor
 Excidium properat! Ratibus freta concita feruent,
 Expumant rostris, uelis turgentibus albent,
 165 Icta sonant remis armisque micantibus ardent,
 Mille pauent longo quae pendent ordine signa
 Sublata in uentos longeque inimica minantur.
 Obstipet Oceanus. Pelagi terraeque potentem
 Agnoscit Dominum et tanto sub pondere gestit.
 170 Sed quis io sonus ille procul?! Non maior ab antris
 Lemniacis mugit, geminata tonitrua Caelo
 Accipio, nubes cerno per inania ferri
 Tartareas magnosque poli tabescere tractus.
 Scilicet incipiunt humiles accrescere montes
 175 Puppibus et Libycae iam prospectantur harenae.
 Mox caua terrificis metuenda boatibus aera
 Signa dedere uiae tortumque imitantia fulmen
 Intonuere globos procul eiiculata rigentes.
 Aestifero reboans fragor ingeminatur Olympo;
 180 Fumifer assiduis intermicat ignibus aer;
 Et percussa gemunt imo freta caerulea fundo.
 Proh quam triste pauens ululat! Quam flebile plangit
 Africa! Quam trepidant septem procul ostia Nili!
 At septem geminae resonant applausibus arces
 185 Et Lusitani responsant gaudia colles.

Todavia, desviado de repente para os litorais tingitanos¹²¹,
assustou a hidra de Cérbero apenas fazendo-se ver.

160 Decide de novo entrar no mar, de novo conduzir a armada,
de novo, em tentativas extremas, prepara combates contra a hidra.
Oh, com que dificuldade se apressa por mar a extinção da Líbia!
O mar ferve movimentado pelos batéis,
espuma com os rostros, branqueja com as velas enfunadas,

165 ressoa ferido pelos remos, com o brilho das armas arde,
assusta-se com os milhares de estandartes que estão suspensos
em longas filas erguidos aos ventos e, de modo hostil, ameaça ao longe.
Espanta-se o Oceano. Reconhece o poderoso senhor
do pélagos e da terra¹²² e exulta sob tanto peso.

170 Oh! Mas que som é aquele ao longe? Ele não ressoa mais forte
vindo das cavernas de Lemnos¹²³, do Céu duplos trovões
ouço, nuvens Tartáreas vejo transportadas pelos ares
e grandes extensões do firmamento a liquefazerem-se.
É claro, os montes humildes começam a erguer-se

175 e, das popas, já se avistam as areias Líbicas.
De imediato os terríficos canhões com mugidos assustadores
deram sinais da viagem e, imitando os sinuosos relâmpagos,
ribombaram, lançando de longe duras balas.
O estrondo duplica, ecoando no Olimpo calorífero;

180 o ar fumacento brilha a espaços com chamas contínuas;
e o mar de águas cerúleas geme ferido nas profundezas.
Oh, com que tristeza África apavorada ulula! Como chora
lamentavelmente! Como estremece ao longe as sete bocas do Nilo!
Todavia ressoam em aplausos as sete cidadelas gémeas¹²⁴

185 e as colinas lusitanas¹²⁵ ecoam alegrias.

¹²¹ De Tânger, cidade do Norte de Marrocos, ocupada pelos portugueses, após a fuga dos seus habitantes, em 1471. A primeira expedição de D. Sebastião ao Norte de África, em 1574, levou-o até às praias de Tânger (Farinha 1999: 72).

¹²² D. Sebastião.

¹²³ Era nas cavernas da ilha de Lemnos que Vulcano tinha a sua forja (Stat. *Silv.* 3.1.131-132).

¹²⁴ As sete colinas de Lisboa.

¹²⁵ As colinas da Lusitânia poderão ser a Arrábida a Sul, Montejunto a Norte e Sintra a Noroeste.

Ergo triumphales, gens Lysia, conde curules:

Victor erit rex, Reginae uictoria donum.

Portanto, gente Lísia, estabelece cadeiras curuis¹²⁶ de triunfo:
o rei será vencedor, a vitória um dom da Rainha.

¹²⁶ Símbolo de poder, assento usado pelos mais altos magistrados do Império Romano.

[LI]

De Regina

f. 237r

Ab eodem [Fratre Antonii Correa]

Vides ut altis stet niue clarior

[*strophae alcaicae*]

Thronis? Eoas lumine gemulas

[1578]

Regina caecat; late Olympi

Aemula sideribus residit.

- 5 Sedet, micanti fulgida iaspide;
Sedet pyropis in rutilantibus,
Aequalis astris Diua, caelo
Irradiant quotiens sereno.

Vide: smaragdis en uiridantibus¹²⁷

- 10 Procul coruscat sella elephantina,
Texta auro et ardenti saphyro,
Sanguineo uiolata suco.

Vide umbilicos quot digiti uibrent,

Quot unionum lumina dextera,

- 15 Quot laeua beryllos; coruscant
Chrysolitis decorata colla.

Quales nec Indo flumine candicant

Conchae, nec aureo turbat in agmine

Gemmas Hydaspes, seu quot Hermus

- 20 Gemmifero trahit altus alueo.

¹²⁷ rutilantibus *corr. in* uiridantibus.

[LI]

Sobre a Rainha

Irmão António Correia

Vês como se ergue em elevado trono
mais brilhante do que a neve? Com sua luz
a Rainha ofusca as jóias e as;
ela senta-se,
rivalizando em muito com as constelações do Olimpo.

5 Está sentada, fúlgida de jaspe¹²⁸ reluzente;
está sentada em piropos¹²⁹ rutilantes,
Santa em igualdade com os astros,
todas as vezes que irradiam no céu sereno.

Vede: eis que reluz ao longe a cadeira ebúrnea
10 com esmeraldas esverdeadas,
tecida de ouro e safira cintilante,
tingida de sucos sanguíneos.

Vede quantos pequenos anéis os dedos agitam,
quantos brilhos de pérolas a mão direita,
15 quantos berilos a esquerda; o pescoço
reluz decorado com crisólito¹³⁰.

Nem reluzem conchas assim nas águas correntes do Indo,
nem o Hidaspes revolve tais jóias
no aurífero curso, nem quantas o Hermo
20 profundo arrasta no seu leito gemífero.

¹²⁸ Pedra preciosa geralmente verde, mas que pode apresentar várias cores.

¹²⁹ Pedra preciosa de tom avermelhado.

¹³⁰ Pedra preciosa de tom verde-amarelado.

Quis hem per aulas, inclita caelitum
Regina, gemmas quis tibi texuit?
Sol! Nescit at; nescit in aulis
Empyreis dare Sol smaragdos.

25 Gemmare nescit Phoebus in aethere,
Ditare nescit sidera gemmulis.
Terras io terras metallo
Auriuomus locupletat aureo.

f. 237v

Sed o nouus iam Sol mihi fulgurat,
30 Regina, non caelo; nouus hesperi
Per regna fulget: nempe amica
Pauperies tibi, Diua, quondam.

Haec, qualis altis Phoebus ab Axibus,
Tellure uenas parturit aureas
35 Amnesque gemmis complet Indos,
Dum radios iacit, altor auri,

Sic nuda cordis Pauperies solet,
Tellure squallens, aemula lampadi
Titanis, aulas per supremas
40 Ceu Phaeton radiare caeli.

Titanas o o dissimiles poli
Terraeque, Phoebus, Pauperies: Duo
Soles coruscant. Felix quem secundus
Empyreis locupletat aulis.

Quem, ínclita Rainha dos habitantes do céu,
quem nos palácios te teceu jóias?
O Sol! Mas ele não sabe; o Sol não
sabe produzir esmeraldas nos palácios empíreos.

25 Febo não sabe revestir-se de jóias no éter,
não sabe enriquecer as constelações de pequenas jóias.
A terra, ah, a terra, ele, vomitando ouro,
enriquece-a com o metal dourado.

Mas, oh, já um novo Sol refulge para mim,
30 Rainha, não no céu; uma nova estrela da tarde
refulge no reino: precisamente a Pobreza,
Santa, outrora tua amiga.

Esta, tal como Febo no cimo do céu
gera na terra filões de ouro
35 e enche de jóias os Indos,
enquanto emite raios, alimentador de ouro,

Assim costuma a singela Pobreza do coração,
maltratada na terra, rival da lâmpada do Titã,
irradiar pela corte suprema,
40 como o Faetonte do céu.

Ó, ó Titãs diferentes do firmamento e da Terra,
Febo, Pobreza: dois sóis reluzem.
Feliz de quem é enriquecido pelo segundo
com os palácios empíreos.

Bibliografia

1. Estudos e fontes impressas

- Andrade, M. F. (2012). *Rainha Santa, Mãe Exemplar*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Amaral Jr., R. (2004). *Emblemática Lusitana e os Emblemas de Vasco Mousinho de Castelbranco*. Belgrado: s/n.
- Barbosa, M. J. S. (1994). “Os Jesuítas e o Ensino do Latim: Lições Actuais de uma Didáctica Impraticável”. *Classica* 20, 271-287.
- Barbosa, M. J. S. (1995). “Humanismo e práticas escolares: Um testemunho jesuítico quinhentista (Lisboa, BN, Cod. 3308)”. *Euphrosyne* 23, 401-421
- Barbosa, M. J. S. (1996). “Humanismo e práticas escolares: Um outro testemunho jesuítico quinhentista (Coimbra, BGU, Cod. 993)”. *Euphrosyne* 24, 405-424.
- Barbosa, M. J. S. (2009). “Introdução”. In *Teatro, tomo I: Sedecias*. ed., trad. e coment. M. J. S. Barbosa. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 5-44.
- Brill's New Pauly: Encyclopaedia of the Ancient World*, vols. 1, 5, 6, 8 e 14, ed. H. Cancik e H. Schneider (2003-2009). Leiden: Brill.
- Camões, L. (2006). *Os Lusíadas*, ed. A. J. Saraiva. Porto: Figueirinhas.
- Capela, J. (1960). *Santa Clara de Assis*. Braga: Editorial Franciscana.
- Cappelli, A. (1912). *Dizionario di Abbreviature Latini ed Italiani*. Milão: Ulrico Hoepli.
- Carvalho, J. V. (1991). “Jesuítas portugueses com obras filosóficas impressas nos séculos XVI-XVIII”. *Revista Portuguesa de Filosofia* 47, fascículo 4, 651-659.
- Castanho, M. C. (2012). *Santos e Milagres na Idade Média em Portugal: Santa Engrácia e São Félix*. Lisboa: Traduvárius.
- Castro, A. P. (1973). *Retórica e teorização literária em Portugal. Do Humanismo ao Neoclassicismo*. Coimbra: Centro de Estudos Românicos.
- Catechismus Romanus, ex decreto concilii tridentini, & Pii. V. Pontificicis Maximi iussu primum editus: ... (1587)*. Antuérpia: Ex officina Christophori Plantini.
- Clements, R. J. (1960). *Picta Poesis: Literary and humanistic theory in Renaissance emblem books*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura.
- Cruz, L. da (2009). *Teatro, tomo I: Sedecias*. ed., trad. e coment. M. J. S. Barbosa. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Cruz, M. A. L. (2006). *D. Sebastião*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores e Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa.
- Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, trad. F. Stein (1985). Petrópolis: Editora Vozes.
- Domingues, A. J. (2002). *Os clássicos latinos nas antologias escolares dos jesuítas nos primeiros ciclos de estudos pós-elementares no século XVI em Portugal*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Tese de Doutoramento.
- Farinha, A. D. (1998). “Norte de África”. In *História da Expansão Portuguesa*, vol. I, dir. F. Bethencourt e K. Chaudhuri. Lisboa: Círculo de Leitores, 118-136.
- (1999). *Os Portugueses em Marrocos*, Lisboa: Instituto Camões.
- Freches, C. (1964). *Le Theatre Neo-Latin au Portugal (1550-1745)*. Paris: Librairie A. G. Nizet.
- Gonçalves, F. R. (1966). *Vocabulário da Língua Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora.
- A Greek-English Lexicon: with a revised supplement*, comp. H. G. Liddell e R. Scott (1996). Oxford: Clarendon Press.
- Grimal, P. (1999). *Dicionário da Mitologia Grega e Latina*, coord. da ed. portuguesa V. Jabouille. Algés: Difel.
- Horácio (2008). *Odes*, trad. P. B. Falcão. Lisboa: Cotovia.
- Horatius Flaccus, Q. (1984). *Opera*, ed. Stephan Borzsák. Leipzig: B. G. Teubner.
- Houaiss, A., M. S. Villar (2005). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, tomo XII. Lisboa: Temas e Debates.

- Knox, P. E. (2013). “Language, Style, and Meter in Horace”. In *Brill’s Companion to Horace*, ed. H.-C. Günther. Leiden: Brill, 527-546.
- Lewis, C. e C. Short (1989). *A Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press.
- Lopes S.J., J. M. M. (2018). “A *Ratio Studiorum*, um modelo pedagógico”. In *Ratio Studiorum da Companhia de Jesus (1599): Regime Escolar e Plano de Estudos*, introd., trad. e notas M. Miranda, pref. L. F. Klein. Braga: Axioma, lv-cii.
- Miranda, M. (2006). *Teatro nos Colégios dos Jesuítas — A Tragédia de Acab de Miguel Venegas, S. I, e o início de um género dramático (século XVI)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Miranda, M. (2018). “*Ratio Studiorum*: uma nova hierarquia de saberes”. In *Ratio Studiorum da Companhia de Jesus (1599): Regime Escolar e Plano de Estudos*, introd., trad. e notas M. Miranda, pref. L. F. Klein, S.J. Braga: Axioma, xxi-liv.
- Miranda, M. (2019). *Miguel Venegas and the Earliest Jesuit Theater*. Leiden: Brill.
- Monumenta Paedagogica Societatis Iesu 1557-1572*, ed. L. Lukács S. J. (1974), vol. II e III. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu.
- Nascimento, A. A. (2000). “*Laudes Studiorum*: O humanismo jesuítico dos primórdios (no cenário de Anchieta e da *Ratio Studiorum*)”. In *Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra — Colégio das Artes da Universidade (1548-1998)*, vol. 1, org. S. T. Pinho e L. N. Ferreira. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 39-63.
- O’Neill S. I., C. E. e J. M. Domínguez S. I. (dir.) (2001). *Diccionario Histórico de la Compañia de Jesus*, vols. I, II, III e IV. Madrid: Universidad Pontificia Comillas.
- The Oxford Classical Dictionary*, ed. S. Hornblower e A. Spawforth (1996). Oxford: Oxford University Press.
- Oxford Latin Dictionary*, ed. P. G. W. Glare (1968). Oxford: Clarendon Press.
- Pinho, S. T. (2005). “Um códice latino da literatura jesuítica quase desconhecido: o Cód. 1963 da Livraria dos Manuscritos dos ANTT”. *Humanitas* 57, 351-382.
- Pinto, A. G. (2014). *Padre Manuel Álvares S. J. — Obra Literária Completa*. Lisboa: Esfera do Caos.
- (2021). *Os Jesuítas Portugueses e a Literatura Novilatina (séc. XVI): Antologia e estudos*. Lisboa: Theya Editores.
- Pontes, J. M. C. (1981). “António de Sena: Um português na história do tomismo”. In *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, vol. IV. Braga: s.n., 83-106.
- Prou, M. (1890). *Manuel de Paléographie*. Paris: Alphonse Picard.
- Ratio Studiorum da Companhia de Jesus (1599): Regime Escolar e Plano de Estudos*, introd., trad. e notas M. Miranda, pref. L. F. Klein (2018). Braga: Axioma.
- Règles et recommandations pour les éditions critiques (série latine)* (1972). Paris: Les Belles Lettres.
- Rosário, Frei D. (1681). *Flos Sanctorum ou historia das vidas de christo e sua santissima mãe e dos santos e suas festas*, vol. I. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes.
- Santos, Frei M. (1735). *Historia Sebastica: contem a vida do Augusto Principe o Senhor D. Sebastião, Rey de Portugal, e os sucessos memoraveis do Reyno, e conquistas no seu tempo, dedicada a Elrey N. Senhor D. João V*. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galram: a custa de Francisco da Sylva, Livreiro da Academia Real, e dos Senados de Lisboa Occidental, e Oriental, disponível em <https://purl.pt/405>, consultado a 20/07/2021.
- Serrão, J. V. (pref. Compilação e notas) (1987). *Itinerários de El-Rei D. Sebastião (1568-1578)*. Lisboa: Academia Portuguesa da História e Fundação Calouste Gulbenkian.

- Sheets, G. A. (2007). “Elements of Style in Catullus”. In *A Companion to Catullus*, ed. M. B. Skinner. Malden: Blackwell Publishing, 190-211.
- Silva, V. M. A. (2010). *Teoria da Literatura*. 8.^a ed., Coimbra: Livraria Almedina.
- Sommervogel, C. (1960). *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus* [reprodução fac-similada da edição de 1890-1909], vols. I, II, V, VI, VII e VIII. Bruxelas: Martino.
- Soares, N. N. C. (1994). *O Príncipe Ideal no Século XVI e a Obra de D. Jerónimo Osório*. Coimbra: Imprensa de Coimbra.
- Sullivan, J. P. (1999). *Martial: the unexpected classic: a literary and historical study*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Teixeira, A. J. (1899). *Documentos para a História dos Jesuítas em Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Textor, R. (1616). *Epitheta Ioannis Ravisii Textoris Nivernensis, quibus accesserunt De prosodia libri III, quos Epithetorum proposuimus operi*. Lyon: apud Claudium Cayne.
- Toipa, H. (2002). “O papel dos jesuítas no culto da Rainha Santa, em meados do séc. XVI. A obra de Pedro João Perpilhão, S. I.”. In *Universidade Católica Portuguesa – 20 anos de estudos humanísticos em Viseu*, org. A. Fernandes. Viseu: Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira, 71-114.
- (2003). “A *ratio studiorum* do Colégio das Artes, nos primeiros anos em que esteve sob orientação da Companhia de Jesus (1555-1561)”. *Didaskalia* 33, 649-673
- (2012). “As fontes históricas do *De Vita et Moribus B. Elisabethae Lusitaniae Reginae*, de Pedro João Perpilhão. O conflito entre D. Dinis e seu filho e a intervenção de D. Isabel”. *Máthesis* 21, 27-56.
- (2017). “*De ratione liberorum instituendorum litteris Graecis et latinis* de Pedro Perpilhão: na génese da *Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus”. In *Legado clássico no Renascimento e sua receção: contributos para a renovação do espaço cultural europeu*, coords. N. N. C. Soares e C. Teixeira. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 353-373.
- Urbano, C. M. (2006). “S. Francisco Xavier e a poesia hagiográfica novilatina em Portugal”. *Humanitas* 58, 369-390.
- Vandiver, E. (2007). “Translating Catullus”. In *A Companion to Catullus*, ed. M. B. Skinner. Malden: Blackwell Publishing, 523-541.
- Vasconcelos, A. (1993). *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa)* [reprodução fac-similada da edição de 1891-1894], vol. I. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra.
- West, M. L. (1973). *Textual Criticism and Editorial Technique: applicable to Greek and Latin texts*. Estugarda: B. G. Teubner.

2. Fontes manuscritas

- Arquium Romanum Societatis Iesu*, coleção *Lusitania*, 39, 43IIa e 43IIb.
- Rerum Scholastocarum, quae a patribus ac fratribus huius Conimbricensis Collegii scripta sunt. Tomus primus*. Biblioteca Nacional de Portugal, cod. 3308.
- Rerum Scholastocarum, quae a patribus ac fratribus huius Conimbricensis Collegii scripta sunt. Tomus secundus*. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, ms. 993.

Apêndice: sínteses biográficas dos autores

Antão ou António Galvão

“Natural del ...¹, entro a 22 de Enero de 1567. Es de edad de 14 anos. Estudiava en el 1º curso”². Em 1568 estava no Colégio de Évora; no catálogo de 1578 surge como “leyente” da quinta classe e, em 1579, como professor da segunda classe. Por não constar nas fontes oficiais da Companhia, deverá ter saído, licenciado ou expulso³.

É autor dos poemas XL a XLIX.

António Correia

Natural de Estremoz, entrou na Companhia de Jesus a 22 de Janeiro de 1567, com 15 anos, onde começou a frequentar a primeira classe de Humanidades. Em 1568 estava no Colégio de Évora. Em 1576 era professor da sexta classe e, em 1579, mestre da terceira classe de Humanidades no Colégio das Artes, em Coimbra, ano em que compôs o discurso de louvor à Rainha Santa Isabel (BGUC ms. 993 ff. 448-453v)⁴.

É autor do poema LI.

Belchior ou Melchior de Barros

Natural de Lamego, entrou para a Companhia de Jesus em Janeiro de 1567, com 16 anos, como aluno da primeira classe de Humanidades. Em 1568 estava no Colégio de Évora. Em 1571 estava no segundo curso de Dialéctica no Colégio das Artes e, em 1572, no terceiro curso. Em 1578 foi licenciado da Companhia⁵.

É autor dos poemas XXXVI e XXXVII.

Cipriano Soares

Nasceu em 1524 em Ocaña, Madrid, e entrou na Companhia de Jesus em 1549. Em 1553, ocupou-se da cátedra de Retórica no Colégio de Santo Antão em Lisboa, de onde partiu em Agosto de 1555 para Coimbra, ficando encarregado da primeira classe de Humanidades no Colégio das Artes. Doutorou-se em Teologia, em Évora, em 1566 e, entre 1571 e 1575, foi reitor do Colégio de Braga. Ainda no ano de 1575 aparece

¹ Os borrões no fólho impossibilitam a leitura do local de nascimento.

² *ARSI Lus.* 43IIa, f. 331.

³ Informações recolhidas em *ARSI Lus.* 39 f. 3; 43IIa, ff. 330, 331; 43IIb, f. 509.

⁴ Informações recolhidas em *ARSI Lus.* 39 f. 3; 43IIa f. 331; 43IIa f. 330; 43IIb f. 509.

⁵ Informações recolhidas em *ARSI Lus.* 43IIa ff. 330v e 331; 43IIb ff. 415v, 449, 522 e 523.

novamente nos catálogos do Colégio de Coimbra como pregador e confessor. Em 1580, deixa definitivamente Portugal. Faleceu em Placência, Espanha, em 1593. A sua principal obra, *De Arte Rhetorica libri tres ex Aristotele, Cicerone et Quintiliano*, foi publicada em Coimbra em 1562⁶.

É autor dos poemas XXXI e XXXII.

Cosme de Magalhães

Nasceu em Braga no ano de 1551 e em 1567 entrou na Companhia de Jesus. Em 1568 era noviço e em 1569 aparece como estudante da segunda classe de Humanidades no Colégio de Coimbra. Em 1571 era ouvinte no primeiro curso de Dialéctica e em 1572 frequentava o segundo curso de Casos. No ano de 1575 era professor da quinta classe ainda em Coimbra. Em 1576 estava no Colégio de Santo Antão como professor da terceira classe e, em 1579, como professor da primeira classe. Manteve-se na docência até 1580, ano em que proferiu o discurso das exéquias fúnebres do cardeal D. Henrique; começou então a estudar Teologia, curso que terminou em 1584. Entre 1585 e 1593, ensinou Teologia Moral em Lisboa e, entre 1601 e 1605, foi professor de Sagrada Escritura em Coimbra. Faleceu nessa cidade no ano de 1624. Fora prefeito de estudos nos colégios de Lisboa, Braga e Coimbra e superior da residência de Sanfins. Escritor de muito mérito, destacou-se, sobretudo, nas áreas da Filosofia, com o comentário do *De Anima* de Aristóteles, e da Sagrada Escritura, com comentários a alguns livros do Antigo Testamento⁷.

É autor do poema XXXIX.

João de Madureira

Natural do Porto, nasceu em 1548 e entrou na Companhia de Jesus em 1561. No ano de 1566 consta dos alunos do primeiro curso no Colégio das Artes e em 1569 aparece na lista de alunos do segundo curso. Em 1572 era mestre da quarta classe e em 1575 e 1576 era aluno do curso de Teologia. A última informação disponível quanto à sua estada no Colégio das Artes é de 1579, ano em que consta da lista de oficiais como “diacono, no tiene officio”. Foi também prefeito e reitor do Colégio de Santo Antão em Lisboa. Morreu

⁶ Informações recolhidas em *ARSI Lus.* 43IIb, f. 479v; Castro (1973: 36); O’Neill e Domínguez (2001: IV, 3593); Miranda (2006: 53); Toipa (2002: 77-79); Sommervogel (1960: VII, 131-133).

⁷ Informações recolhidas em *ARSI Lus.* 39 f. 1v; 43IIa ff. 320, 325, 328 e 346v; 43IIb f. 415v; 43IIb ff. 449v, 488 e 508v; Carvalho (1991: 656-657); O’Neill e Domínguez (2001: III, 2467-2468); Sommervogel (1960: V, 305-307).

em 1601 na costa da Biscaia. A sua obra de maior relevo parece ser um poema heróico sobre o Padre Inácio de Azevedo e seus companheiros, cujo paradeiro hoje se desconhece⁸.

É autor dos poemas XXXV e L.

Luís da Cruz

Nasceu em 1543, em Lisboa. Em 1558 entrou na Companhia de Jesus e estudou teologia em Coimbra e em Évora. Em 1563, concluídos os estudos, vai para o colégio de Braga, onde começa o magistério na primeira classe. Em 1566, regressa a Coimbra e aparece nos catálogos do *ARSI* como oficial, ajudante na cozinha, do Colégio das Artes, e em 1567 era professor da segunda classe. De 1568 a 1571 foi professor da primeira classe no mesmo colégio. No ano seguinte aparece como ouvinte de Teologia (sendo, por isso, substituído por Manuel de Góis na condução da classe mais alta de Humanidades), mas em 1575 volta a ocupar o cargo de professor da primeira classe e ensina a cátedra das Sagradas Escrituras. Em 1585, é enviado para o Colégio de Bragança, onde permanece quatro anos, como castigo por se ter declarado apoiante da causa de D. António, Prior do Crato. Em 1597 foi publicada a sua interpretação poética do Livro dos Salmos. Faleceu em Coimbra em 1604. Postumamente, em 1605, foi publicada em Lyon a sua obra teatral no volume *Tragicæ comicæque actiones*, que inclui as tragicomédias *Prodigus*, *Vita Humana*, *Iosephus* e *Manasses*, a tragédia *Sedecias* e a écloga *Polychronius*. Compôs ainda dois discursos de louvor à Rainha Santa Isabel (o de 1570 e o de 1576) e vários poemas que constam nos códices da colecção *Rerum Scholasticarum*⁹.

É autor do poema XXX.

Manuel Álvares

Nascido em 1526 na Ribeira Brava, Madeira, entrou para a Companhia de Jesus em 1546. Em 1555 era professor da terceira classe em Coimbra e, em 1558 e 1559, professor de Hebraico no mesmo colégio. No ano de 1566 é consultor no Colégio das Artes de Coimbra. Foi reitor do Colégio das Artes de Coimbra entre 1561 e 1566, da Universidade de Évora em 1573 e do Colégio de Santo Antão de Lisboa em 1574 e 1575.

⁸ Informações recolhidas em *ARSI Lus.* 39, f. 3v; 43IIa, ff. 272v, 346 e 348; 43IIb, ff. 449v, 480, 488 e 508v; Sommervogel (1960: V, 280).

⁹ Informações recolhidas em *ARSI Lus.* 43IIa f. 273v, 312 e 324v; 43IIb ff. 415v, 449 e 479v; O'Neill e Domínguez (2001: II, 1015); Sommervogel (1960: II, 1709-1710); Freches (1964: 241); Barbosa (2009: 5-8).

Celebrizou-se pela sua gramática, *De institutione grammaticae libri tres*, publicada em 1572 e objecto de inúmeras edições em todo o mundo¹⁰.

É autor dos poemas II a XVII, XXXIII e XXXIV.

Miguel Venegas

Nasceu a 29 de Setembro de 1529 em Ávila e terá chegado a Portugal em 1555. No ano lectivo de 1558/1559, é mestre da segunda classe em Coimbra. Vai para Roma em 1562 e em 1567 é despedido da Companhia a seu pedido. Depois disso, viria a celebrar-se como professor de retórica e dramaturgo na Universidade de Salamanca. Além de produções inéditas em prosa e verso, constantes no cod. 3308 (BNP), compôs as tragédias *Achab* e *Saul Gelboaeus*, representadas não só em Portugal mas também noutros colégios jesuítas da Europa¹¹.

É autor dos poemas XVIII a XXIX.

Pantaleão da Ponte

Através dos instrumentos disponíveis, não foi possível averiguar a origem deste jesuíta. Por não constar nas obras de maior relevância, como o *Ano Santo* ou *Sommervogel*, não terá ganhado especial relevância dentro da Companhia, tendo sido licenciado ou despedido desta. Sabe-se, no entanto, que em 1566 era noviço em Coimbra; portanto, terá entrado nesse ou no ano anterior. Durante os anos de 1567 e 1568 foi aluno, ainda noviço, da oitava classe de Humanidades no Colégio das Artes. Em 1569 estava na quarta classe e em 1571 era ouvinte da primeira classe, tendo como professor Luís da Cruz. Em 1572 começou o primeiro curso e em 1575 estava no quarto curso¹².

É autor do poema XXXVIII.

Pedro Perpinhão

Nasceu em Elche, Valência, em 1530. Em 1551 entrou na Companhia de Jesus. Começou a ensinar no Colégio de Santo Antão em Lisboa em 1553. Em 1555 foi enviado de Évora para Coimbra, onde ficou responsável pela segunda classe. Em 1558 e 1559 era

¹⁰ Informações recolhidas em *ARSI Lus.* 43IIa, ff. 272, 274 e 383v; O'Neill e Domínguez (2001), vol. I, p. 90; Toipa (2002), pp. 77-79; *Sommervogel* (1960: I, 223-249).

¹¹ Informações recolhidas em *ARSI Lus.* 43IIa, f. 383v; Miranda (2006: 29-102); Miranda (2019), pp.3, 15-16, 20, 24, 30, 48-50, 52-55; *Sommervogel* (1960: VIII, 557-561).

¹² Informações recolhidas em *ARSI Lus.* 43IIa ff. 274, 312v, 317v, 324v e 346v; 43IIb f. 415v, 449v, 479v e 488.

mestre da primeira classe em Coimbra, cargo que desempenhara em anos anteriores. Em 1560 regressou Évora onde cursava Teologia quando, no mesmo ano, foi chamado a Roma para aí continuar a docência. Da sua obra, refiram-se os discursos, que o celebrizaram, editados (pouco depois da morte) no volume *Orationes duodeuiginti*, o opúsculo *De ratione liberorum instituendorum litteris Graecis et Latinis*, sobre o plano de estudos do Colégio das Artes entre 1555 e 1561, e uma biografia da Rainha Santa Isabel¹³.

É autor do poema I.

¹³ Informações recolhidas em *ARSI Lus.* 43IIa, f. 383v; O'Neill e Dominguez (2001: III, 3099); Nascimento (2000: 52); Toipa (2002: 77-79; Sommervogel (1960: VI, 547-554).